

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



Reflexão sobre aspetos de variação linguística na  
tradução de *Sula*, de Toni Morrison

Nuno Miguel Faria Santos

Trabalho de projeto orientado pela Prof.<sup>a</sup> Doutora Madalena  
Colaço, especialmente elaborado para a obtenção do grau de  
Mestre em Tradução

2019

## Resumo

Trabalho realizado como comentário ao processo de tradução de que resulta, o presente relatório constitui uma reflexão sobre o ato de tradução da obra *Sula*, de Toni Morrison, para Português Europeu.

Ao ter como questões de fundo a variação linguística, a literatura e, incontornavelmente, a tradução, a transposição e a recriação das características que marcam o discurso padrão e não padrão das personagens no texto de partida são aspetos centrais debatidos ao longo do presente relatório. Deste modo, do uso do Inglês Padrão e do African American English, no original, ao Português Europeu e a algumas características inspiradas no Português de Angola, na tradução, os paradigmas tradutórios adotados ao longo do tempo e os usos sociolinguísticos de uma língua ou de variedades de uma mesma língua são também alguns dos temas tratados.

Assim, como forma de refletir estes aspetos na proposta de tradução, a compensação, estratégia de tradução adotada, enquadra-se numa perspetiva estrangeirizante à tradução, e é analisada, num primeiro momento, de um ponto de vista teórico, servindo, depois, num último momento, de ponto de partida para a análise dos resultados do processo de tradução, o qual teve sempre como principal objetivo a fidelidade para com o estilo de Morrison e o valor literário do romance *Sula*.

Palavras-chave: tradução; variação linguística; African American English; discurso padrão; discurso não padrão

## Abstract

A work carried out as a comment on the translation process from which it results, this essay is a reflection on the translation of Toni Morrison's *Sula* into Portuguese.

Having language variation, literature and, inevitably, translation, in their background, the transposition and recreation of features, that mark the characters's standard speech and nonstandard speech in the source text, are fundamental issues discussed throughout this essay. This way, from the usage of Standard English and African American English in the original text, to European Portuguese, and the use of some features inspired by Angolan Portuguese in the translation, the translation paradigms adopted over time and the sociolinguistic uses of a language or of a variety of a same language are also some of the subjects addressed in the essay.

Therefore, as a way of reflecting these issues in the translation proposal, compensation - the adopted translation strategy - fits into a foreignizing perspective on translation, which is initially analyzed from a theoretical standpoint, working afterwards as the starting point for the translation process result's analysis, thus being faithfulness to Morrison's style and *Sula*'s literary value the primary focus of the abovementioned translation process.

Keywords: translation; language variation; African American English; standard speech; nonstandard speech

## **Lista de abreviaturas**

PE – Português Europeu

AAE – African American English

SE – Standard English

PA – Português de Angola

## Lista de tabelas

Tabela 1 – Formas contraída e não contraída do verbo “*be*”, no *simple past* e *present simple*

Tabela 2 – Cronologia com as personagens Helene, Nel, Eva, Hannah e Sula, e informações correspondentes, da obra *Sula*

Tabela 3 – Fenómenos do AAE e do PA descritos no relatório, e sua correspondência

Tabela 4 – Quantificação dos resultados relativos ao processo de manipulação textual dos tipos de sequência de texto “diálogo” e “citação”

## **Agradecimentos**

À minha família por me ter dado uma primeira oportunidade no mundo.

Aos colegas que se tornaram amigos.

À minha orientadora por toda a paciência que teve comigo, pelo seu entusiasmo em relação ao meu trabalho, por toda a motivação que me deu e por tudo o que me ensinou.

Ao Professor Tjerk Hagemeijer pela sua disponibilidade e ajuda.

Às minhas professoras por tudo o que me ensinaram e pelas oportunidades que me deram.

A todos os outros que, de uma forma ou de outra, me permitiram chegar até aqui e me deram apoio ao longo dos anos.

À pessoa que, por toda a força e inspiração que me deu, em todos os momentos, este trabalho também pertence.

À pessoa que, quando já na reta final deste capítulo da minha vida, me permitiu atingir o primeiro e último objetivo que me faltava alcançar com tudo isto.

Obrigado a todos.

# Índice

Lista de abreviaturas .....	iii
Lista de tabelas .....	iv
Agradecimentos .....	v
Introdução .....	1
Capítulo I: Apresentação da autora e da obra .....	5
1.1 Toni Morrison .....	6
1.2 <i>Sula</i> .....	7
Capítulo II: Variação linguística e tradução .....	10
2.1 Nota introdutória .....	11
2.2 Variação linguística e <i>code-switching</i> .....	13
2.3 O African American English como uma variedade do Inglês .....	18
2.4 Variação linguística na tradução literária .....	22
2.4.1 Processos e estratégias de tradução de variedades não padrão .....	25
Capítulo III: Caracterização das variedades trabalhadas: African American English e Português de Angola .....	35
3 Características específicas do African American English .....	36
3.1 Sintaxe .....	36
3.1.1 Verbos auxiliares: “ <i>be</i> ”, “ <i>have</i> ” e “ <i>do</i> ”, e verbos modais “ <i>will</i> ” e “ <i>would</i> ” .....	37
3.1.2 Verbos de operação aspetual: “ <i>be</i> ”, “ <i>BIN</i> ” e “ <i>dən</i> ” .....	45
3.1.3 Concordância negativa .....	62
3.1.4 Construções existenciais com “ <i>it</i> ” e “ <i>dey</i> ” .....	66
3.2 Morfologia .....	68
3.2.1 Passado e sufixos “-ed” e “-en” em verbos regulares e irregulares ...	68
3.2.2 Marcação do genitivo .....	72
4 Características específicas do Português de Angola .....	74
4.1 Sintaxe .....	75
4.1.1 Concordância sujeito-verbo .....	75
4.1.2 Concordância nominal e adjetival .....	77
4.1.3 Negação .....	79
4.1.4 Passiva .....	81

4.2 Morfologia .....	83
4.2.1 Hipergeneralização do paradigma regular dos verbos .....	83
4.2.2 Padrões de colocação de pronomes clíticos .....	85
4.3 Fonologia .....	87
4.3.1 Contração e redução .....	88
4.3.2 Aglutinação .....	90
4.3.3 Metátese .....	92
4.3.4 Supressão de segmentos finais .....	93
Capítulo IV: Opções de tradução.....	96
5 Estratégia de compensação .....	97
6 Opções de tradução para Sula .....	99
6.1 Formas de tratamento em Inglês e em Português .....	101
6.1.1 Formas de tratamento no original e na tradução .....	104
6.2 Discurso padrão .....	111
6.3 Discurso não padrão .....	121
6.3.1 Correspondência entre African American English e Português de Angola .....	122
6.3.2 Fenómenos genéricos .....	127
6.3.3 Fenómenos específicos .....	136
Conclusão .....	148
Bibliografia .....	152
Sitografia .....	161



# **Introdução**

O presente trabalho de projeto é realizado no âmbito do Mestrado em Tradução pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e tem como base a minha proposta de tradução, para Português Europeu (PE), do romance *Sula*, escrito, em Inglês, pela autora Toni Morrison.

No processo de seleção do “texto” a traduzir, após ponderar várias questões, a escolha recaiu sobre um texto literário, narrativo, neste caso, por motivos que se prendiam com a diversidade de desafios colocados pela Tradução Literária, e por este romance em particular, os quais considerei que seria interessante tratar num trabalho de projeto. No caso da obra *Sula*, apesar de já a ter estudado a nível dos Estudos Literários, em termos de Tradução, o ato da tradução exigia uma abordagem diferente, sob o prisma de uma outra disciplina, que, pela riqueza e pelas dificuldades do texto, me permitiria ter uma visão diferente da obra, nova e mais abrangente. Para além disso, apesar de, em Portugal, terem sido publicados cinco romances da autora até à data (2019), só um deles, *Beloved*, data do século XX, de 1987, para ser mais específico. Os restantes quatro representam a obra da autora do novo milénio, deixando, assim, mais de metade da sua obra sem publicação nacional. Desta forma, a ideia seria a de que, ao traduzir o segundo romance de Morrison, de 1973, estaria a contribuir para que, se um dia publicada, a tradução permitisse divulgar mais a obra da autora no espaço nacional, servindo, ao mesmo tempo, o propósito deste trabalho de projeto, que é, fundamentalmente, apresentar os problemas de tradução de um texto e as soluções encontradas para esses mesmos problemas. Para além disso, apesar de existirem algumas publicações e trabalhos académicos no Brasil, e em Portugal, sobre outras obras da autora, e respetiva tradução, após consulta dos mesmos, esse número, ainda reduzido, de literatura da especialidade, pareceu-me demasiado escasso para responder a muitas das minhas questões, até porque quase nenhum trabalho apresentava uma solução concreta. Por conseguinte, ao proceder à tradução integral de um romance ainda inédito em Português, e consequente realização de um trabalho sobre os problemas colocados, com este projeto, estaria a dar um contributo para a área, ajudando, no futuro, leitores deste trabalho caso se deparassem com desafios semelhantes.

O trabalho de projeto que se segue foi construído com base numa interligação entre aspetos literários, culturais, linguísticos e tradutórios, os quais procurei que vivessem na proposta de tradução. O problema da variação linguística na tradução, que

pode englobar todos estes aspetos, acabou por ser o grande tema deste projeto, estando presente, de uma forma ou de outra, por todo o trabalho.

Este trabalho de projeto divide-se em quatro capítulos, os quais passo a apresentar, sucintamente, em seguida.

No primeiro capítulo, “Apresentação da autora e da obra”, farei uma breve apresentação de Toni Morrison, descrevendo alguns aspetos pertinentes da sua vida enquanto autora, bem como algumas características da sua escrita. Paralelamente, apresentarei a obra traduzida, em termos de história, estrutura, estilo, temática e usos da língua.

O segundo capítulo, denominado “Variação linguística e tradução”, abordará, primeiramente, a variação linguística do ponto de vista da Sociolinguística, definindo-se conceitos dessa área e o processo de *code-switching*. Por sua vez, nesse âmbito, a secção seguinte abordará o African American English (AAE), enquanto variedade do Inglês, sendo essa, a par do Standard English (SE), uma variedade presente no texto de partida. Tendo em conta a problemática da tradução do AAE, nas últimas secções do capítulo, contextualizarei a variação linguística na tradução literária, em geral, e na tradução de variedades não padrão para PE, em particular. Nesse seguimento, apresentarei processos e estratégias de tradução de variedades não padrão, ilustrando-os com alguns exemplos, incluindo exemplos dos romances de Morrison previamente traduzidos para PE e respetivo comentário crítico. Por fim, apresentarei os tipos de sequência de texto existentes em *Sula*, em matéria de discurso padrão e não padrão, e a sua importância para a narrativa, assim como o papel que tem a compensação enquanto solução tradutória, quando aplicada à tradução do discurso não padrão. Na última parte, justificarei a minha escolha do Português de Angola (PA) como variedade escolhida como ponto de partida para a reconstrução de características linguísticas do AAE no texto de chegada, sendo o AAE a variedade usada para representar o discurso não padrão no texto de partida.

O terceiro capítulo, “Caracterização das variedades trabalhadas: African American English e Português de Angola”, encontrar-se-á dividido em duas partes: na primeira, apresentarei, em pormenor, características do AAE, algumas existentes em *Sula*, outras não existentes, mas retratadas, frequentemente, na literatura da especialidade; na segunda, apresentarei características específicas do PA, focando-me,

contudo, nas que serviram de base à estratégia de compensação e que, por isso, apresentam aspetos comuns, ou semelhantes, a algumas das características do AAE.

O quarto capítulo, “Opções de tradução”, último deste trabalho de projeto, terá a finalidade de apresentar os resultados da prática de tradução, em matéria dos tipos de sequência textual alvo de análise ao longo do trabalho. Explorarei, um pouco mais aprofundadamente, a estratégia de compensação. Adicionalmente, fundamentarei teoricamente o uso de determinadas formas de tratamento em Português, e as mudanças que resultam do facto de, em Inglês, o sistema de formas de tratamento ser diferente na língua. Já nessa secção, apresentarei exemplos retirados da minha proposta de tradução. Na secção “Discurso Padrão”, apresentarei resultados referentes à tradução do discurso padrão das personagens, a nível dos tipos de sequência “narração” e “pensamento”. A última grande secção, “Discurso não padrão”, abará a correspondência estabelecida entre traços característicos do AAE e do PA, bem como traços característicos da oralidade, tendo-se estruturado a apresentação das soluções tradutórias para os tipos de sequência “diálogo” e “citação” com base em fenómenos genéricos e fenómenos específicos. Estes fenómenos foram aplicados, na tradução, com base na estratégia de compensação e numa abordagem estrangeirizante à tradução. Em último lugar, apresentarei as minhas conclusões em relação ao processo de manipulação dos tipos de sequência em questão (“diálogo” e “citação”) na tradução.

# **Capítulo I**

## **Apresentação da autora e da obra**

O primeiro capítulo, “Apresentação da autora e da obra”, dividir-se-á em duas secções: a primeira terá como objetivo fazer uma breve apresentação da autora e das características da sua escrita; na segunda, descreverei as características do romance para o qual apresento uma proposta de tradução, designadamente, a história, a estrutura da obra, as personagens, a linguagem e o valor linguístico e literário.

## 1.1 Toni Morrison

Toni Morrison, autora afro-americana, nasceu em Lorain, no estado do Ohio, nos EUA, em 1931. Ao longo da sua vida profissional desempenhou funções como editora literária, tendo ainda sido docente em várias universidades, entre as quais, a Universidade de Princeton. Foi alternando entre a carreira académica e a carreira de escritora, atividade pela qual ficou mundialmente conhecida.

A sua obra literária valeu-lhe vários prémios, destacando-se o Pulitzer e o Prémio Nobel da Literatura, distinção literária de renome internacional e reconhecida por vários públicos. Tendo sido a primeira escritora afro-americana a receber tal distinção, Toni Morrison recebeu o Prémio Nobel da Literatura em 1993, por ser uma autora que, na sua obra literária, é alguém “who in novels characterized by visionary force and poetic import, gives life to an essential aspect of American reality”<sup>1</sup>. As obras de Toni Morrison são estudadas a nível académico há já várias décadas, no âmbito dos estudos literários, culturais, feministas, filosóficos, entre outros, um pouco por todo o mundo.

Nas suas próprias palavras, no prefácio da edição de 2005 da editora Vintage de *Sula*, a escrita de Morrison resulta da fidelidade para com a sua própria sensibilidade, explorando, deste modo, os seus próprios interesses, dúvidas e desafios (Morrison; 2005). Ao abordar o estilo de Morrison à luz do Modernismo ou do Pós-modernismo, Gyetvai (2006:2) refere que “Morrison’s storytelling epitomizes dialogism in time and space, point of view, character, technique, and composition.”. Este diálogo desenvolve-se através da mudança de pontos de vista, da pluralidade de vozes narrativas e da justaposição de fragmentos e imagens associados entre si, não havendo, contudo, uma narrativa linear com base na fórmula “causa e efeito”.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.nobelprize.org/prizes/literature/1993/morrison/facts/>. Acedido em 28/1/2018.

A multiplicidade de imagens e os motivos<sup>2</sup> que se repetem, que conduzem e ligam a narrativa e as personagens, os temas explorados, e a linguagem, que é, ao mesmo tempo, literal e metafórica, são alguns aspetos frequentemente apontados na caracterização do estilo e do universo literário de Morrison.

## 1.2 *Sula*

*Sula* é o segundo romance de Toni Morrison. A obra foi originalmente publicada pela editora Knop, nos Estados Unidos da América, em 1973, e conta a história de várias personagens, das quais se destacam Nel e Sula, a protagonista. Em ambos os casos, o arco temporal das personagens vai da infância à idade adulta. Em termos de estrutura, a narrativa encontra-se dividida em doze capítulos, repartidos por duas partes. Os capítulos estão ordenados cronologicamente, ainda que não de forma consecutiva, nalguns dos casos, e a história compreende o período entre 1919 e 1965. O título de cada capítulo é uma data do período de tempo referido, à exceção do primeiro capítulo, que, para além de não ter título, corresponde a um momento posterior a 1965. Os acontecimentos passam-se, maioritariamente, em Medallion, Ohio, no bairro “O Fundo”, local onde vivia a comunidade negra dessa mesma cidade.

Ao longo do romance são apresentados vários temas ao leitor através da forma como se desenrola a história, quer de forma explícita quer implícita. Morrison (2005) apresenta como ponto de partida para a escrita do livro as seguintes perguntas:

What is friendship between women when unmediated by men? What choices are available to black women outside their own society's approval? What are the risks of individualism in a determinedly individualistic, yet racially uniform and socially static, community? (Morrison; 2005:xi)

Para além destas problemáticas, a autora faz referência a outras, que se interligam com elas, como, por exemplo, a liberdade sexual, a liberdade económica, as normas sociais, etc.. Através de cada personagem, Morrison explora estes e outros temas: a liberdade

---

<sup>2</sup> Termo com significado análogo ao de *leitmotiv*, correspondendo a um tema que tende a repetir-se, de forma articulada, ao longo de uma obra e que pode realizar-se de várias formas, encontrando-se, por exemplo, associado a personagens, expressões, imagens, objetos, situações, sentimentos, etc. recorrentes em vários momentos da narrativa (Reis e Lopes; 1987).

sexual de Hannah, apesar da sua dependência econômica de Eva; o sacrifício físico de Eva em troca da liberdade econômica; a acomodação de Nel às promessas de proteção do casamento; a resistência de Sula relativamente aos sacrifícios ou à acomodação. Na obra, Nel é o símbolo da norma social subentendida ou silenciosa. Se se considerar a história de cada uma destas quatro personagens, Hannah, Eva, Nel e Sula, as suas decisões são limitadas devido ao seu gênero e à cor da sua pele. Através de outras personagens, Morrison alude também aos problemas dos homens daquela comunidade negra, nomeadamente, através da figura do marido, dos trabalhadores, entre outras, funcionando “O Fundo”, no seu todo, como microcosmo dos problemas de uma comunidade maior, a negra, à data, nos EUA.

A nível de estilo, a obra pauta pela imagética, com Morrison a descrever o modo como usa a linguagem em *Sula* da seguinte forma:

*Sula* stretched my attempts to manipulate language, to work credibly and, perhaps, elegantly with a discredited vocabulary. To use folk language, vernacular in a manner neither exotic nor comic, neither minstrelized nor microscopically analyzed. (Morrison; 2005:xii)

A língua a que a autora se refere é a língua vernácula<sup>3</sup> das personagens, que contrasta com a língua padrão<sup>4</sup> da narração da história. Em ambos os casos, a língua é usada de forma criativa, nomeadamente, através do emprego de recursos estilísticos.

Do ponto de vista narratológico, a narração é feita por um narrador heterodiegético, ou seja, a narração é feita na terceira pessoa, em que o narrador não faz parte da diegese<sup>5</sup>. As técnicas literárias usadas por Morrison são diversas, incluindo a utilização de vários pontos de vista<sup>6</sup> na narração, a integração de digressões<sup>7</sup>, o uso de imagens e de expressões que se repetem da mesma forma ou com pequenas *nuances* e que constituem assim motivos condutores da história. Ao longo da obra são ainda feitas referências a outros autores e a outras obras, de forma explícita ou implícita.

---

<sup>3</sup> African American English (AAE).

<sup>4</sup> Standard English (SE).

<sup>5</sup> Sinónimo de “narrativa” ou “história”.

<sup>6</sup> A questão do “ponto de vista” será analisada no capítulo II, “Variação linguística e tradução”, aquando da apresentação dos tipos de sequência de texto, pela sua pertinência linguística.

<sup>7</sup> O termo “digressão” constitui uma asserção, reflexão ou comentário por parte do narrador à ação, “(...) transcendendo o concreto dos eventos relatados; (...)” (Reis e Lopes; 1987:102).

Para descrever o romance *Sula*, Gyetvai (2006) divide-o em dois planos estéticos que se complementam, correspondendo, um deles, à ordem cronológica dos capítulos, que constitui uma “colcha narrativa”, e o outro, à estrutura simbólica da obra, que segue o padrão em forma de “diamante” de uma colcha, simbolizando, conseqüentemente, cada uma das quatro pontas do diamante o ciclo da vida: “(...) birth, life, death, and rebirth.” (Gyetvai; 2006:3). A autora considera que as mortes literais e metafóricas das personagens e a sua associação aos quatro elementos primordiais (água, fogo, ar e terra), em conjunto com uma imagética de sensualidade, constituem peças de um puzzle. Essas peças são compostas por imagens, situações e cenas que estão em diálogo não só entre si, mas também com a linguagem utilizada, formando-se assim a estrutura do romance. A metáfora da peça do puzzle é usada, possivelmente, para afirmar que é este intertexto que permite a formação de arcos narrativos.

Por fim, quero referir que as ideias apresentadas por Morrison (2005) e por Gyetvai (2006) se complementam, uma vez que, para Morrison, as decisões das suas personagens femininas são influenciadas pelo seu gênero e cor, ao mesmo tempo que, para Gyetvai, um dos temas de *Sula* é o processo de criação do “eu”, espelhado pela técnica narrativa assente na metáfora da peça do puzzle. Segundo Gyetvai (2006), esta estrutura fragmentária existe à imagem da fragmentação social e cultural das mulheres afro-americanas, que é imposta pela sociedade, e da sua tentativa simultânea de criar um “eu” a partir desses mesmos fragmentos.

## **Capítulo II**

### **Variação linguística e tradução**

O segundo capítulo, “Variação linguística e tradução”, tratará, tal como o nome indica, fatores associados à variação linguística e à tradução.

Explorarei, antes de mais, a forma como a variação linguística se encontra associada ao fenómeno de *code-switching*.

Abordarei, em seguida, a variação linguística no Inglês, focando-me especificamente no AAE como uma variedade dessa mesma língua, classificando-o, aludindo à sua origem e analisando algumas das suas especificidades a nível sociolinguístico.

Por fim, no que diz respeito à Tradução enquanto disciplina, apresentarei algumas abordagens possíveis à questão da tradução de variedades não padrão, caso o tradutor se depare, no processo tradutório, com casos de variação linguística. Por conseguinte, uma vez que o presente relatório resulta do processo tradutório de uma obra em que existe variação linguística, indicarei os princípios que orientaram as decisões que tomei a esse nível, assim como a respetiva justificação.

## 2.1 Nota introdutória

Com esta nota introdutória, pretendo apresentar algumas noções pertinentes para o fenómeno da variação linguística. De entre essas ideias, apresentarei alguns conceitos-chave, referirei os modos de realização da língua e aspetos relacionados com a interação discursiva. Dos conceitos-chave, farão parte “língua-padrão” e “variedade”. Os modos de realização de uma língua incluem a “oralidade” e a “escrita”. Da interação discursiva, abordarei o “registo” e as “formas de tratamento”.

Numa língua, pressupõe-se a existência de uma norma linguística, a que se chama, habitualmente, “língua-padrão”, sendo a “**língua-padrão** [...] a modalidade linguística que uma comunidade elege como modelo de comunicação, como língua de referência, supradialetal.” (Segura; 2013:86). A língua-padrão é, também ela, uma variedade, neste caso, “padrão”, que se contrapõe a outras variedades dessa mesma língua. Em termos de classificação, “variedade”<sup>8</sup> é “(...) qualquer das modalidades em que uma língua se

---

<sup>8</sup> Segura (2013) considera “variedade” e “dialeto” sinónimos. No entanto, refere também que variedade é uma designação mais neutra e que existe uma conotação negativa em relação a “dialeto”. Assim, o termo “variedade” será, nesta aceção, o termo empregado neste trabalho para referir variedades “não padrão”.

pode diferenciar em função de diversos fatores, nomeadamente socioculturais e geográficos.” (op. cit.:85). Correspondendo a uma modalidade de uma língua, uma variedade “não padrão” tem o seu próprio sistema e gramática, não se justificando, por isso, de um ponto de vista linguístico, existirem “(...) juízos de valor sobre se esta ou aquela variedade, este ou aquele dialeto é “melhor” ou “pior”, mais “correto” ou menos “correto”.” (op. cit.:86).

A utilização de uma língua pode ocorrer através da oralidade ou da escrita. De uma forma muito geral, o modo escrito é mais cuidado, formal e rico a nível lexical, e mais estruturado a nível morfosintático do que o modo oral. Por sua vez, o modo oral é menos estruturado em termos morfosintáticos, menos rico a nível lexical, e é produzido, habitualmente, com um menor grau de formalidade do que o modo escrito. No entanto, estes princípios não se aplicam em todas as situações, não sendo, por isso, estanques. Para Ramos (2008), em referência a Marcuschi (2001), estes dois modos formam um *continuum*, não sendo, por isso, opostos, posto que “há textos falados [...] que se aproximam da escrita, assim como textos escritos que se aproximam da fala (...)” (Ramos; 2008:62). Ainda que a autora se refira a tipos de texto que não o literário, podendo extrapolar-se, igualmente, para uma panóplia de outros tipos de texto, tal afirmação pode aplicar-se, de igual modo, a textos literários, questão que explorarei mais à frente neste capítulo.

A interação discursiva abarca o “registro” e as “formas de tratamento”. O registro compreende os estilos “formal” e “informal” (Segura; 2013). O grau de formalidade ou informalidade do discurso pode variar conforme o contexto comunicativo, e as escolhas linguísticas, apesar de realizadas pelos interlocutores, são determinadas por esse mesmo contexto. No entanto, de mencionar é o facto de o registro – tanto no estilo formal como no informal – poder, por exemplo, ter a ver, conjuntamente, com a intenção comunicativa do interlocutor num determinado contexto. Linguisticamente, há, no registro, uma variação que se pode manifestar de várias formas, designadamente, através das formas de tratamento. Estas formas variam de língua para língua, espelhando, em muitos casos, também a cultura e as relações hierárquicas e sociais que se refletem na língua. No âmbito deste relatório, os sistemas de formas de tratamento abordados serão o do Português Europeu e o do Inglês, no último capítulo do presente relatório.

Todos os conceitos apresentados até agora estão relacionados com variação linguística, sendo que, gramaticalmente, a variação pode registrar-se a vários níveis, nomeadamente, fonológico, morfológico, sintático, semântico e lexical (Segura; 2013), com diferentes graus de incidência sobre cada uma dessas áreas.

## **2.2 Variação linguística e *code-switching***

A Sociolinguística pode definir-se como o estudo da relação que se estabelece entre a língua e a sociedade, e que inclui, de um modo geral, o estudo da interação que se verifica entre a língua, a cultura e a sociedade (Tagliamonte; 2012). Esta interação é de particular interesse porque a maior parte dos falantes<sup>9</sup> tem a capacidade de mudar a forma como interage, dependendo das pessoas com quem está ou da situação em que se encontra, em suma, do contexto em que está inserido num dado momento. O estudo destas variáveis pode contribuir para o desenvolvimento do conhecimento sociolinguístico de uma dada comunidade no seu todo (Meyerhoff; 2006).

Os falantes fazem parte de uma comunidade discursiva. Ao longo dos anos, o conceito de comunidade discursiva foi-se alterando, sendo aplicado de diferentes formas. Destaco a definição de Hymes (1974) por ser a que maior relevância tem no âmbito do presente relatório: “a speech community [is] defined through the concurrence of rules of grammar and rules of use” (Hymes; 1974:120). A linguagem de que um falante faz uso “decorre de conhecimentos vários, incluindo [...] o conhecimento da língua, e [...] da capacidade de accionar o conhecimento prévio das situações de uso ao controlo da posição que detém em cada processo de interacção com os seus interlocutores” (Faria; 2003:57). Faria (2003) classifica a relação social em dois níveis: “nível macrossocial” e “nível microssocial”. A nível macrossocial, “os sujeitos intervenientes são classificados segundo a posição que detêm na hierarquia sociocultural e profissional de uma dada comunidade” (Faria; 2003:59). A nível microssocial, “são caracterizados os papéis sociais distribuídos nas situações concretas de interacção” (Faria; 2003:59). As regras de uso e de gramática de Hymes (1974) são aplicadas num contexto, fazendo parte do contexto a situação física e social, bem como fatores extra-situacionais (Faria; 2003).

---

<sup>9</sup> Os termos “interlocutor” e “falante” são usados na mesma aceção.

Apesar da forte componente contextual na produção e interpretação de um enunciado, é possível determinar-se que, por um lado, o falante pertence a uma comunidade, seguindo as suas regras, mas que, por outro, tem a sua própria intenção comunicativa. Partindo-se deste pressuposto, do ponto de vista do indivíduo e do contexto, é importante explorar a questão do registo. A adoção de um registo formal ou informal implica, por parte do falante, a adaptação do seu discurso (Mendoza-Denton; 2011). Rickford e McNair-Knox (1994) aprofundam esta problemática, indicando que, num grupo de falantes, se pode verificar a alternância de registo não só quando um locutor se dirige a diferentes interlocutores, mas também quando se muda de tema. Esta abordagem deve-se ao facto de um indivíduo poder, dentro de uma comunidade maior, pertencer a várias comunidades menores, cujas práticas e ligações estabelecidas se interligam (Mendoza-Denton; 2011). De qualquer das formas, a variação no discurso de um dado indivíduo ocorre em função da situação em que se encontra.

Das situações descritas até aqui fazem parte fatores de variação. No escopo da variação linguística, inclui-se o fenómeno de *code-switching*. Referindo Swann *et al.* (2004), Mills e Washington (2015) definem *code-switching* como “the systematic, alternative use of two or more linguistic codes”<sup>10</sup> (Mills e Washington; 2015:566). Os códigos linguísticos podem abranger não só línguas diferentes, mas também diferentes variedades da mesma língua. Por conseguinte, o fenómeno de *code-switching* pode ocorrer tanto a nível do bilinguismo, como do bidialectalismo. Mills e Washington (2015) apontam ainda que, à luz da Sociolinguística contemporânea, o fenómeno de *code-switching* é considerado um indício de competência comunicativa.

No âmbito do presente relatório, o fenómeno de *code-switching* é, dentro da variação linguística, o fenómeno com maior pertinência, pela sua associação ao contexto, e, conseqüentemente, ao indivíduo. Mills e Washington (2015)<sup>11</sup> apontam

---

<sup>10</sup> Uma tradução possível para *code-switching* é “alternância de códigos linguísticos” (Cristino; 2007:51). Em termos de sentido, a tradução proposta por Cristino (2007) encontra-se em concordância com a definição dada por Mills e Washington (2015). No entanto, empregarei o termo em Inglês para me referir a este fenómeno por ser o mais usado na literatura da especialidade, usando, ocasionalmente, o termo “alternância de códigos linguísticos” sempre que se justificar.

<sup>11</sup> As autoras apresentam, maioritariamente, conclusões sobre o fenómeno de *code-switching* em matéria do AAE, em contraste com o SE. Por este motivo, indicarei apenas as conclusões gerais apresentadas pelas autoras, ou aquelas que, ainda que centradas no AEE, também se poderão aplicar a outros contextos. Fazendo referência ocasional a resultados obtidos em adultos, Mills e Washington (2015) apresentam, quase sempre, estudos realizados com crianças, em diferentes interações discursivas e com diferentes intervenientes. No entanto, usarei as conclusões obtidas de uma forma mais generalizada, pela importância da educação na aquisição de uma língua e pela forma como se verifica a frequente passagem da variedade não padrão para a variedade padrão, sendo essa passagem efeito do contexto.

quatro fatores, dois internos e dois externos, que influenciam este processo: 1) Processo cognitivo; 2) Idade; 3) Estatuto socioeconómico; 4) Contexto comunicativo.

O processo cognitivo e a idade incluem-se nos fatores internos, ao passo que o estatuto socioeconómico e o contexto comunicativo pertencem aos externos.

Em matéria de processo cognitivo, Mills e Washington (2015) fazem a distinção entre o processo cognitivo associado ao fenómeno de *code-switching* em crianças e em adultos, bem como referente ao bilinguismo e ao bidialetalismo. No que diz respeito ao bilinguismo, e, em parte, ao bidialetalismo, as autoras apresentam duas teorias sobre o processo cognitivo de *code-switching*. Por um lado, é feita referência a uma teoria que parte da “supressão”, em que um falante “suprime” uma língua para se expressar numa outra língua, sem que haja “interferência” por parte da primeira língua, ou sendo essa “interferência” mínima (Meuter e Allport; 1999). Por outro, a segunda teoria mencionada indica que uma língua é “desativada” e não “suprimida” (Grosjean *et al.*; 2013):

This is a subtle, but important, difference from other accounts of code-switching in that code-switching is described as a dynamic process requiring the speaker to engage in active decision-making, rather than a static one in which the speaker must suppress one language in order to produce the other. (Mills e Washington; 2015:569)

Na citação acima, são referidas duas línguas, contudo, esta “desativação consciente” também se pode aplicar ao bidialetalismo. No caso de diferentes variedades da mesma língua, existem variedades linguísticas dominantes, que se sobrepõem a variedades linguísticas não dominantes, tornando, por isso, mais difícil essa desativação (Mills e Washington; 2015). Apesar disso, no escopo do bilinguismo e do bidialetalismo, é referido que há, na prática, a necessidade real de os falantes terem a capacidade de alternar entre códigos linguísticos, pelo facto de o processo de *code-switching* se revelar essencial em ambientes educativos e profissionais. Tal necessidade advém do facto de ser fundamental desativar ou ativar uma língua ou variedade devido às exigências do contexto comunicativo.

No âmbito do segundo fator interno, a idade, Mills e Washington (2015) focam-se no estudo do bidialetalismo e do bilinguismo em contexto educativo. No caso do bidialetalismo, ainda que algumas características morfossintáticas e fonológicas sejam transversais à idade de um indivíduo, o uso de uma variedade não padrão pode diminuir com a idade, empregando-se cada vez mais frequentemente a língua-padrão, tornando-a a variedade mais dominante, ativa e acessível mentalmente para o falante. Um dos motivos poderá ser o facto de a língua-padrão ser a variedade usada no ensino, encorajando-se o seu uso na oralidade e na escrita. No caso do bilinguismo e do bidialetalismo, pode ocorrer, ao longo do tempo, uma mudança do código linguístico dominante, uma vez que a língua ou variedade através da qual o indivíduo comunica predominantemente é a que se torna a língua ou variedade dominante. Assim, no bilinguismo, a língua segunda fica mais acessível do que a primeira quando há uma exposição elevada à língua segunda (Heredia; 1997). É neste ponto que o conceito de comunidade discursiva de Hymes (1974) se releva pertinente, uma vez que, tal como Grosjean *et al.* (2013), o autor considera que é o uso da língua de uma comunidade discursiva e, por conseguinte, da língua usada nas atividades quotidianas que influencia o uso de uma determinada língua ou variedade por parte do indivíduo, podendo este ter de comunicar contínua e unicamente numa língua ou variedade, ou em duas, dependendo dessa mesma comunidade discursiva onde se encontra inserido. No contexto do ensino, pode ocorrer, nas crianças, a mudança de uma variedade para a outra, de uma variedade não padrão para uma variedade padrão, sendo, muito possivelmente, o motivo mais forte para isso acontecer a necessidade de escrever e falar na variedade padrão ou na língua-padrão. Deste modo, parece haver uma forte associação entre idade e nível de escolaridade, e o fenómeno de *code-switching*.

Se se retomar os dois níveis de relação social de Faria (2003), o nível macrossocial e o nível microssocial, é possível afirmar que qualquer classificação ou papel social de um indivíduo pode espelhar-se, por exemplo, através do fenómeno de *code-switching*, uma vez que o indivíduo adapta o seu discurso de acordo com o contexto, e em função do contexto. Mills e Washington (2015) focam-se especificamente no contexto educativo. Faria (2003) fala da importância da relação social entre indivíduos e situações. O modo particular como cada indivíduo se expressa classifica-se como “idioleto”. Assim, um indivíduo altera o seu discurso a nível social, sendo, da mesma forma, o discurso produzido consequência das suas vivências, do seu nível de escolaridade, do seu local de origem, etc.. A idade de um indivíduo pode

também determinar o seu discurso, na medida em que este pode, conjuntamente, espelhar relações hierárquicas ou familiares com outros interlocutores, não só pela forma como o falante se dirige a outros, mas também pela forma como os outros se dirigem a ele. Assim, um fator associado à idade é a própria linguagem usada, que pode conter propriedades caracterizadoras de uma língua num dado momento. Um exemplo disso seria a forma como pessoas com grande diferença de idade usam a mesma língua ou como um mesmo falante usa a língua em criança ou em adulto. Para além disso, é essencial ter-se em conta fatores como a influência do outro na linguagem de cada um, o já mencionado nível de escolaridade, bem como a existência e a influência de fatores externos. Passo, então, a enumerá-los.

O primeiro fator externo, o estatuto socioeconómico, é tido por Mills e Washington (2015) como um elemento importante para o fenómeno de *code-switching*. Relativamente ao AAE, é referido que os falantes que usam predominantemente variedades não padrão pertencem, muitas das vezes, a famílias da classe baixa. As autoras mencionam a existência de estudos que se focam em falantes da classe média, os quais concluem que o uso da variedade linguística não padrão vai diminuindo à medida que as crianças vão tendo contacto com o SE e adaptam o seu discurso de acordo com essa variedade por ser a variedade do Inglês usada em contexto educativo. Em contrapartida, há, no caso das crianças da classe baixa, interferência do AAE no SE (Baratz; 2009). Focando-se no estatuto socioeconómico, os estudos mencionados por Mills e Washington (2015) estabelecem uma comparação entre crianças falantes de AAE da classe baixa e da classe média, e a forma como o uso de uma variedade não padrão diminui nas classes mais altas. Para além disso, nos estudos apresentados, parece haver uma maior discrepância entre estatutos socioeconómicos, principalmente em faixas etárias mais elevadas. Tal como acontece em relação à idade, parece existir uma relação entre o fator, neste caso socioeconómico, e o nível de escolaridade, na forma como ambos parecem estar associados à capacidade de alternar entre códigos linguísticos.

O segundo fator externo, e último dos quatro que influenciam o fenómeno de *code-switching*, é o contexto comunicativo. Este fenómeno é, portanto, uma estratégia para comunicar adequadamente num determinado contexto (Grosjean; 2010). Segundo Mills e Washington (2015), ao usarem a língua-padrão em contexto de aula, as crianças falantes de duas variedades diferentes demonstram flexibilidade a nível cognitivo e competência comunicativa. No âmbito do bidialetalismo, e em contexto de aula, estas

crianças devem ter a capacidade de se expressar e de comunicar nos vários tipos discursivos, nomeadamente, a nível da conversação, da narração, da leitura em voz alta, individual ou em grupo, na língua-padrão. No caso do contexto comunicativo, as descrições focam-se, quase exclusivamente, no fenómeno de *code-switching* no contexto educativo, nomeadamente, na oralidade e na escrita. Porém, a alternância de códigos linguísticos ocorre não só no contexto educativo, mas também noutra tipo de contextos, incluindo todos eles, naturalmente, os níveis macrossocial e microssocial de Faria (2003).

Por último, por a interação verbal incorporar fenómenos que implicam a utilização de diferentes estratégias no processo interacional, “quer nas situações de relação entre semelhantes quer na situação de relação entre locutores socialmente diferentes ou distantes” (Faria; 2003:59), pode fazer-se uma comparação entre os fenómenos de *code-switching* e de mudança de registo. Em ambos os casos, verifica-se variação linguística: 1) na alternância de códigos linguísticos, há a passagem de uma língua ou variedade para outra; em variedades da mesma língua ocorre, habitualmente, a alternância entre uma variedade não padrão e uma variedade padrão; 2) na mudança de registo, há a passagem de um registo formal para um registo informal, ou vice-versa. Nas duas situações, o contexto é o que provoca a variação linguística, levando o indivíduo a interagir em conformidade com as regras do mesmo.

### **2.3 O African American English como uma variedade do Inglês**

Esta secção terá como propósito referir alguns aspetos relacionados com a variação linguística no Inglês, tendo como objetivo específico enquadrar e classificar o AAE como variedade dessa mesma língua, passando, também, por algumas das suas características a nível sociolinguístico. Farei, igualmente, um apontamento, breve, à origem do AAE, por esta ser uma questão complexa e existirem teorias díspares que apontam para diferentes origens.

No domínio da Sociolinguística, um dos casos mais explorados em matéria de variação linguística tem sido o do AAE. Wolfram (2015) menciona que:

The extensive description of African American Language (AAL) over the past half-century has led to a fairly well-established tradition of study and a particular set of sociolinguistic axioms; (...) (Wolfram; 2015:338).

Por este motivo, o African American English<sup>12</sup> tem recebido, ao longo do tempo, diferentes denominações e classificações. Wolfram (2015) apresenta algumas dessas denominações, cronologicamente: “(...) Negro Dialect, Nonstandard Negro English, Black English, Vernacular Black English, Afro-American English, Ebonics, African American (Vernacular) English, and African American Language.” (Wolfram; 2015:340-341). Para além das diferentes denominações, no estudo do AAE, e na tentativa de o classificar como dialeto ou como língua, destacou-se características que fossem diferentes das do SE, mas que tivessem, contudo, um carácter estruturado e sistematizado. Por este motivo, surgiram duas perspectivas: 1) em alguns trabalhos, a descrição do AAE foi feita de um ponto de vista histórico, assumindo-se que as características do AAE que fossem, supostamente, muito diferentes do SE estariam intrinsecamente ligadas a outras fontes, como, por exemplo, crioulos ou línguas africanas; 2) noutros trabalhos, as mesmas características muito diferentes foram comparadas com o SE, na medida em que eram, de certa forma, semelhantes às de outras variedades do Inglês, apresentando diferenças a nível sintático e morfológico, considerando-se que, apesar disso, poderão ter feito parte de um Inglês mais antigo, embora já não existam no Inglês dos dias de hoje (Green e Sistrunk; 2015).

Em Green (2002), a autora indica que a questão de o AAE ser um dialeto ou uma língua não se coloca, pelo facto de as línguas e os dialetos se regerem por regras, independentemente da sua classificação, para além de existirem padrões linguísticos sistemáticos no uso do AAE. Ao apresentarem o AAE, Green e Sistrunk (2015) referem que aquele é:

(...) a linguistic variety spoken natively by some, not all, African Americans (and some non-African Americans) in AAE-speaking communities in the

---

<sup>12</sup> A designação por mim adotada é a proposta por Green (2002), ou seja, African American English. Esta decisão resulta do facto de a maioria das referências bibliográficas que farei nesta matéria serem dessa autora e de uma necessidade, prática, de optar por uma designação que fosse usada consistentemente ao longo de todo o relatório. Outros autores usam diferentes designações em obras conjuntas com a autora, referindo-se, no entanto, todos eles, à mesma variedade do Inglês.

United States and that has set syntactic, semantic, morphological, phonological, lexical, and pragmatic patterns (Green e Sistrunk; 2015:356)

Por conseguinte, Green e Sistrunk (2015) classificam-no como “variedade”. A definição que apresentam atesta as características correspondentes às de “variedade” em Segura (2013), e apresentadas no início do capítulo.

A nível geográfico, a distribuição dos falantes de AAE foi identificada desde a primeira fase de estudo desta variedade. Desta forma, Labov (1972a) define o AAE como:

(...) the relatively uniform dialect spoken by the majority of black youth in most parts of the United States today, especially in the inner city areas (...). It is also spoken in most rural areas and used in the casual, intimate speech of many adults (Labov; 1972a:xiii)

A dicotomia que Labov (1972a) refere pressupõe o uso do AAE em grandes centros urbanos e em zonas rurais. Apesar da identificação de um conjunto de características específicas e de uma suposta homogeneidade do AAE, autores como Bonfiglio (2002) contestaram esta uniformidade linguística, apontando para o facto de existir um elevado nível de variação, não só na mesma comunidade, mas também entre comunidades. Green (2002) aponta também para uma diferença geográfica entre o AAE falado em diferentes estados, nomeadamente, na Louisiana, no Texas e na Pensilvânia, por exemplo. No entanto, como é óbvio, as fronteiras geográficas não coincidem com as fronteiras linguísticas, se se pode fazer tal afirmação, posto que não existem, factualmente, fronteiras linguísticas entre línguas ou variedades de uma mesma língua, estando, todas elas, de uma forma ou de outra, em contacto com outras.

A nível demográfico e socioeconómico, na citação de Labov (1972a:xiii)<sup>13</sup>, há uma circunscrição do uso do AAE aos jovens da classe baixa que habitam em centros urbanos. Para Benor (2010), esta circunscrição do uso do AAE é redutora, uma vez que apenas inclui um único grupo social, e também devido ao facto de existir um *continuum*

---

<sup>13</sup> Deve ter-se em conta que a obra *Language in the Inner City*, de William Labov, foi publicada em 1972, e que, por este facto, poderá não representar opiniões posteriores, e até mesmo outras, díspares, na mesma obra, sobre o AAE, do mesmo autor; a minha decisão de incluir citações e paráfrases da mesma resulta do facto de esta obra: 1) ser uma obra incontornável no estudo do AAE; 2) continuar a ser referenciada por outros autores até aos dias de hoje (2018); 3) conter alguns aspetos enumerados relevantes para o presente relatório.

de uso a nível das estruturas do AAE que se relaciona com vários outros fatores, designadamente, fatores sociais, situacionais e individuais (Wolfram; 2015). Segundo Wolfram (2015), a variação no AAE em matéria de *continuum* entre basileto<sup>14</sup> e acroleto<sup>15</sup>, de questões regionais, de estratificação e de contextos sociais, e de fatores psicossociais, pode ter um enorme impacto a nível intrínseco e extrínseco ao falante. Para além disso, autores como Van Hofwegen (2015) apontam que o AAE pode ser usado, por parte do falante, de forma diferente ao longo da vida. Estudos como o de Weldon (2004), que faz referência a questões como apresentações em público, incluindo, nesse contexto, a variação estilística, bem como o uso de características linguísticas do AAE no discurso de alguns indivíduos afro-americanos com um papel preponderante na sociedade, em contextos sociais formais, com um público heterogéneo, saem do contexto do estatuto socioeconómico e entram num âmbito linguístico mais alargado. O trabalho de Kendal e Wolfram (2009) foca-se no discurso de conhecidas líderes afro-americanas de uma determinada comunidade. Os autores compararam o discurso destas líderes em eventos públicos com o seu discurso em entrevistas e em contextos informais de interação verbal. Compararam ainda o seu discurso com as normas correspondentes às da mesma faixa etária e do mesmo género da comunidade. Com este estudo, concluíram que, apesar de estas líderes terem um estatuto socioeconómico semelhante, tendo formação universitária e residindo em contextos habitacionais análogos, o seu uso de uma língua vernácula<sup>16</sup> era bastante díspar. Estes resultados devem-se ao papel de liderança que estas mulheres têm e desempenham na comunidade, e, conseqüentemente, à forma como se dirigem aos seus eleitores. Enquanto num dos locais, Princeville, a população é, predominantemente, negra, em Roanoke Island, a população é, maioritariamente, branca. Por conseguinte, Wolfram (2015) conclui que:

The use of vernacular forms by respective community leaders has more to do with differential contexts, social order, community organization, and public constituencies than with traditional socioeconomic indices such as education or residency. (Wolfram; 2015:345)

Acima, atesta-se a importância dos contextos social e situacional para a existência de variação linguística. Nestes casos, da variação resultante do bidialetalismo, o que

---

<sup>14</sup> Variedade linguística mais distante da variedade padrão (Holm; 2004).

<sup>15</sup> Variedade linguística mais próxima da variedade padrão (Holm; 2004).

<sup>16</sup> O termo usado pelos autores corresponde, neste caso, ao AAE.

ocorre, aparentemente, é o uso de uma matriz linguística pertencente a um *continuum* estrutural entre língua-padrão e não padrão, havendo alternância entre um subconjunto de características em diferentes situações discursivas e a adaptação do estilo (Myers-Scotton; 2002).

De acordo com as ideias explanadas até aqui, o fenómeno de alternância entre o AAE e o SE parece dever-se a inúmeros fatores, nomeadamente, ao contexto social e situacional, à idade e ao papel que um indivíduo desempenha numa determinada comunidade, entre outros. Os dados gerais que apresento neste capítulo baseiam-se em estudos de caso, assentando no uso de características específicas do AAE e do SE. Ainda que as conclusões apresentadas pelos vários autores citados se fundamentem em casos específicos, em quase todas as situações o contexto parece ter um papel preponderante, apesar da importância dos outros fatores. Em relação ao AAE, autoras, como, por exemplo, Lisa Green e Tracey Weldon, cuja área de investigação é esta variedade do Inglês, são elas mesmas falantes do AAE e do SE, alterando entre variedades conforme o contexto, aproveitando essa competência para o seu próprio trabalho académico. Em menor grau, todos os falantes de uma língua que têm a capacidade de adaptar o seu discurso adaptam-no de acordo com o contexto, no seu dia a dia, logo, os exemplos dados apenas ilustram e reiteram o que ocorre diariamente em sociedade.

## **2.4 Variação linguística na tradução literária**

Esta secção do presente capítulo centra-se na variação linguística na literatura e, mais concretamente, na variação linguística na tradução literária. Em primeiro lugar, discutirei a representação da variação linguística na literatura, a forma como são usadas a variedade padrão e variedades não padrão nesse modo textual. Em segundo lugar, focar-me-ei na tradução de variedades não padrão e nos processos e estratégias de tradução desses dialetos literários. Em terceiro lugar, por traços gerais, contextualizarei historicamente paradigmas de tradução de variedades não padrão do Inglês para o Português Europeu e enumerarei algumas obras literárias traduzidas com esse tipo de problemática, designadamente, as de Toni Morrison, apontando as estratégias adotadas. Em quarto e último lugar, apresentarei e justificarei os princípios que orientam as

escolhas tradutórias que tomei em matéria de discurso padrão e não padrão no romance *Sula*, de Toni Morrison.

O modo como a língua é usada na literatura difere do modo como a língua é usada em sociedade. Quer seja através da língua-padrão ou de variedades não padrão, na literatura, a língua é usada com um objetivo específico, literário, e que abrange, entre outras coisas, por exemplo, a utilização de recursos estilísticos para criar um determinado efeito, ou, ainda, a representação literária da oralidade. Pensado inicialmente para se referir a “representações do inglês sulista dos Estados Unidos” (Azevedo; 2003:21), o conceito de “dialeto literário” define-se como a forma “(...) to represent in writing a speech that is restricted regionally, socially, or both (...)” (Ives; 1971:146). Assim, referindo-se a Penny (2000), para Azevedo (2003), “(...) o dialeto literário opera sobre contrastes entre variedades não-padrão e a linguagem normativa, que é essencialmente um código escrito (...)” (Azevedo; 2003:21). Tal como se pode pressupor pela citação de Ives (1971), este dialeto “representa discursos” de uma determinada variedade, ou de várias, os quais se contrapõem à norma ou língua-padrão.

No artigo sobre variação linguística na tradução, *Translating Place: Linguistic Variation in Translation*, Rosa (2012) explora ideias semelhantes ao apontar para o facto de as variedades literárias não se poderem equiparar ao uso real da língua, já que:

(...) such a selective and filtered recreation is never free from constraints such as the need for readability, the degree of consciousness of linguistic variation in a given linguistic community, the medium, the complexity of plot, among others. (Rosa; 2012:82)

A autora identifica igualmente várias categorias no que diz respeito a variedades literárias, a que chama “pseudo-variedades”, que representam o discurso de personagens. De entre as apresentadas, destaco duas dicotomias: “discurso do narrador *versus* discurso das personagens” e “discurso representativo de um grupo *versus* discurso representativo de um indivíduo”. Na primeira dicotomia, “discurso do narrador *versus* discurso das personagens”, o discurso do narrador corresponde a um discurso neutro, em língua-padrão, ao passo que o discurso das personagens corresponde a uma variedade não padrão<sup>17</sup>. Relativamente a um “discurso representativo de um grupo

---

<sup>17</sup> Tal afirmação aplica-se a obras em que existam personagens que usem uma variedade não padrão e em que o narrador seja heterodiegético, usando um discurso padrão.

*versus* discurso representativo de um indivíduo”, quer seja em relação a um determinado grupo ou indivíduo, a sua apresentação e caracterização verificam-se de forma indireta, através do seu discurso, e, conseqüentemente, da interpretação do leitor. Por conseguinte, cabe a esse mesmo leitor, através das *nuances* e das características de um discurso não padrão, caracterizar aquele grupo ou personagem, facto que contrasta com a caracterização e apresentação diretas, em discurso padrão, da narração (Rosa; 2012).

Ao longo dos séculos<sup>18</sup>, o AAE<sup>19</sup> foi sendo representado em vários géneros literários e modos textuais. Um fator importante prende-se com o tipo de registo. Por motivos históricos, na ausência de registo áudio ou audiovisual, o registo escrito era, efetivamente, o utilizado para representar o AAE. Posto isto, o registo escrito foi, durante muito tempo, o tipo de registo predominante<sup>20</sup>. A problemática da autenticidade da representação do AAE é debatida por Green (2002). Ao fazer referência a obras como *Clotel*, romance de William Wells Brown, publicado em 1853, Green (2002) aponta um conjunto de características fonológicas e sintáticas utilizadas para representar a oralidade das personagens negras. São, de igual modo, indicadas obras do mesmo período escritas por Joel Chandler Harris e Charles W. Chestnut, em referência a uma representação fidedigna do AAE. A autora refere ainda obras do séc. XX, como as de Zora Neale Hurston, classificando-as nos mesmos moldes. A autora chega a esta conclusão através da comparação de características análogas às do AAE falado atualmente<sup>21</sup> com as presentes nas obras destes autores, análise que lhe permitiu, por exemplo, observar se existiu uma evolução linguística destas características a nível semântico, ou se se mantém o mesmo significado. Deste modo, ainda que a literatura seja sempre uma representação da língua, quer da língua-padrão, quer de variedades não padrão, assim como referem Rosa (2012) e Azevedo (2003), e eu próprio no início desta secção, não se pode ignorar o facto de, na ausência de outro tipo de registo, e da intenção de uma representação verosímil, sistemática e não estereotipada da língua, ainda que intencional, a literatura demonstrar ser uma fonte de dados importante para

---

<sup>18</sup> Segundo Brasch (1981), há registos de representação do AAE que datam de 1760.

<sup>19</sup> Apesar de me referir especificamente ao AAE, a problemática da representação de variedades não padrão pode extrapolar-se para outras variedades não padrão não só do Inglês, mas também de outras línguas.

<sup>20</sup> Não incluo, por exemplo, a tradição oral por apenas me interessar, no âmbito do presente relatório, a representação do AAE na literatura.

<sup>21</sup> Aqui, considera-se “atualmente” a data de publicação da gramática de Green, *African American English*, obra lançada em 2002.

várias áreas da Linguística. Independentemente disto, seguirei a mesma linha de pensamento de Ives (1971) sempre que aplicar a expressão “dialeto literário”.

### 2.4.1 Processos e estratégias de tradução de variedades não padrão

Após uma breve apresentação da representação da variação linguística na literatura, passo, agora, a uma descrição dos processos e estratégias de tradução de variedades não padrão.

Para que se possa perceber as opções de tradução tomadas quanto a variedades não padrão, é necessário estar-se ciente de que qualquer processo ou estratégia de tradução deve ter em conta a existência de dois sistemas de normas, os quais pertencem, respetivamente, às culturas de partida e de chegada. Esses dois sistemas abarcam, naturalmente, também o sistema linguístico de cada uma das línguas. Por isso, levantam-se problemas quando se tenta transpor a forma e o contexto de um texto produzido numa variedade não padrão na língua de partida para a língua de chegada, passando esse texto a existir, portanto, numa cultura diferente (Rosa; 2012).

Devido a todas as informações que um texto possa conter, quer sejam de natureza linguística, cultural, narrativa, literária ou outra, o tradutor tem sempre de tomar decisões. No que respeita aos dialetos literários, Rosa (2012) propõe os seguintes processos:

- **Omitir:** omitir marcadores linguísticos que transmitam um significado relativo ao contexto, associado a um discurso com menor prestígio ou não padrão.
- **Acrescentar:** acrescentar marcadores linguísticos que transmitam um significado relativo ao contexto, associado a um discurso com menor prestígio ou não padrão.
- **Manter:** manter marcadores linguísticos que transmitam um significado relativo ao contexto, associado a um discurso com menor prestígio ou não padrão.

- **Alterar:** alterar marcadores linguísticos que transmitam um significado relativo ao contexto, associado a um discurso com menor prestígio ou não padrão.

Segundo a autora, estes quatro processos fazem parte de duas grandes estratégias de tradução: “normalização” e “centralização”.

A “normalização” é a estratégia mais difundida, independentemente do par de línguas em questão. O que se verifica quando se procede à normalização do discurso é a passagem dos discursos com menor prestígio ou não padrão para a língua-padrão, alterando-os para que passem a existir de acordo com a norma linguística, ou seja, a variedade com maior prestígio. Autores como Berman (1996), Toury (1995) e Laviosa-Braithwaite (1998) refletem sobre o facto de haver, na tradução literária, uma tendência para a normalização, na qual:

(...) the representation of spoken language in the source text is adjusted towards the norms of written prose creating a text which is more readable, more idiomatic, more familiar and more coherently organized than the original. (Laviosa-Braithwaite; 1998:290)

No que se refere à tradução de variedades não padrão para Português Europeu, Rosa (2012) indica que a normalização é, igualmente, a estratégia mais adotada. Houve, no entanto, casos em que se verificou uma tentativa de manter as variedades não padrão do texto de partida no texto de chegada. Isto ocorreu, por exemplo, na tradução de romances de Charles Dickens no pós 25 de abril de 1974. Mais recentemente, há referência à tentativa de recriação do AAE através do Português Afro-Brasileiro na legendagem do filme *E Tudo o Vento Levou* (Carvalho; 2008). Ramos Pinto (2009) identificou a mesma tentativa de correspondência entre o AAE e o Português Afro-Brasileiro na legendagem e encenação de *My Fair Lady* e *Pigmalião*, respetivamente. Porém, como referi no início do parágrafo, a manutenção de marcadores linguísticos foi, e ainda é, o processo menos frequente em detrimento da omissão, processo da estratégia de normalização.

Na tradução de *As Aventuras de Huckleberry Finn*<sup>22</sup>, de Mark Twain, a estratégia adotada foi, também, a normalização, pelo menos no caso do discurso de “Jim”,

---

<sup>22</sup> A tradução para Português Europeu que uso como referência é a de 1976, publicada pela Publicações Europa-América e traduzida, do Inglês, por Miriam Marder Silva Monteiro.

personagem negra, que é, no âmbito do presente relatório, o discurso mais relevante. Os marcadores linguísticos pertencentes ao AAE, pelo menos na representação desta variedade segundo Mark Twain, através de “Jim”, são omitidos, passando a discurso padrão nos excertos da tradução analisados:

- 1) a) “Say – who is you? Whar is you? Dog my cats ef I didn’ hear sumf’n. Well, I knows what I’s gwyne to do. I’s gwyne to set down here and listen tell I hears it agin.” (p. 14)
- b) “Quem é? Onde estás? Diabo se não ouvi qualquer coisa! Mas sei o que preciso fazer! Tenho de sentar-me aqui e esperar até o ouvir de novo.” (p. 8)
- 2) a) “Here I is, Huck. Is dey out o’ sight yit? Don’t talk loud.” (p. 95)
- b) “Estou aqui, Huck. Já estão fora de vista? Não fales alto.” (p. 82)

Como se pode ver pelos exemplos (1b) e (2b), quase todos os marcadores linguísticos desaparecem no texto de chegada, ocorrendo a normalização do discurso. Poderia especular sobre o motivo que levou a esta normalização, contudo, não tendo dados concretos sobre este caso específico, e não sendo este um trabalho sobre a tradução de variedades não padrão para o Português Europeu, quero apenas indicar que tal decisão poderá ter-se devido a política da editora, a decisão por parte da tradutora ou, simplesmente, a decisão natural de normalizar o discurso, por ser essa a estratégia mais difundida não só nacional, mas também internacionalmente.

A “centralização” é a segunda grande estratégia descrita. Rosa (2012), em referência ao trabalho de Dimitrova (1997), fala em:

(...) an attempt to recreate the substandard varieties in the source text that neither fit into maintenance, addition or omission nor entail a shift to the central, most prestigious, standard varieties. (Rosa; 2012:89)

Esta estratégia assenta no uso de coloquialismos para transpor, no texto de chegada, as variedades não padrão marcadas social e regionalmente do texto de partida. Rosa (2012) faz referência a situações semelhantes, em que, por exemplo, o Cockney<sup>23</sup> é transposto para Português Europeu com recurso a características do Português falado na região das

---

<sup>23</sup> Termo usado tradicionalmente para definir a forma mais abrangente do dialeto falado pela população de classe baixa dos subúrbios mais recônditos da parte oriental de Londres (Fox; 2012).

Beiras ou do Minho. Esta transposição não se enquadra na normalização enquanto estratégia, pelo que:

(...) although the target text shows a shift toward varieties that are not as negatively evaluated as those depicted in the source text, the target text still includes some form associated with a less prestigious variety. (Rosa; 2012:90)

Nesta estratégia, a que Rosa (2012) chama centralização, há, portanto, a substituição de algumas características linguísticas por outras, que, no caso do exemplo do Português Europeu, são próprias de variedades identificáveis com uma região. Um dos problemas que se colocam em relação a esta estratégia é a inclusão de características não padrão específicas de uma determinada variedade e, em certa medida, de uma cultura de chegada, que faz com que haja a inserção de uma personagem num contexto sociolinguístico a que não pertence. Se se tiver em conta que a autora considera a variação linguística a correlação entre características linguísticas, falantes e uso, tal deslocação de um contexto linguístico para outro desvirtua não só a personagem, mas também o seu propósito e, em último caso, a intenção literária do autor e do texto.

O penúltimo tema deste capítulo tem como objetivo analisar, sucintamente, a tradução das obras de Toni Morrison e as estratégias adotadas em Português Europeu. Assim, passo, agora, a indicar as obras de Toni Morrison publicadas em Portugal pela Editorial Presença. Apresentá-las-ei por ordem cronológica de publicação da obra original, mencionando o título original e o título atribuído em Portugal, bem como a data de publicação da tradução e a tradutora. Para cada caso, mencionarei a estratégia adotada em termos de variedades não padrão, ilustrando-a com exemplos.

Até à data<sup>24</sup>, foram publicadas cinco obras de Toni Morrison em Portugal. Ainda que a primeira obra de Morrison, *The Bluest Eye*, date de 1970, a obra mais antiga da autora publicada no nosso país é de 1987. *Beloved*, título no original e na tradução, foi lançada em Inglês em 1987, tendo sido a versão portuguesa somente publicada em 2018, com tradução a cargo de Maria João Freire de Andrade. Nas sequências de texto em que a oralidade é representada no texto de partida, o discurso não padrão corresponde ao AAE:

---

<sup>24</sup> 2018.

- 3) a) “Girls right behind me.” (p.122)  
b) “As miúdas estão mesmo atrás de mim.” (p. 123)
- 4) a) “I don’t hear nobody.” (p.122)  
b) “Não oiço ninguém.” (p. 123)

Na tradução, em (3b) e (4b), houve a normalização do discurso no texto de chegada. As características sintáticas próprias do AAE foram omitidas, dando lugar à língua-padrão, em Português.

O livro *A Mercy* é lançado, em Inglês, em 2008, e, em Português, em 2009, com o título *A dádiva*. A obra foi traduzida por Fernanda Pinto Coelho e não apresenta discurso não padrão, pelo que a oralidade se encontra representada em SE.

O romance de Toni Morrison de 2012, *Home*, é publicado em Portugal três anos depois, em 2015, com o título *A nossa casa é onde está o coração* e tradução de Manuela Madureira. Quanto à tradução de variedades não padrão nesta obra, há alguns aspetos importantes a destacar. Em primeiro lugar, a estratégia tradutória adotada aqui é a da “compensação”<sup>25</sup>. Não estando incluída nas estratégias de Rosa<sup>26</sup> (2012) a que faço referência na parte inicial desta secção, a “compensação” é, tal como o nome indica, a compensação da perda de determinados aspetos do texto de partida, quer estes sejam linguísticos, literários, culturais, etc., através da substituição ou adição de outros, no texto de chegada. Há vários tipos de compensação, por isso, esta não tem de ocorrer, necessariamente, no mesmo ponto do texto. Como tal, passo a apresentar três exemplos de *A nossa casa é onde está o coração*:

- 5) a) “They have any children?” (p.61)  
b) “Eles têm filhos?” (p.62)

---

<sup>25</sup> A “compensação” é, de igual modo, a estratégia por mim adotada para traduzir a variedade linguística não padrão em *Sula*. Visto que explorarei mais aprofundadamente este tipo de estratégia na parte final do capítulo, aqui, apenas pretendo fazer referência à estratégia, ilustrando-a com alguns exemplos práticos, sem que haja, neste momento do texto, uma reflexão teórica sobre a estratégia em si.

<sup>26</sup> As estratégias apresentadas por Rosa (2012) parecem implicar uma alteração sistemática dos marcadores linguísticos, o que não acontece na compensação, já que a compensação pode não ocorrer a nível de cada sequência textual. Desta forma, a compensação pode ser encarada como uma estratégia holística, com o propósito de reproduzir o mesmo efeito no texto de chegada, sem que isso implique a manipulação de todas as sequências textuais do texto.

- 6) a) “Two girls. They’re away. She tell you anything about what your work here is?” (p.61)  
b) “Duas raparigas. Não estão cá. Ela disse-te alguma coisa acerca do que será o teu trabalho aqui?” (p.62)
- 7) a) “What the fuck you lookin’ at?” (p. 101)  
b) “P’ra que raio ‘tás tu a olhar?” (p.98)

Tal como nos exemplos relativos a *Beloved*, o discurso não padrão aqui representado é o AAE. Contudo, nos exemplos (5b) a (7b), a estratégia tradutória difere, ou seja, a normalização do discurso não ocorre nas três situações. Enquanto em (5b) e (6b) as características do AAE são normalizadas na língua de chegada, em (7b), há a tentativa de reprodução da oralidade através da contração e redução em Português. De modo semelhante, ao longo da obra, a forma de tratamento “ma’am” é traduzida por “s’nhora”, com o mesmo objetivo.

O mais recente romance de Morrison, *God Help the Child*, de 2015, é lançado em Português Europeu em 2016, com o título *Deus ajude a criança*. A tradutora da obra foi, uma vez mais, Manuela Madureira. Conforme ocorre em *A dádiva*, em *Deus ajude a criança*, não se verificam problemas de tradução no que diz respeito a discurso não padrão porque tanto a narração como o discurso das personagens são em língua-padrão no texto de partida.

Por fim, passo ao último tema do capítulo, ou seja, à apresentação do romance *Sula*, de Toni Morrison, em termos da sua tradução e das estratégias de tradução utilizadas.

O presente relatório tem como base a proposta de tradução da segunda obra de Toni Morrison. Publicada originalmente em 1973, em Inglês, a obra nunca foi traduzida para Português Europeu, nem para outras variedades do Português, como, por exemplo, o Português do Brasil. Deste modo, propor uma tradução minha, neste caso, inédita em Português, implica a resolução de uma série de problemas de tradução inerentes à dimensão da obra, ao tipo de texto, às naturais diferenças entre línguas, à utilização de recursos estilísticos, etc.. Apesar de todas estas questões, contudo, neste caso específico, um dos maiores desafios que encontrei foi a utilização de duas variedades da mesma língua, a língua-padrão e uma variedade não padrão, respetivamente, o “Standard

English” e o “African American English”, utilizadas com diferentes propósitos. Em *Sula*, existem quatro tipos de sequência de texto diferentes, divididas por duas variedades linguísticas<sup>27</sup>: 1) a narração e os pensamentos das personagens encontram-se em discurso padrão; 2) os diálogos e as citações estão em discurso não padrão.

Assim, na obra, o primeiro tipo de sequência, “narração”, corresponde a todas as sequências de texto que representem relatos de eventos ou descrições que partam do agente narrativo, neste caso, o narrador, e que se encontrem numa terceira pessoa omnisciente. Corresponde, portanto, à maioria da obra. O segundo tipo de sequência, que corresponde ao “pensamento” das personagens, verifica-se em sequências em que há a adoção do “ponto de vista” da personagem, considerando-se esta opção de representação narrativa uma representação “(...) that conducts the narration through the consciousness of one or more characters, almost as if the story were telling itself.” (Nissen; 1999:270). Este segundo tipo de sequência existe em número reduzido em *Sula*, mas é de extrema importância narrativa. A nível linguístico, nestas sequências, há, ocasionalmente, a alternância entre discurso direto<sup>28</sup> e discurso indireto livre<sup>29</sup>, apesar de corresponderem, maioritariamente, a discurso direto. Normalmente, encontram-se isoladas através de indicadores gráficos como aspas ou itálico, encontrando-se, aqui, por vezes integradas na narração. Ocorrem, habitualmente, na primeira pessoa. O terceiro tipo de sequência, “diálogo”, já em discurso não padrão, corresponde a sequências em discurso direto, em que haja interação verbal entre duas ou mais personagens. De forma a distinguir estas sequências de outras, considero “diálogo” as sequências que se encontrem isoladas por travessão e que correspondam à fala das personagens quando estão em interação. Por fim, considera-se o quarto tipo de sequência, “citação”, qualquer discurso direto citado, de que façam parte sequências de texto na forma de diálogo ou

---

<sup>27</sup>Nem todos os tipos de sequência apresentados pertencem à variedade linguística com a qual se estabeleceu a correspondência. Contudo, uma vez que na grande maioria dos casos há essa correspondência, procedeu-se a esta generalização.

<sup>28</sup>No discurso direto, a personagem expressa-se por si própria, de forma direta e natural, pelas suas palavras, da forma como “(...) ela as teria efectivamente seleccionado, organizado e emitido.” (Cunha e Cintra; 1986:629). Nesta modalidade discursiva, há, habitualmente, a presença de elementos linguísticos próprios da oralidade, sendo, tipicamente, assinalada por verbos *dicendi* e travessão ou aspas.

<sup>29</sup>Cunha e Cintra (1986) definem discurso indireto livre como a “(...) forma de expressão que, em vez de apresentar o personagem em voz própria (DISCURSO DIRECTO), ou de informar objectivamente o leitor sobre o que ele teria dito (DISCURSO INDIRECTO), aproxima narrador e personagem, dando-nos a impressão de que passam a falar em uníssono.” (Cunha e Cintra; 1986:635). Os autores referem ainda que, nesta modalidade, se estabelece uma ligação entre narrador e personagem, e que o discurso nem sempre se encontra isolado na narração.

monólogo<sup>30</sup>, e que se assinalem através de indicadores gráficos como itálico, aspas ou travessão.

Após a identificação dos vários tipos de sequência de texto, é importante referir que o procedimento tradutório quanto ao discurso padrão é, habitualmente, colocar este tipo de discurso do texto de partida de acordo com a norma linguística da língua de chegada, ou seja, a língua-padrão. Este foi, também por mim, o procedimento adotado. No caso do discurso não padrão, poderia ter optado por uma das três estratégias descritas anteriormente, designadamente, a normalização, a centralização e a compensação. A minha decisão pendeu para a compensação por acreditar ser a estratégia que melhor permite recriar o sentido do discurso não padrão do texto de partida, minimizando, tanto quanto possível, as perdas intrínsecas ao processo tradutório de tal variedade.

Na literatura dos Estudos de Tradução, alguns registos da compensação enquanto estratégia remontam à década de 60 do séc. XX. Mais recentemente, Harvey (2001) procurou definir esta estratégia, referindo que é:

(...) a technique which involves making up for the loss of a source text effect by recreating a similar effect in the target text through means that are specific to the target language and/or text. (Harvey; 2001:37)

Em termos de procedimento, a maioria dos teóricos defende que esta estratégia deve ser aplicada de forma meticulosa e estratégica, e, uma vez que a transferência de significado de uma língua para outra envolve, sempre, algum tipo de perda, o tradutor deve determinar não só quando se justifica, mas também se se justifica de todo.

No processo de aplicação da estratégia de compensação, o tradutor deve decidir a que tipo de informação do texto de partida a compensação deve aplicar-se. Newmark (1991a) menciona a possibilidade de compensar trocadilhos, aliteraões, rimas, expressões em calão, palavras polissémicas, sendo que Nida e Taber (1969) já haviam referenciado o caso das expressões idiomáticas. Apesar de, de um modo geral, todos estes aspetos serem linguísticos, nenhum dos autores mencionados alude diretamente à variação linguística, nem, particularmente, à tradução de variedades não padrão. No

---

<sup>30</sup> Situação discursiva em que o locutor se dirige a si próprio e não a um interlocutor.

entanto, como se pôde ver, a tradução de variedades não padrão já havia ocorrido ao longo da história, com recurso a várias estratégias.

Neste seguimento, ao optar por uma estratégia como a compensação para traduzir o discurso não padrão em *Sula*, foi necessário tomar decisões. Ao partir do AAE, era necessário encontrar uma solução que permitisse refletir, de alguma forma, as características sintáticas, morfossintáticas e fonológicas desta variedade. Uma vez que não existe correspondência exata entre tais características e as do Português Europeu, optou-se por encontrar características análogas numa outra variedade do Português, neste caso, o Português de Angola. O motivo da escolha do Português de Angola decorreu do facto de esta variedade já ter sido alvo de análise e de, nessa mesma análise, se ter procedido à comparação dos fenómenos linguísticos que a caracterizam com os do Português Europeu, no âmbito não só da aquisição da língua, mas também do seu uso quotidiano. Para além disso, encontra-se, nesses trabalhos, documentado o contacto do Português com línguas Bantu naquela zona do mundo, assinalando-se a influência africana na variedade padrão do Português, conforme acontece com o AAE, se se tiver em consideração a tese que procura atestar a influência de crioulos ou línguas africanas naquela variedade no Inglês. No entanto, não pretendo fazer nenhuma comparação entre as duas variedades, apenas afirmar uma possível influência linguística africana no AAE e no PA.

Ao assentar a estratégia de compensação no uso de características do PA para representar o discurso não padrão do texto de partida, o objetivo não foi transpor totalmente para a tradução as marcas do original, mas sim usar como base algumas propriedades do PA para assinalar uma diferença na variedade usada por algumas personagens, quando comparada com o PE. No que diz respeito ao processo de aplicação efetiva da estratégia, é importante ter em conta que são mencionados alguns tipos de compensação, dos quais destaco dois:

(...) **compensation in kind**, where different linguistic devices are employed in the target text in order to re-create an effect in the source text; **compensation in place**, where the effect in the target text is at a different place from that in the source; (...) (Hervey e Higgins; 1992:34-40)

Quanto ao local de compensação da perda, segundo Harvey (1995), a compensação pode ocorrer no mesmo local, num local próximo ou num local diferente, em relação a

um determinado caso. A compensação pode, ainda, verificar-se em diferentes pontos do texto de chegada, não propriamente no mesmo momento, caso o tradutor opte por uma abordagem mais global, holística, da compensação. Para além disso, deve ter-se em conta a possibilidade de coexistência de um ou mais tipos de compensação, tais como os da citação, e de outros tipos de estratégia, até pela natureza não só linguística, mas também literária do texto de partida. Este e outros assuntos serão tratados no quarto e último capítulo do presente relatório.

## **Capítulo III**

### **Caracterização das variedades trabalhadas: African American English e Português de Angola**

O terceiro capítulo, “Caracterização das variedades trabalhadas: African American English e Português de Angola”, dividir-se-á em duas partes. A primeira parte terá como objetivo apresentar as principais características do AAE. Considerei como principais as características que mais foram estudadas na literatura específica do AAE ao longo dos anos e que mais facilmente podem ser identificadas e associadas a esta variedade. Para além disso, estas são igualmente as que, com maior frequência, representam o AAE, e os seus falantes, em obras literárias. A segunda parte focar-se-á em algumas características do PA, que possam ser usadas para caracterizar o discurso não padrão como estratégia de compensação no texto de chegada.

Posto isto, é importante salientar que não pretendo descrever exaustivamente as características destas duas variedades, apenas apontar as que foram já descritas e que considero relevantes no âmbito do presente relatório. No caso específico do Português de Angola, focar-me-ei, somente, nas características que servem de ponto de partida para a estratégia de compensação e que, nas quais, se possam identificar aspetos comuns ao AAE.

Assim, a nível gramatical, apresentarei aspetos sintáticos e morfológicos do AAE e, no caso do PA, também fonológicos, por essa ordem.

### **3 Características específicas do African American English**

#### **3.1 Sintaxe**

Por Sintaxe, entende-se a organização das palavras de uma frase e, consequentemente, as regras e os princípios que regem as combinações de palavras de modo a que produzam significado (Raposo; 2013). Este ponto terá como objetivo apresentar as características sintáticas específicas do AAE. Assim, abordarei a questão dos verbos auxiliares, dos verbos de operação aspetual, da concordância negativa e das construções existenciais com “*it*” e “*dey*”.

### 3.1.1 Verbos auxiliares: “be”, “have” e “do”, e verbos modais “will” e “would”

Em Inglês, como noutras línguas, inúmeros significados importantes de uma frase são veiculados através do sintagma verbal. Esses mesmos significados podem ter a ver com a negação, o tempo da frase, os graus de conclusão, de continuação ou de repetição de uma ação, entre outros. Para se produzir estes significados, pode acrescentar-se, ao verbo principal, uma série de verbos auxiliares, a que alguns autores chamam verbos de sustentação (Swan; 1996).

Vou começar então por referir os verbos “be”, “have” e “do”, na função de verbos auxiliares, tendo em conta o papel que desempenham no AAE, nessa mesma função. Nesta variedade, as formas que estes verbos podem assumir enquanto verbos auxiliares são diversas. Deste modo, apresentá-las-ei de acordo com três padrões: forma não contraída, forma contraída e forma nula.

No caso do verbo “be”, as formas contraída e não contraída do AAE não diferem das do SE. Assim, podem dividir-se da seguinte forma, no *simple past* e no *present simple*:

Tabela 1:

Pronome	<i>Simple Past</i>		<i>Present Simple</i>	
	Forma não contraída	Forma contraída	Forma não contraída	Forma contraída
“I”	“was”	-	“am”	“’m”
“You”	“were”	-	“are”	“’re”
“He/She/It”	“was”	-	“is”	“’s”
“We”	“were”	-	“are”	“’re”
“You”	“were”	-	“are”	“’re”
“They”	“were”	-	“are”	“’re”

A tabela (1) apresenta as várias formas possíveis do verbo “be” nas duas variedades. Em relação a “was” e “were”, não há contração (Swan; 1996). Para além disso, no caso do

AAE, “*was*” desempenha uma função específica, que indicarei mais à frente. O verbo “*have*” não tem habitualmente forma contraída, aparecendo na forma não contraída ou nula. As formas contraídas do verbo modal “*will*” são “*’ll*” e “*’a*”, e a forma contraída do verbo modal “*would*” é “*’d*”. Excepcionalmente, a forma “*’a*” também pode corresponder ao verbo “*have*” (Green; 2002).

No que respeita a propriedades sintáticas relacionadas com a ausência de concordância entre sujeito e verbo, o AAE caracteriza-se pelo facto de a mesma forma verbal poder ser usada com sujeitos singulares e plurais e das diferentes pessoas (Green; 2002). Indico, abaixo, um exemplo<sup>31</sup> com o verbo principal “*eat*”, no *present simple*:

8) **I / you / he / we / you / they eat** a cookie.<sup>32</sup>

Como é possível observar no exemplo (8), a forma “*eat*” é invariável, independentemente do sujeito, mesmo que o sujeito seja a 3.<sup>a</sup> pessoa do singular. Relativamente aos verbos auxiliares, essa invariabilidade mantém-se: “(...) a single auxiliary form is used with both singular and plural subjects.” (Green; 2002:38). A ausência de concordância pode ainda ocorrer nas formas “*DO*”, “*WAS*” e “*HAVE*”, sendo estas usadas não só quando o sujeito corresponde à 3.<sup>a</sup> pessoa do singular, mas também quando corresponde à 3.<sup>a</sup> pessoa do plural:

9) a) **He DO eat** an apple.

b) **They DO eat** an apple.

10) a) **He HAVE ate** an apple.

b) **They HAVE ate** an apple.

11) a) **He WAS eating** an apple.

b) **They WAS eating** an apple.

---

<sup>31</sup> Quase todos os exemplos que apresentarei daqui para a frente, no presente capítulo, foram retirados e/ou adaptados do livro *African American English*, de Lisa J. Green, publicado em 2002. Ocasionalmente, utilizarei outros exemplos e recorrerei a outros autores sempre que se justificar.

<sup>32</sup> Quando a 3.<sup>a</sup> pessoa do singular corresponder a um dos pronomes (“*he*”, “*she*” ou “*it*”), optarei por apenas colocar “*he*” por questões de simplificação.

No caso dos exemplos (9), (10) e (11), o verbo auxiliar assume uma função enfática e a formulação da frase e o modo como as formas auxiliares são utilizadas são transversais ao tempo verbal, uma vez que a frase do exemplo (9) está no *present simple*, ao passo que a do (10) está no *present perfect* e a do (11) se encontra no *past progressive*. Relativamente a uma possível variação linguística resultante do contexto, Green (2002:38) afirma que:

(...) there is no indication that a single speaker may use the singular verb form (e.g., they was) in some linguistic and social environments and the plural verb form (e.g., they were) in others.

No entanto, este fenómeno pode não ser assim tão linear uma vez que a variação linguística pode existir, dependendo do contexto. A questão da variação linguística já havia sido abordada no segundo capítulo e voltará a ser aquando da apresentação dos exemplos práticos resultantes da estratégia de tradução adotada.

No que diz respeito aos três padrões das formas verbais atrás mencionados (a forma não contraída, a forma contraída e a forma nula), bem como à concordância, existem, no caso específico do verbo “*be*”, algumas regras gerais que se podem traçar:

For the most part, it is overtly represented when it occurs with the first person singular pronoun (*I'm*) and with the third person singular pronoun (*it's*). It obligatorily occurs in the past tense (*was* [...]) although without a singular/plural distinction. The overt auxiliary/copula form also occurs in emphatic contexts in which it is stressed (*IS*). It occurs optionally, as indicated in the paradigms for first person plural, second and third person singular and plural, in which no auxiliary/copula *be* form is given. (Green; 2002:38-39)

De acordo com as regras gerais acima apresentadas, passo, agora, a apresentar as formas nula<sup>33</sup> e contraída, visto que o papel enfático dos verbos auxiliares já foi referido. Ao analisar as características da forma nula, farei a distinção entre forma declarativa e interrogativa, e estabelecerei um paralelo e/ou contraste entre os verbos

---

<sup>33</sup> Sempre que seja necessário representar a forma nula, usarei o símbolo “Ø”.

auxiliares “*be*”, “*have*”, “*do*”, “*will*” e “*would*”, caso seja pertinente. Sempre que considere relevante, mencionarei a forma “*a*”, pelo motivo de esta poder corresponder a dois verbos auxiliares diferentes.

Em AAE, a forma nula dos verbos “*be*” e “*have*”, numa frase declarativa, não apresenta diferenças:

12) **They**  $\emptyset$  **walking** too fast.

13) **I**  $\emptyset$  **ate** an apple.

Com uma construção “*be*+verbo (-ing)”, no *present progressive*, no exemplo (12), o verbo “*be*” encontra-se na forma nula. Em (13), o verbo “*have*” está também na forma nula, no *present perfect*. No entanto, a construção frásica do exemplo (13) também pode corresponder ao *simple past*, dado que “(...) there is no observable distinction between the simple past [...] and the present perfect [...] verb forms.” (Green; 2002:39). Consequentemente, na análise de (13), o contexto seria essencial para identificar o tempo e o modo verbais e desfazer a ambiguidade.

No caso do verbo modal “*will*”, a forma nula também existe na declarativa:

14) **He**  $\emptyset$  **be** there in a minute.

Ao analisar os exemplos (12), (13) e (14), concluo que, tanto no *future simple*, como no *present progressive* ((12)) e no *present perfect* ((13)), os verbos auxiliares podem ser omitidos. Relevante é ainda o facto de a forma nula poder ocorrer com qualquer uma das pessoas do singular ou do plural, sendo esse facto atestado, em parte, pelos exemplos (12), (13) e (14).

A forma nula ocorre ainda na interrogativa. Nesses casos, as perguntas assinalam-se através de uma entoação especial (Green; 2002). Os verbos auxiliares que podem ser omitidos são o “*be*”, o “*have*” e o “*do*”:

15) a) **Is Bob** here?

b)  $\emptyset$  **Bob** here?

16) a) **Have Bob left?**

b) **Ø Bob left?**

17) a) **Did Bob leave?**

b) **Ø Bob left?**

Sobre os exemplos acima ((15), (16) e (17)), Green (2002:42) afirma que:

These sentences show that, on the one hand, auxiliaries can occur at the beginning of sentences, but on the other, they can be left completely out of questions.

Estes exemplos demonstram ainda que o tempo verbal é irrelevante para ocorrer ou não a forma nula na frase, visto que o verbo pode estar tanto no presente (“*is*”, para o verbo “*be*”, e “*have*”, para o verbo “*have*”, aqui sem concordância com a 3.<sup>a</sup> pessoa do singular) como no passado (“*did*”, forma passada do verbo “*do*”). Novamente, nos exemplos (16b) e (17b), o contexto seria essencial para perceber o sentido da frase, uma vez que as frases são exatamente iguais nos dois casos, o que conduz a ambiguidade. Relativamente à forma nula e aos verbos modais, essa não é permitida, por exemplo, com o verbo “*will*”, pelo facto de o verbo não poder ser omitido, mantendo-se, aqui, entre o sujeito e o verbo principal:

18) **You’*a* teach** me how to swim?

19) **Bruce was running?**

Ainda que em (18) “*will*” assuma uma forma diferente, “’*a*”, é obrigatória a sua realização lexical, independentemente da forma. Do mesmo modo que os verbos modais são obrigatórios nas interrogativas, a forma “*was*”, do verbo “*be*”, também o é (Green; 2002). Referindo o exemplo (19), Green (2002) chama a atenção para o facto de uma frase como \*<sup>34</sup>“Bruce running” não poder representar uma frase como “Bruce was running”, nem “Was Bruce running?”, uma vez que é essencial a presença do auxiliar “*was*”. É igualmente relevante o facto de, nos exemplos (18) e (19), se verificar a

---

<sup>34</sup> O asterisco (\*) será usado para representar sequências agramaticais.

ausência da inversão sujeito-auxiliar, que ocorre habitualmente nas frases interrogativas em SE.

Como é possível verificar pelos exemplos (15b), (16b), (17b), (18) e (19), em AAE, as frases interrogativas podem ter várias formas. No caso de (15b), (16b) e (17b), o verbo auxiliar pode ser omitido na interrogativa, ao passo que, em (18), o verbo auxiliar pode ocorrer na forma contraída, e, em (19), “*was*” não pode ser omitido pelos motivos descritos no parágrafo anterior. Nos exemplos (18) e (19), a frase apresenta o formato de uma declarativa, funcionando como interrogativa devido à já referida entoação específica e, na escrita, à presença de um ponto de interrogação no final da frase. Assim, nos casos em que a frase apresente o formato de uma declarativa, sendo, contudo, uma interrogativa, não é a ordem das palavras a determinar o tipo de frase. No entanto, sendo a inversão entre o sujeito e o verbo auxiliar uma propriedade especial dos verbos auxiliares, não só em SE, mas também em AAE, os verbos auxiliares podem também ocorrer no início da frase como acontece, por exemplo, em (15a), (16a) e (17a). Dado que o tempo verbal se assinala no verbo auxiliar, nos casos em que a forma é nula, como em (15b), (16b) e (17b), a marca do passado está presente no verbo principal, como ocorre, por exemplo, com “*left*”, em (16b) e (17b) (Green; 2002).

Passo, agora, a uma outra característica das construções com verbos auxiliares, que é a associação do elemento da negativa “n’t” ao próprio verbo auxiliar. Esta não é uma característica exclusiva do AAE, uma vez que também pode ocorrer em SE. Seguem-se alguns exemplos:

20) a) Bruce **ain’t** taking calculus this semester.

b) Bruce is not taking calculus this semester.

21) a) Bruce **won’t** take calculus next semester.

b) Bruce will not take calculus next semester.

22) a) Bruce **didn’t** (din) finish his homework last night.

b) Bruce did not finish his homework last night.

23) a) Bruce **hadn’t** been doing his homework.

b) Bruce had not been doing his homework.

Nas frases (21a), (22a) e (23a), ocorre a sequência “verbo auxiliar+contração de “not” (“n’t)””, e, nos exemplos (21b), (22b) e (23b), a construção é formada por “verbo auxiliar não contraído+sequência “not””. Em (20a), Green (2002) considera “ain’t” um operador negativo. Relativamente a “ain’t”, é dito o seguinte:

It is different from other negated auxiliaries in that it is not formed from any particular auxiliary + contracted *not* (*n't*), although it may occur in environments in which *isn't*, *didn't* and *haven't* occur. (Green; 2002:41)

Uma vez que pode substituir os verbos auxiliares indicados na citação de cima, “ain’t”, pode, desta forma, ter o papel de verbo auxiliar em (20a). Neste caso, é usado na declarativa. Pode, ainda, ser usado igualmente no caso específico das interrogativas *tag*<sup>35</sup>:

- 24) a) Bruce Ø eating, **ain't he?**  
b)\* Bruce Ø eating, **Ø not he?**  
c) Bruce not eating, **is he?**  
d)\* Bruce Ø not eating, **Ø he?**

Green (2002) explica o processo de formulação da interrogativa *tag* em (24a) da seguinte forma:

In forming the grammatical tag [...], the negative element (*ain't*) corresponding to the positive form of the auxiliary that would occur in the declarative if there were one is copied at the end of the sentence, and then the pronoun corresponding to *Bruce* is copied. (Green; 2002:43)

Em relação à inexistência da forma flexionada de forma explícita<sup>36</sup> do verbo “be” em (24a), deve proceder-se como se o verbo auxiliar estivesse presente (Green; 2002).

---

<sup>35</sup> Swan (1996) explica que este tipo de interrogativas costuma ocorrer no final de uma frase, frequentemente na oralidade, e, por vezes, na escrita informal. A forma negativa tem, normalmente, uma forma contraída, sendo que, no discurso formal, pode ter uma forma não contraída.

<sup>36</sup> Considero forma explícita a forma não nula.

Consequentemente, verifica-se, pelos exemplos agramaticais (24b) e (24d), que, numa interrogativa *tag*, é absolutamente necessária a presença de um auxiliar na parte final da frase, mesmo que não haja um verbo auxiliar explícito na declarativa (Green; 2002). Como forma de sintetizar o uso de verbos auxiliares em interrogativas *tag*, a mesma autora (2002) diz o seguinte: “In short, auxiliaries that do not occur superficially in declarative sentences can be *forced* to surface by using tag questions (...)” (Green; 2002:43).

As regras apresentadas até agora corresponderam a constituintes da negativa da frase, ou seja, “*isn’t*”, “*didn’t*” e “*haven’t*”, que podem ser representados pela forma “*ain’t*”. No caso de existirem constituintes na afirmativa, no passado, deve seguir-se a regra que agora apresento:

If *ain’t* precedes a verb in the past form in the declarative, use the auxiliary *have* (or *did* for some speakers) in the tag. In all other cases, use the auxiliary *is*. (Green; 2002:43)

25) a) He **ain’t eating**, **is** he?

b) He **ain’t ate**, **have** he?

c) He **ain eat**, **did** he?

“*Ain’t*”, antecede, especificamente, “*ate*”, em (25b), logo, comprova-se a regra proposta. Em (25c), “*ain eat*” terá o sentido “*didn’t eat*”, e, em (25a), sendo uma situação diferente, é usada a forma “*is*”.

Por fim, existe ainda a possibilidade de a elipse do sintagma verbal poder ser legitimada pelo verbo auxiliar, numa estrutura coordenada, mesmo quando o auxiliar é omitido no primeiro termo coordenado. A elipse do sintagma verbal ocorre em estruturas nas quais é usado um verbo auxiliar em vez dos constituintes elididos da frase (Green; 2002).

26) a) Bruce  $\emptyset$  dancing, and Dee  $\emptyset$  **dancing**, too.

b) Bruce  $\emptyset$  dancing, and Dee **is**, too.

No exemplo (26b), a elipse é legitimada pela ocorrência do auxiliar “*is*”, na segunda oração. Pode ainda acontecer a anteposição do sintagma verbal na segunda oração:

27) Bruce said he would win the election, and win the election he **did**.

Green (2002) descreve a construção em (27) da seguinte forma: “VP-fronting can occur, in which the auxiliary is left behind while the verb and other material (VP) is moved forward.” (Green; 2002:44). Em termos práticos, o sintagma verbal “*win the election*” é anteposto, para a posição que antecede o sujeito “*he*”, ficando, assim, em posição inicial. O verbo auxiliar “*did*” fica, assim, em posição final.

Visto que algumas características dos verbos auxiliares em AAE são muito semelhantes, ou até mesmo idênticas às das do SE, Green (2002) salienta que a utilização deste tipo de verbos não é, por isso, muito diferente nas duas variedades, exceto aquando da omissão de alguns dos verbos auxiliares em AAE, em algumas situações. No entanto, essa omissão também pode existir em SE, em contextos de oralidade.

### 3.1.2 Verbos de operação aspetual: “*be*”, “*BIN*” e “*dən*”

A presente secção centra-se no aspeto. Uma vez que o aspeto de uma frase difere do seu tempo, é importante definir a função do tempo. Em Cunha (2013), o tempo de uma ação descrita numa frase situa-a num determinado ponto ou intervalo de um eixo que se articula entre Passado, Presente e Futuro. Em contrapartida, o aspeto corresponde à estrutura temporal interna de uma frase. Essa estrutura depende do tipo de situação que representa e é independente de um ponto de referência externo. Na prática:

(...) no aspeto exprime-se a temporalidade intrínseca do tipo de situação veiculada pela frase, independentemente do tempo (externo), que é expressa em grande medida pelo predicado [...], mas também por outros meios lexicais e gramaticais. (Cunha; 2013:585)

Os valores aspetuais são introduzidos através de verbos auxiliares e semiauxiliares, que se chamam verbos de operação aspetual. Existe, ainda, uma distinção aspetual que tem a

ver com os padrões de repetição de situações (Cunha; 2013:586). Os três tipos de repetição mais comuns são os seguintes:

- (i) a **repetição simples**: (...) em que uma situação é quantificada num âmbito temporal particular e relativamente delimitado, mas em que cada uma das suas realizações é encarada autonomamente.
- (ii) a **iteração**: (...) que se obtém quando uma situação é repetida numa porção espaço-temporal delimitada, mas sendo o conjunto dessas repetições perspectivado como um evento único.
- (iii) a **repetição habitual**: (...) obtida tipicamente com o verbo no presente ou no imperfeito do indicativo, e que representa um padrão de repetição da situação suficientemente relevante a ponto de poder ser considerado como uma propriedade característica da entidade representada pelo sujeito gramatical (...) <sup>37</sup>.

No caso do AAE em particular, os verbos de operação aspetual são, na sua forma, semelhantes aos verbos auxiliares do SE. Contudo, os verbos de operação aspetual “*be*”, “*BIN*” e “*dən*” ocorrem em contextos específicos de uma frase e têm um determinado tipo de significado (Green; 2002). Os verbos de operação aspetual são, por vezes, seguidos de um verbo na forma “-ing” ou “-ed”. Em relação à pessoa do verbo, verifica-se, uma vez mais, a ausência de concordância: “The same form is used regardless of whether the subject is first, second, third person singular or plural.” (Green; 2002:45).

Passo agora a apresentar os verbos de operação aspetual “*be*”, “*BIN*” e “*dən*”, começando por “*be*”.

## “*Be*”

O verbo “*be*” pode atuar como verbo de operação aspetual, tendo, nessa função, um significado de repetição habitual ou de iteração. Indico, abaixo, cinco exemplos para

---

<sup>37</sup> Embora os tempos e os modos verbais indicados nas definições/explicações do tipo de repetição se refiram ao Português Europeu, ainda que difiram neste aspeto do AAE, a nível semântico, o funcionamento dos verbos de operação aspetual do Português Europeu não é muito diferente do dos do AAE, existindo, nomeadamente, verbos que transmitem um sentido de iteração ou repetição habitual, justificando-se, assim, a inclusão desta informação nesta secção.

explicar o funcionamento de “*be*” enquanto verbo de operação aspetual em AAE, bem como o significado de cada um deles, de acordo com Green (2002):

28) Bruce **run**.

“O Bruce corre de vez em quando.” ou “O Bruce não tem problema nenhum em correr.”

29) Bruce **Ø running**.

“O Bruce está agora a correr.” ou “Atualmente, o Bruce corre.”

30) Bruce **be running**.

“O Bruce anda sempre a correr.” ou “Habitualmente, o Bruce corre.”

31) **Bruce running** when I leave for work.

“O Bruce está a correr quando saio para o trabalho.”

32) **Bruce be running** when I leave for work.

a) “Habitualmente, o Bruce está a correr quando saio para o trabalho.”

b) “Habitualmente, o Bruce começa a correr quando saio para o trabalho.”

No que diz respeito a este verbo de operação aspetual, embora todas as frases ((28) a (32)) possam representar uma ação que se repete habitualmente, apenas as frases com o verbo realizado lexicalmente podem ter uma interpretação aspetual. Contrapondo “*be*” enquanto verbo de operação aspetual e “*be*” na forma de verbo auxiliar ou de cópula, Green (2002:47) indica:

Because it denotes meaning, the aspectual marker *be* must occur in sentences in which such aspectual interpretation is intended. For example, whereas the auxiliary/copula *be* and other auxiliaries can be absent or do not have to occur obligatorily, the aspectual marker *be* cannot be left out of the sentence. If it is omitted, some sentences may receive ambiguous interpretations, or they may not receive the intended interpretation.

Deste modo, no caso da frase (30), só é possível obter o significado indicado na glosa, contrariamente ao que acontece em (29), por exemplo, em que a interpretação da frase pode ser muito diferente, como é possível perceber pela descrição imediatamente abaixo do exemplo. Comparando os exemplos (29) e (30), existem semelhanças, já que o verbo principal está na forma “-ing” (Green; 2002). Se, a (29) e (30), se acrescentar a oração adverbial “*when I leave for work*”, que especifica um período de tempo, é possível perceber como o significado produzido é bastante diferente: em (31), há apenas uma interpretação, mas, em (32), podem existir duas interpretações. Para Green (2002), isto resulta do facto de a frase (31) apresentar uma construção no *present progressive* e de (32) ter uma construção com o verbo de operação aspetual “*be*” (além de, neste caso específico, serem permitidas as tais duas interpretações).

Em termos de forma, Green (2002:48) afirma que o verbo “*be*” ocorre sempre numa forma invariável: “Aspectual *be* always occurs in its uninflected or bare form, so it never appears as *is*, *am* or *are*.”.

Para além das construções apresentadas até aqui, enquanto verbo de operação aspetual, ocorrendo antes de um verbo principal, o verbo “*be*” pode anteceder palavras de outras categorias. Deste modo, Green (2002) indica que numa construção “*be+verbo/adjetivo/preposição*”, por exemplo, a situação descrita pode transmitir a ideia de uma ação que “acontece em várias situações” ou que “se encontra num determinado estado ou lugar em diferentes situações”. Ilustro estas afirmações com os seguintes exemplos da autora:

33) During the summer, they go off for two weeks, so her checks **be big**.

“No verão, ausentam-se por duas semanas, logo, as despesas dela com restauração são sempre elevadas nessa altura.”

Em (33), “*be*” antecede o adjetivo “*big*”. O verbo de operação aspetual “*be*” pode ainda anteceder sintagmas preposicionais (Green; 2002):

34) I **be in my office** by 7:30.

“Habitualmente, estou no escritório às 7h:30.”

No exemplo (34), o sintagma preposicional corresponde a “*in my office*”, sendo introduzido pela preposição “*in*”, que se segue a “*be*”. A mesma autora refere ainda que o verbo de operação aspetual “*be*” pode encontrar-se no final da frase, como no exemplo (35), ou imediatamente antes de um sintagma preposicional que confira, à frase, uma informação adicional, como no exemplo (36):

35) That’s how **they be**.

“É como costumam estar/Estão sempre assim.”

(De forma literal: “Habitualmente, as meias dos miúdos estão sempre assim sujas. As meias estarem assim hoje não é nada de anormal.”)

36) No, that’s how **it be** at Wal-Mart.

“Não, é como costuma estar/está sempre assim no Wal-Mart.”

(De forma literal: “O aspartame está sempre a um preço aceitável no Wal-Mart. O preço aceitável a que está hoje não é nada de anormal.”)

Assim, conclui-se que “In these cases, aspectual *be* indicates habitual meaning, but it also attributes a property to the subjects of the sentences.” (Green; 2002:51). No caso específico da frase (35), a propriedade de estar sujo atribui-se às meias, estando estas habitualmente sujas. Em (36), “*be*” antecede o sintagma preposicional com valor locativo “*at Wal-Mart*”, introduzido pela preposição “*at*”, referindo-se, neste caso, ao preço razoável do adoçante no Wal-Mart (Green; 2002).

Green (2002) menciona ainda que, devido ao facto de o verbo de operação aspetual “*be*” demonstrar habitualidade, não são necessários, em AAE, advérbios para expressar esse sentido. Porém, podem ocorrer em conjunto com este operador alguns tipos de advérbios (p.e. os que expressem frequência). Indico, abaixo, quatro exemplos apresentados pela autora em que “*be*” ocorre com os advérbios “*always*”, “*usually*”, “*often*” e “*never*”:

37) I **always be** looking for somewhere to waste time.

“Estou sempre à procura de um sítio para passar o tempo./Procuro sempre um sítio...”

38) I **usually be** looking for somewhere to waste time.

“Habitualmente, estou à procura de um sítio para passar o tempo./Habitualmente, procuro um sítio...”

39) I **often be** looking for somewhere to waste time.

“Muitas vezes, estou à procura de um sítio para passar o tempo./Muitas vezes, procuro um sítio...”

40) I **never be** looking for that.

“Nunca estou à procura disso./Nunca procuro...”

41) They **probably be** up there laughing.

“Muito provavelmente, costumam estar ali às gargalhadas.”

A negrito, nas expressões “*always be*” ((37)), “*usually be*” ((38)), “*often be*” ((39)) e “*never be*” ((40)), os advérbios seguem a ordem “advérbio+*be*”. Igualmente, com “*probably*” ((41)), essa ordem mantém-se, ainda que o advérbio não expresse frequência, conforme acontece em (37), (38), (39) e (40), mas sim probabilidade.

Green (2002) refere ainda outros dois usos de “*be*”, que têm a ver com a forma “*be*” de verbo de operação aspetual, na medida em que “*be*” ocorre também na forma não flexionada. Porém, em termos de significado, um tem um sentido condicional (42) e, o outro, um sentido futuro (43):

42) I’m going fishin if it don’t **be** raining.

“Vou à pesca se não estiver a chover.”

43) I sure hope it don’t **be** no leak after I finish.

“Espero bem que não haja uma fuga quando acabar.”

No caso de (42):

(...) the meaning is that the speaker will go fishing at some point in the future under the condition that it is not raining at that time. This sentence also has a subjunctive meaning in which it is not a fact that it will be raining, but it is a possibility. (Green; 2002:53)

A frase expressa uma probabilidade através do verbo “*be*”, que antecede o verbo principal, “*raining*”. No caso de (43) é referido que “(...) *be* precedes a noun phrase (*no leak*), and the speaker is expressing his hope that there will not be a leak in the future.” (Green; 2002:53). Uma vez mais, o sentido futuro transmite-se através do verbo “*be*”, que antecede o sintagma nominal.

Green (2002) refere ainda uma outra situação em que a frase tem um significado futuro, mas em que não existe o verbo modal “*will*”, referente ao futuro:

44) You **be** surprised how the Lord can use you.

“Ficarias surpreendido se soubesses que papéis o Senhor te pode dar.”

Relativamente à interpretação da frase, colocam-se as coisas do seguinte modo:

The speaker who used the sentence [...] was encouraging the listener to yield to the Lord, who can and will do wonderful things. Given the context, it is clear that this occurrence of *be* is not the aspectual *be* that has been discussed in this section. (Green; 2002:53)

Dito isto, o significado não é o mesmo. Neste contexto, a frase transmite um sentido futuro. Aqui, o que parece verificar-se é a omissão do verbo auxiliar “*will*”. Sem a sua omissão, a frase ficaria: “You will/would be surprised how the Lord can use you” (Green; 2002). Numa situação assim, o contexto seria essencial para entender o sentido da frase.

Em suma, o verbo de operação aspetual “*be*” tem sempre um carácter de habitualidade, em relação a uma ação que se repete. Em termos de forma, surge sempre na forma não flexionada, podendo ocorrer em várias posições na frase e ocorrer em conjunto com outro verbo ou com palavras de outras categorias. A forma “*be*” pode, ainda, ocorrer numa forma não flexionada, mas não enquanto verbo de operação aspetual, visto, nesses casos, ter um significado diferente.

## “*BIN*”

O verbo de operação aspetual “*BIN*” pode ser usado em duas situações: 1) pode ser empregado para indicar que o período de tempo referido é maior do que o normal para uma ação, ou 2) pode ser empregado para afirmar que um estado se manteve, efetivamente, durante muito tempo. Devido ao facto de “*BIN*” situar um estado ou ação (ou parte deste(a)) no passado remoto, para se explicar como funciona este verbo de operação aspetual, é preciso definir “passado remoto”. Para Green (2002:55), o passado remoto é relativo, uma vez que “(...) it can refer to a time period of fifteen minutes ago or fifteen years ago.”. Consequentemente, em termos de posicionamento no eixo temporal mencionado anteriormente, a autora refere que a ação pode ter começado num determinado ponto no passado remoto e ter continuado até ao momento da enunciação ou ainda ter terminado num determinado ponto no passado remoto.

Em AAE, existem duas formas semelhantes a “*BIN*”, mas que, na verdade, transmitem ideias diferentes. Essas formas são “*been*” e “*bin*”<sup>38</sup>. Comparando “*BIN*” e “*been*”, a produção<sup>39</sup> distingue, fonética e semanticamente, estas duas formas. Green (2002:182) e Debose (2015:373) classificam as duas formas como “*stressed BIN*” e “*unstressed been*”, e Green e Sistrunk (2015:360) especificam a função acima descrita de “*BIN*”, designando-a também de “*remote past BIN*”. Recorrendo às classificações que indico, pode concluir-se que, foneticamente, “*BIN*” é uma palavra tónica, ao passo que “*been*”, tal como “*bin*”, é uma palavra átona. A nível semântico, os três exemplos seguintes ajudam a perceber as diferenças entre estas três formas, assinalando-se marcadamente as diferenças em termos de significado, conforme se percebe pela glosa:

45) She **BIN** running.

“Ela já está a correr há muito tempo.”

46) She **been** running.

“Ela tem andado a correr.”

---

<sup>38</sup> Apresentarei o caso específico de “*bin*” mais à frente, aquando da explicação das construções “*BIN<sub>COMP</sub>*”.

<sup>39</sup> Entende-se por produção a forma como se pronuncia o item lexical.

47) She **bin** had him all day.

“Ela esteve com ele o dia todo.”

Como se depreende pelo exemplo (46), a função de “*been*” não difere muito da função que teria noutras variedades do Inglês (Debose; 2015), e “*BIN*”, em (45), tem uma interpretação associada ao “passado remoto”.

Para além da distinção entre “*BIN*”, “*been*” e “*bin*”, a forma “*BIN*” pode veicular três valores aspetuais diferentes e verificar-se em três contextos diferentes. Especificamente, em relação a “*BIN*”, ainda que só exista uma única forma “*BIN*”, de acordo com Green (2002), as construções frásicas com “*BIN*” podem dividir-se em “*STAT*”, “*HAB*” e “*COMP*”, ou seja, um “*ESTADO*”, a “*HABITUALIDADE*” de uma situação, ou um “*HÁBITO*”, e o grau de “*CONCLUSÃO*” de uma situação, respetivamente. Passo, agora, a definir, a explicar o uso e a indicar, através de exemplos, cada um destes tipos de construção.

Em construções “*BIN<sub>STAT</sub>*”, “(…) the state started at some point in the remote past and continues to hold up to the moment of utterance or time of speech (...)” (Green; 2002:55):

48) He **BIN running**.

“Ele já está a correr há muito tempo.”

49) They just sent me this one, but I **BIN having** that one.

“Só me enviaram este, mas já tenho aquele há muito tempo.”

50) I **BIN knowing** he died.

“Já há muito tempo que sabia que ele tinha morrido.”

51) a) The police going bad.

b) They ain’t going bad. They **BIN bad**.

“A polícia não está a ficar hostil. A polícia já é hostil há muito tempo.”

52) He **BIN a preacher/in the kitchen/there**.

“Ele já é pastor/está na cozinha/está ali há muito tempo.”

Nos exemplos (48), (49) e (50), “**BIN**” antecede um verbo que termina em “-ing”. “**BIN**” ocorre ainda em construções em que existe um sintagma predicativo, como, por exemplo, um sintagma adjetival ((51b)), e um sintagma nominal, um sintagma preposicional e um sintagma adverbial ((52)). Todas as construções ((48) a (52)) representam um estado que se prolonga “há muito tempo”, de forma constante e inalterável (Green; 2002). Por conseguinte, concluo que, independentemente da categoria que se segue, “**BIN<sub>STAT</sub>**” confere, à frase, a referida leitura de um estado que se mantém, ou manteve, durante muito tempo.

Em construções “**BIN<sub>STAT</sub>**” alguns verbos podem, ainda, apresentar uma marca do passado. Green (2002) apresenta duas situações, uma com o verbo “*have*” e, outra, com o verbo “*know*”:

53) a) Where’d you get that shirt?

b) I **BIN had** it.

“Já a tenho há muito tempo.” (p. e. “Tenho-a há tanto tempo que não me lembro onde a comprei/arranjei”)

a) Hunh?

b) I **BIN got** it.

“Comprei-a/Arranjei-a há muito tempo.”

54) I **BIN knew** that.

“Já há muito tempo que sabia disso.”

Os verbos “*have*” e “*know*”, nos exemplos (49) (“**BIN having**”) e (53b) (“**BIN had**”), e (50) (“**BIN knowing**”) e (54) (“**BIN knew**”), respetivamente, têm o mesmo significado. Porém, só no caso de verbos que exprimam um “estado” e que tenham uma forma que termine em “-ing” ou “-ed”, em construções “**BIN<sub>STAT</sub>**”, é que o significado se mantém inalterável, querendo isto dizer que, noutra tipo de verbos, com outro tipo de função, essa alternância de forma alteraria também o seu significado (Green; 2002).

Passo, agora, ao tipo de construção “**BIN<sub>HAB</sub>**”. Por expressar uma habitualidade, o evento ou o estado transmitido pelo verbo começa num determinado ponto do passado remoto e continua habitualmente, ou seja, recorrente ou ocasionalmente. Em termos de

estrutura, as construções “BIN<sub>HAB</sub>” correspondem a “BIN+verbo (-ing)”. No entanto, apesar desta semelhança com as construções “BIN<sub>STAT</sub>”, nas construções “BIN<sub>HAB</sub>”, nenhum dos verbos pode ocorrer no passado. Para além disso, uma outra particularidade é o facto de apenas verbos poderem ocorrer em construções “BIN<sub>HAB</sub>”, contrariamente ao que acontecia em construções “BIN<sub>STAT</sub>”, em que constituintes predicativos como nomes e adjetivos podem seguir-se, imediatamente, a “BIN”. Apresento, agora, um exemplo que poderia ter uma leitura “BIN<sub>STAT</sub>”, mas que, neste caso, tem uma leitura “BIN<sub>HAB</sub>”:

55) Bruce **BIN running**.

“O Bruce começou a correr há algum tempo e ainda corre de vez em quando.”

Na frase (55), Bruce ganhou, há algum tempo, o hábito de “correr” (“*running*”). O contexto seria essencial para determinar o tipo de construção. Na frase (56), a interpretação é de que Bruce ganhou, há algum tempo, o hábito de ter atitudes parvas:

56) Bruce **BIN being** a clown.

“O Bruce começou a ter atitudes parvas/fazer de palhaço há algum tempo e ainda tem atitudes parvas/faz de palhaço de vez em quando.”

Em ambos os casos, o referido “hábito” continua a verificar-se ocasionalmente.

Embora seja possível, como foi mostrado, em (52), a ocorrência de um advérbio de lugar, os sintagmas adverbiais que tenham a ver com tempo e que sirvam para especificar o período de tempo não são permitidos em construções “BIN<sub>STAT</sub>”, uma vez que alteram a duração do estado. Apresento, agora, um exemplo analisado em Green (1998b:127):

57) John BIN running for ten minutes.

- A) \* “O John já está a correr há dez minutos.” (leitura “BIN<sub>STAT</sub>”)
- B) “Há muito tempo, o John começou a dar corridas de dez minutos e, atualmente, ainda dá corridas de dez minutos.” (leitura “BIN<sub>HAB</sub>”)

Ao apresentar as leituras “BIN<sub>STAT</sub>” e “BIN<sub>HAB</sub>”, Green (2002) explica que a leitura (A) é agramatical, segundo uma interpretação “BIN<sub>STAT</sub>”, porque transmite a ideia de que a ação “correr” (“*running*”) está em curso há muito tempo, conseqüentemente, não é permitida a especificação “há dez minutos” (“*for ten minutes*”). A leitura (B) é aceitável de acordo com uma interpretação “BIN<sub>HAB</sub>”, visto que o sintagma adverbial “*for ten minutes*” especifica a duração de todos os pequenos períodos de corrida, que, no conjunto, constituem um hábito (Green; 2002).

O último tipo de construção é a construção “BIN<sub>COMP</sub>”. “Comp” significa “conclusão”, na medida em que nas construções “BIN<sub>COMP</sub>”, “(...) the activity indicated by the verb ended at some point in the remote past; (...)” (Green; 2002:58). Green (2002) refere que há duas diferenças importantes entre “*bin*” e “BIN<sub>COMP</sub>”: “*bin*” é uma palavra átona e pode ocorrer com advérbios de tempo, ao passo que “BIN” é uma palavra tónica e apenas pode ocorrer com advérbios de tempo em contextos específicos. Na maioria dos casos, neste tipo de construção, o verbo está no passado. Porém, a forma “-ed” poderá não se pronunciar, ou o verbo poderá, também, estar no presente. Conseqüentemente, Green (2002) dá os seguintes exemplos e explica o funcionamento das construções “BIN<sub>COMP</sub>”:

58) I could’a **BIN went** back to work.

“Poderia ter voltado ao trabalho há muito tempo.”

59) a) You called her, Kaye?

b) Yeah, I **BIN called** her.

“Sim, liguei-lhe há muito tempo.”

60) I **BIN give** Brenda and Mr. Al they books.

“Há muito tempo que devolvi à Brenda e ao Sr. Al os livros deles.”

A frase (58) transmite, através de “*BIN went*”, a possibilidade de “ter voltado ao trabalho” (“*back to work*”) há muito tempo, como se tal possibilidade se encontrasse no passado remoto. Em (59b), “*BIN called*” representa que o ato de “chamar ou ligar para alguém” (“*call*”) aconteceu no passado remoto, há muito tempo. No exemplo (60), os livros (“*books*”) foram “devolvidos” a quem se destinavam no passado remoto, apesar de o verbo (“*give*”, em “*BIN give*”) não apresentar, explicitamente, uma marca de passado.

Posso concluir que, quando comparando os três valores aspetuais diferentes veiculados por “*BIN*”, em construções “*BIN<sub>STAT</sub>*” e “*BIN<sub>HAB</sub>*”, o estado que começa no passado remoto e continua até ao momento da enunciação é um estado em curso. No caso de construções “*BIN<sub>COMP</sub>*”, a situação começou e terminou antes da enunciação, logo, o estado é um estado consequente, resultante, ou seja, o estado de uma situação que terminou (Green; 2002).

“*Dən*”

O terceiro verbo de operação aspetual é “*dən*”. A sua função na frase é demonstrar que uma situação terminou (Green; 2002), centrando-se na sua culminação (Cunha; 2013):

61) I told him you **dən changed**.

“Disse-lhe que tu mudaste.”

62) a) You through with Michael Jordan I bought you?

(À letra: “Já acabaste de ler a revista que te trouxe, a que tem o Michael Jordan na capa?”)

b) I **dən** already *finished* that.

“Já acabei de ler.”

63) I **dən done** all you told me to do. I **dən visited** the sick.

“Já fiz tudo o que me pediste. Já visitei os doentes.”

64) a) Push your seat.

b) I **dən pushed** it.

“(Já) empurrei o banco”

a) Push it again.

Descrevendo o significado de cada uma das situações dos exemplos, de acordo com Green (2002), (61) refere-se a “ter mudado” (“*dən changed*”), (62b) a “ter já terminado de ler uma revista” (“*dən already finished*”), (63) a “ter terminado tudo o que lhe foi dito para fazer” (“*dən done*” e “*dən visited*”) e, em (64), a “ter já empurrado o banco” (“*dən pushed*”).

Foneticamente, o verbo de operação aspetual “*dən*” pronuncia-se com uma sílaba átona, distinguindo-se assim de “*done*” ((63)), forma do *past participle* do verbo “*do*”, em Inglês Americano e em outras variedades não padrão.

Green (2002) refere ainda que, apesar de “*dən*” ter o papel de indicar que uma situação terminou, pode ainda transmitir outros significados, assim como transmitir uma situação ocorrida no passado recente ((65) e (66)) ou indicar que alguém passou por uma determinada situação ((67)):

65) People would say that medicine I’m taking **dən made me** sick.

“As pessoas diziam-me que o medicamento que estou a tomar me fez mal.”

66) I **dən lost** my wallet!

“Acabei (agora mesmo) de perder a carteira!”

67) She **dən been** to church.

“Ela já esteve na igreja anteriormente.”

Em (65), a situação recente deve-se ao facto de algumas pessoas se terem apercebido de que tinha sido a medicação que fez com que o indivíduo não parecesse estar bem. A constatação recente do facto é o que situa o evento no passado recente. Em (66), há duas situações possíveis: a pessoa acabou de perder a carteira ou apercebeu-se, no momento da enunciação, de que tinha perdido a carteira. No caso de (67), a ideia de que alguém passou por uma determinada situação tem a ver com a descrição de a pessoa ter estado na igreja anteriormente (Green; 2002).

O estado consequente, resultante, do verbo de operação aspetual “*dən*” ocorre com os advérbios de tempo “*already*” e “*before*”, os quais são conciliáveis com o facto de uma situação ter terminado (Green; 2002):

68) **I dən already** finished that/**I dən** finished that **already**.

69) **I dən** drove that car **before**.

Tal como é possível verificar pelo exemplo (68), “*already*” ocorre, normalmente, na posição a seguir a “*dən*”, podendo ainda ocorrer no final da frase. “*Before*” ocorre no final da frase ((69)) (Green; 2002).

Por fim, é importante mencionar algumas características comuns a todos os verbos de operação aspetual, contrapor, por exemplo, o verbo “*be*” enquanto verbo auxiliar e verbo de operação aspetual, e ver alguns casos de ocorrência conjunta entre verbos auxiliares e verbos de operação aspetual. Começo pelo facto de os verbos de operação aspetual não surgirem numa forma flexionada quanto a pessoa ou número. Igualmente, o verbo “*be*”, enquanto verbo de operação aspetual, é invariável em termos de flexão de pessoa e número, sendo a forma sempre “*be*”, contrariamente ao que acontece enquanto verbo auxiliar (Green; 2002). A sua forma é, assim, diferente, tal como é a sua função. No entanto, de acordo com a autora, há a possibilidade de alguns verbos auxiliares ocorrerem em conjunto com alguns verbos de operação aspetual em contextos de ênfase ou negação.

A autora refere três casos de combinação possível entre verbos auxiliares e verbos de operação aspetual, para além de uma explicação do que essa combinação confere à frase: 1) o verbo auxiliar “*do*” pode ocorrer com os verbos de operação aspetual “*be*” e

“*be dən*”, em contextos de ênfase e negação, 2) o verbo auxiliar “*have*” pode ocorrer com “*BIN*” e “*dən*”, em contextos de ênfase e 3) “*ain’t*” e “*haven’t*” podem ocorrer igualmente com “*BIN*” e “*dən*”, mas em contextos da negativa (Green; 2002).

Pode ainda suceder verbos auxiliares ocorrerem com verbos de operação aspetual na interrogativa:

70) a) **Do they be running?** (They be running?)

b) \* **Be they running?**

71) a) **Have they BIN running?** (They BIN running?)

b) \* **BIN they running?**

72) a) **Do they be dən ran?** (They be dən ran?) (estado consequente, resultante, em termos de habitualidade)

b) \* **Be dən they ran?**

c) \* **Be they dən ran?**

73) a) **Will they be dən finished that by then?** (They’a be dən finished that by then?) (estado consequente, resultante, no futuro)

“Terão isso acabado nessa altura?”

b) \* **Be dən they finished that by then?**

c) \* **Be they dən finished that by then?**

As frases com asterisco (\*) são agramaticais. Isto deve-se ao facto de apenas verbos auxiliares poderem ocorrer no início da frase, na interrogativa, querendo isto dizer que, em perguntas, os verbos de operação aspetual não podem estar na posição inicial da frase (Green; 2002).

Outra particularidade dos verbos de operação aspetual tem a ver com o elemento da negativa “*n’t*”. Este elemento pode associar-se a um verbo auxiliar, “*do*” e “*have*”, por exemplo, mas não a um verbo de operação aspetual como “*BIN*” ou “*be*”. Os seguintes exemplos são prova disso:

74) a) Your phone bill be high, **don't** it?

b) \* Your phone bill be high, **ben't** it?

75) a) They **BIN** left, **ain't/haven't** they?

b) \* They **BIN** left, **BIN't** they?

Os verbos auxiliares “do” e “have” podem legitimizar a elipse, contrariamente aos verbos de operação aspetual “be” e “BIN”, que não podem. Assim, seria agramatical ter “be” ou “BIN” a seguir ao sujeito, “Sue”, nos exemplos seguintes:

76) a) Bruce **be** running, and Sue **do**, too.

b) \*Bruce be running, and Sue **be**, too.

77) a) Bruce **BIN** running, and Sue **have**, too.

b)\*Bruce **BIN** running, and Sue **BIN**, too.

Em termos de funcionamento do verbo “do”, quando utilizado em conjunto com o verbo de operação aspetual “be”, Green (2002) refere que “Do is the auxiliary that supports aspectual *be* in questions, negative constructions and emphatic constructions.” (Green; 2002:69). Passo, agora, a apresentar um exemplo para cada uma das situações descritas, ou seja, “do+be” ((78)), na interrogativa, “don't+be” ((79)), na negativa, e “do+be” ((80)), numa situação de ênfase:

78) a) You at work?

b) Where else **do** you **be** at eight in the morning?

“Onde poderia estar às oito da manhã a não ser aqui?”

79) I really **don't be** feeling too good.

“Habitualmente, não me sinto mesmo nada bem.”

80) I **DO be** all over the place.

“Habitualmente, sou muito desorganizado.”

Nos três exemplos, o verbo de operação aspetual “*be*” transmite um sentido de habitualidade, independentemente do tipo de frase (interrogativa ou negativa, no caso de (78) e (79), respetivamente, e enfática, em (80)).

### 3.1.3 Concordância negativa

Esta secção aborda o fenómeno da concordância negativa em AAE. Irei, em primeiro lugar, contextualizar o uso da negativa em SE de um modo geral e, posteriormente, procurarei 1) mostrar o funcionamento da negação em AAE e 2) sempre que tal se justificar, analisar as semelhanças e diferenças entre o uso da concordância negativa em AAE e em SE.

Num sentido lato, no que respeita à negação, existem várias estruturas frásicas diferentes usadas para juntar duas ideias negativas (Swan; 1996). Muitas delas são estruturas bastante comuns em Inglês. Porém, a nível de classificação, nem todas estas estruturas se incluem no fenómeno de concordância negativa por terem a função de fazer a ligação entre duas ideias negativas em duas orações diferentes, como acontece quando a negação ocorre com estruturas coordenadas. No caso da concordância negativa, é permitido mais do que um operador negativo em orações que se podem interpretar como negativas, ou seja, sem que a negação seja cancelada. Assim, independentemente do número de operadores negativos, o significado negativo da frase ou da oração é apenas um.

A nível de estrutura da frase, no caso específico do AAE, na negativa, a ordem das palavras de uma frase não difere da de uma frase em SE, sendo usada, habitualmente, a sequência “sujeito > verbo auxiliar > verbo principal > objeto”. Contudo, contrariamente ao que se verifica em SE, em AAE, é permitido o verbo auxiliar e o objeto estarem ambos na negativa (Green; 2002):

81) a) SE: I **didn't** see **anything**.

b) AAE: I **didn't** see **nothing**.

Green (2002) refere que, nas construções observadas em AAE, podem ser usados vários operadores negativos, como, por exemplo, “*ain't*”, “*nobody*” “*don't*”, “*never*”, “*no*” e “*nothing*” numa única frase sem que a negação seja cancelada. O mesmo operador pode, ainda, repetir-se várias vezes ao longo da mesma frase. Verificam-se alguns dos vários casos possíveis nos seguintes exemplos:

82) Bruce **don't** want **no** teacher telling him **nothing** about **no** books.

“O Bruce não quer que professor nenhum lhe venha falar de livros.”

83) I **don't never** have **no** problems. I jus' **don't** like the stuff that be happening.

“Nunca tenho problema nenhum. Só não gosto do que acontece de vez em quando.”

84) Sometimes it **didn't** have **no** chalk, **no** books, **no** teacher.

“Às vezes, não havia giz, nem livros, nem professor.”

85) I **ain't never** seen **nobody** preach under announcements.

“Nunca vi ninguém dar o sermão ao mesmo tempo que anunciava os avisos.”

Numa frase com diversos elementos negativos, a negação pode assinalar-se através dos verbos auxiliares (p.e. “*don't*”) e dos pronomes indefinidos, como, por exemplo, “*nobody*” e “*nothing*”. No que diz respeito ao número de operadores negativos possíveis, não existe limite em AAE:

(...) A traditional prescriptive ‘rule’ in general American English states that ‘double’ negatives are not grammatical because they make a positive. The formula multiplying two negatives yields a positive does not work for AAE. The negative meaning of the sentences [...] is not affected by the addition of negative elements, that is, they do not become positive; (...) (Green; 2002:77)

Green (2002) refere ainda que vários autores consideram redundantes os constituintes adicionais de uma construção negativa múltipla (obtida com os outros operadores negativos que se seguem ao primeiro), uma vez que o primeiro operador negativo é o constituinte que confere o caráter negativo à frase ou oração, sendo que os adicionais não contribuem com nenhum sentido negativo adicional à frase. No entanto, Labov (1972a) menciona que esta multiplicação de operadores negativos pode ter um papel enfático:

It is the cumulative character of negative concord [...] which seems to put strong emphasis on the negation itself. [...] When the pattern typical of careful speech gives way to the vernacular, negative concord is used by speakers to make their strongest points stronger (Labov; 1972a:177)

Green (2002) corrobora esta afirmação ao referir que, no exemplo (84), é o primeiro operador negativo, “*didn’t*”, que assinala a negativa; os três operadores “*no*”, nos três sintagmas nominais seguintes, limitam-se a estabelecer a concordância negativa, enfatizando, possivelmente, o caráter negativo, mas não contribuindo para um significado negativo adicional.

No âmbito da concordância negativa, verifica-se também, em AAE, o fenómeno da inversão da negativa. A inversão da negativa implica que dois constituintes iniciais da frase ou da oração, nomeadamente, um verbo auxiliar e um sintagma nominal indefinido, com a função de sujeito, tenham, obrigatoriamente, a marca da negativa, ocorrendo o verbo auxiliar antes do sujeito (Green; 2002):

86) **Don’t no game** last all night long.

“Nenhum jogo demora a noite toda.”

87) **Can’t nobody** tell you it wasn’t meant for you.

“Ninguém lhe pode dizer que não era para si.”

88) **Don’t nothing** come to a sleeper but a dream.

“Quem não fizer por progredir na vida, nunca progredirá.”

Assim, em (86), em relação ao verbo auxiliar na negativa, “*don’t*”, e ao sintagma nominal indefinido na negativa, “*no game*”, verifica-se que o auxiliar ocorre antes do sujeito. Green (2002) explica ainda que o sintagma é indefinido porque não especifica nenhum jogo. No caso de (87) e (88), ocorre, igualmente, um verbo auxiliar na negativa (“*can’t*” e “*don’t*”, respetivamente) no início da frase, ao qual se segue um sintagma nominal indefinido na negativa (“*nobody*” e “*nothing*”), que não se refere a nada nem a ninguém em particular. Quando comparando com o papel dos verbos auxiliares na interrogativa, o fenómeno da inversão do auxiliar é semelhante ao que acontece na inversão da negativa pelo facto de o verbo auxiliar anteceder o sujeito:

89) **Don’t nobody** want to go to the movies.

90) **Do anybody** want to go to the movies?

Green (2002) refere que as duas frases ((89) e (90)) são ambas gramaticais em AAE. A frase (90) é interrogativa, e apresenta, na função de sujeito, o verbo auxiliar, “*do*”, e o pronome indefinido “*anybody*”. Consequentemente, Green (2002), ao mencionar que a frase (90) “begins with a positive auxiliary (*do*) followed by a positive indefinite noun (*anybody*)” (Green; 2002:79), refere que ambos os constituintes têm um valor positivo, tornando-a, assim, gramatical. No âmbito da inversão da negativa, se, por exemplo, a frase (90) estivesse na declarativa e se se substituísse “*anybody*” por “*nobody*”, a frase assumiria a seguinte forma:

91) \***Do nobody** want to go to the movies.

Uma vez que, para que se produza uma frase com inversão da negativa, é obrigatório que o verbo auxiliar e pronome indefinido iniciais estejam na negativa (Green; 2002), a frase seria agramatical.

### 3.1.4 Construções existenciais com “*it*” e “*dey*”

Em AAE, existem construções existenciais que se constituem a partir das palavras “*it*” e “*dey*”. Assim, existem vários tipos de construção frásica que têm o mesmo sentido de “*there is*” e que obedecem a regras pré-estabelecidas (Green; 2002):

92) a) **It’s** some coffee in the kitchen.

b) **It got** some coffee in the kitchen.

c) **It have** some coffee in the kitchen.

93) **Dey some coffee** in the kitchen.

94) a) **Dey got** some coffee in the kitchen.

b) **Dey have** some coffee in the kitchen.

Nos exemplos (92) a (94), existem três padrões a que obedecem as frases e que lhes conferem o sentido existencial equivalente a “*there is*”<sup>40</sup>; passo, agora, a enumerar cada um deles: 1) “*It’s*” ((92a)); “*it*”, seguido de “*got*” ((92b)) ou “*have*” ((92c)); 2) “*dey*”, seguido de um sintagma nominal ((93)), neste caso, “*some coffee*”; e 3) “*dey*”, seguido de “*got*” ((94a)) ou “*have*” ((94b)).

Nesta variedade, existem também casos em que estas construções existenciais podem ter uma leitura que espelha uma situação habitual, que, em termos gramaticais, é obtida através do verbo de operação aspetual “*be*”:

95) **It be** too many cars in that parking lot.

“Costumam estar/Estão sempre muitos carros naquele estacionamento.”

Quanto às regras específicas das construções existenciais com “*be*”, Green (2002) indica que:

---

<sup>40</sup> Nestes exemplos, todas as frases significam “*There is some coffee in the kitchen.*”, ou seja, “Há café na cozinha.”.

These existential sentences can only be constructed with an existential element (e.g. *it*) and a following obligatory form of *be* (inflected or aspectual), *have* or *got*, which will be referred to here as a linker. (Green; 2002:81)

Como se refere na citação acima, as formas “*have*” e “*got*” também são usadas no contexto das construções existenciais. Passo, agora, a analisar essas duas formas.

As frases existenciais apresentadas até agora são afirmativas, contudo, este tipo de frase também pode ocorrer na negativa:

96) Sometimes **it didn't have** no chalk, no book, no teacher.

“Às vezes, não havia giz, nem livros, nem professor.”

A construção existencial negativa forma-se através do conector “*have*”, sendo a respetiva negativa constituída através do verbo auxiliar “*didn't*”.

Por fim, há ainda uma outra construção existencial, em que se verifica a sequência inicial “*dey got*”. Green (2002) classifica estas sequências como construções existenciais com “*have*” e “*got*” e menciona que se constituem “(...) with an initial *dey* (or *it*) followed by the linker *have/got* and a noun (Green; 2002:82). O exemplo seguinte atesta esta regra:

97) **Dey got** a fly messing with me.

“Há uma mosca que me está a enervar (chatear).”

Tal como é possível perceber pelos exemplos (92) a (97), independentemente da forma gráfica, as construções existenciais têm, semanticamente, o significado “*there is*”, equivalente às construções com “existir” ou “haver” em Português.

## 3.2 Morfologia

Após me ter concentrado em alguns aspectos sintáticos pertinentes para a descrição do AAE, avanço, agora, para as características morfológicas, e, em parte, morfossintáticas, relevantes desta variedade do Inglês. Contrariamente à Sintaxe, que reflete sobre a relação das palavras de uma frase, a Morfologia estuda os morfemas, ou seja, as unidades mais pequenas de significado que se agrupam para formar uma palavra. Deste modo, a nível morfológico e morfossintático, analisarei a marcação do passado e sufixos “-ed” e “-en” em verbos regulares e irregulares, bem como a marcação do genitivo.

### 3.2.1 Passado e sufixos “-ed” e “-en” em verbos regulares e irregulares

De um modo geral, falar, em Inglês, do sufixo “-ed” é falar da sua ligação ao radical de um verbo e do efeito que tem, assim, no tempo do verbo. Em SE, o sufixo “-ed” é usado para formar o *simple past* e o *past participle*, no caso dos verbos regulares. No caso dos verbos irregulares, a conjugação, nesses tempos, varia de verbo para verbo, podendo a forma do *simple past* e a do *past participle* ser ou não igual, dependendo do verbo. Nalguns casos, o *past participle* de um verbo irregular forma-se através do sufixo “-en”. Deste modo, regra geral, há três formas para o *simple past* e o *past participle* se formarem em SE: 1) o *simple past* e o *past participle* não apresentam diferenças na forma e constituem-se através do sufixo “-ed”, no caso dos verbos regulares, 2) a forma do *simple past* e a do *past participle* são diferentes, quer por o *past participle* se formar através do sufixo “-en”, quer pela forma do *simple past* e a do *past participle* serem diferentes, nos verbos irregulares e 3) a forma do *simple past* e a do *past participle* de alguns verbos irregulares é invariável, mas não segue uma regra, contrariamente ao que acontece com os verbos regulares.

Relativamente ao AAE, Green (2002) indica que não há, geralmente, diferenças entre o *simple past* e o *past participle*; na maioria dos casos, é usada a mesma forma, ou uma morfologia semelhante, em contextos de participio. Por este motivo, há casos em que o sufixo “-ed” é usado nas formas do *simple past* (98) e do *past participle* (99):

98) I **jumped** on the trampoline.

99) I **had jumped** on the trampoline.

Como se pode perceber pelos exemplos (98) e (99), as duas formas não variam e ocorre o mesmo fenómeno que se verifica com os verbos regulares em SE.

Em AAE, há uma situação, em que o sufixo “-ed” é, por vezes, omitido quando se refere uma ação no passado. Neste tipo de situação, Labov (1972a:26) fala da simplificação do *cluster* de consoantes final “(...) where the /t/ or /d/ represents the grammatical suffix of the past tense (...)”. Uma vez que “-ed” é o sufixo que se segue ao verbo no infinitivo para formar o *simple past* e o *past participle* em verbos regulares, poderão surgir dúvidas de interpretação porque a forma no infinitivo poderá corresponder, por vezes, também ao verbo conjugado no *present simple*, em algumas das pessoas:

100) **He pick** me.

101) **I’ve pass** my test.

Comum às duas situações ((100) e (101)) é a ausência do sufixo “-ed”. Uma vez que, nas frases de Labov (1972a) que apresento, não existe nenhum indicador de tempo, a frase (100) pode encontrar-se no *present simple*, mas pode também representar o verbo “pick” no *simple past*. Quanto ao exemplo (101), a construção apresentada corresponde ao *present perfect*, ainda que o verbo “pass” não esteja no *past participle*.

Uma outra característica do sufixo “-ed” tem a ver com o facto de, em alguns casos, este morfema ser acrescentado ao radical do verbo com a função de constituir as formas do *simple past* e do *past participle* do verbo. Este fenómeno acontece em verbos irregulares, que são, assim, conjugados como se de um verbo regular se tratasse. Há a hipergeneralização da regra de formação do passado, sendo que, gramaticalmente, o sufixo “-ed” funciona como marca de passado. Em termos teóricos, não há muita informação sobre a hipergeneralização da regra de formação do passado através de “-ed”, contudo, há alguns momentos em que se aborda essa questão na literatura consultada. Green (2002), no capítulo “AAE in literature”, analisa contos da obra *The Complete Tales of Uncle Remus*, de Joel Chandler Harris, publicada originalmente em

1880. Conclui que no livro de Harris são usadas várias formas de verbos no passado e examina, especificamente, o verbo “*see*”, nesse âmbito: “In the case of *seed*, the past tense is regularized: *see* takes the *-ed* ending, but in the remaining cases, the past is indicated by a change in the vowel within the verb.” (Green; 2002:173). O verbo assume, então, duas formas, “*seed*” e “*saw*”.

Devido ao facto já mencionado de não me ter sido possível encontrar mais exemplos deste fenómeno, passarei, agora, ao uso de construções “*BIN*” com formas passadas.

Green (2002) refere que, nas construções com o verbo de operação aspetual “*BIN*” em que haja a leitura “há muito tempo” (“*a long time ago*”) ou “durante muito tempo/há muito tempo” (“*for a long time*”), habitualmente, o verbo ocorre na forma do *simple past*. Contudo, pode ser usada a sua forma de participio, ou “-en”, nalguns dos casos:

102) I could’a **BIN went** back.

“Poderia ter regressado há muito tempo.”

103) a) They tore down Superior? So they don’t have it anymore.

b) No. That’s **BIN gone**.

“Não. Já não existe há muito tempo.”

Nos exemplos (102) e (103) é usado o verbo “*go*”. No exemplo (102) é usada a forma do *simple past*, ao passo que no exemplo (103) é usada a forma do *past participle*. Green (2002) sugere a seguinte explicação em relação a (103):

Notice that some *BIN* + verb sequences modify the subjects, that is, they describe the state that the subjects have been in for a long time. This is the case [...] which expresses that that place has been in the state of being gone for a long time. (Green; 2002:96)

Pela citação depreende-se que o sentido de “*gone*” remete para uma realidade anterior à que remeteria a palavra “*went*”, daí ser usada a palavra “*gone*” e não a palavra “*went*”

(Green; 2002). A autora dá ainda outro exemplo em que o verbo “go” é usado num contexto diferente:

104) That stew **BIN gone**.

“O guisado já acabou há muito tempo.”

A leitura em (104) é, segundo a autora, uma leitura adjetival/descritiva. A palavra “gone” tem um carácter adjetival, uma vez que confere uma propriedade ao “guisado” (“stew”). Deste modo, a escolha da forma verbal no *past participle*, “gone”, poderá dever-se à leitura adjetival/descritiva (Green; 2002). Contrapondo “gone”, em (104), a “went”, em (102), Green (2002) põe a hipótese de que a forma “gone” é mais usada a nível adjetival, ao passo que a forma “went” se destina a usos mais verbais.

Existem ainda contextos em que a forma “-en”, ou a forma do *simple past* do verbo, pode ter uma leitura verbal ou adjetival e em que ocorre com o verbo de operação aspetual “be”. Em construções com “be”, pode haver igualmente uma leitura verbal da frase (Green; 2002):

105) I **be told** in my sleep to go to church.

“Habitualmente, enquanto durmo, ouço que deveria ir à igreja.”

(À letra: “Enquanto durmo (sonho), alguma coisa me diz para ir à igreja.”)

106) I **just be broken down**. I **be tired**.

“Habitualmente, sinto-me esgotado. Habitualmente, sinto-me cansado.”

A frase (105) tem uma leitura verbal, na passiva, porque o ponto central da frase é contar o ocorrido. Assim, o objeto “I” torna-se o sujeito gramatical. Em (106), a leitura é adjetival porque classifica o estado em que o falante se encontra normalmente, ou seja,

“esgotado” (“*broken down*”) (Green; 2002). “*Broken*” corresponde à forma do *past participle* do verbo “*break*”, mas também se insere na categoria de adjetivo; não é usada a forma do *simple past* (“*broke*”), mas sim a do *past participle*. Existirão outros casos relevantes para o estudo das características do AAE, mas dos quais não falarei por não terem pertinência para os outros capítulos do relatório.

### 3.2.2 Marcação do genitivo

No caso do AAE, o elemento morfossintático “s”, que, em Inglês, marca o caso genitivo, é caracterizado por Green (2002) como um constituinte que não é obrigatório em contextos de marcação do caso genitivo, nem do caso possessivo. Isto deve-se ao facto de, nesta variedade do Inglês, a ordem das palavras ser, segundo a autora, suficiente para assinalar a relação do possessivo:

107) Sometime **Rolanda bed** don't be made up.

“Às vezes, a cama da Rolanda não está feita.”

108) That's the **church responsibility**.

“Essa é uma responsabilidade da igreja.”

Não é usado, em nenhum dos exemplos ((107) ou (108)), o elemento morfossintático “s”, uma vez que a relação de pertença é veiculada pela ordem das palavras, em que o possuidor antecede o elemento possuído (Green; 2002): “Rolanda” antecede “*bed*” e “*church*” antecede “*responsibility*”. No entanto, é importante referir que, se compararmos este fenómeno ao da marcação do genitivo em SE, teremos, igualmente, a ordem de palavras “possuidor-possuído”, divergindo apenas no facto de o elemento morfossintático “s” ser obrigatório em SE, e de, em AAE, a ordem das palavras poder ser, em alguns casos, o único elemento que assinala a relação do possessivo. Assim, Green (2002) refere que o processo de marcação do genitivo nesta variedade pode

variado, visto que o falante pode optar por incluir, ou não, o elemento “’s” em alguns contextos ((109)). Para além do elemento “’s”, também são usados pronomes como “*his*”, “*hers*” e “*they*”, em contextos de marcação do genitivo; (110) e (111):

109) I’ll be ðæn reached across that counter and pulled that **woman’s hair** out.

“Vou esticar a mão até ao lado de lá do balcão e arrancar o cabelo da mulher.”

(À letra: “Se ela fizer alguma coisa, estico logo a mão até ao lado de lá do balcão e arranco o cabelo da mulher.”)

110) I give the Lord **his money**, but it don’t be from here.

“Costumo dar ao Senhor o dinheiro que lhe pertence, mas, habitualmente, não o faço desta forma.”

111) If they wanna go out and do something else with it, that’s **they business**.

“Se quiserem saltar fora e fazer outra coisa, eles é que sabem.”

Embora possa haver a omissão do elemento morfossintático “’s” em alguns contextos, ou de ser usado o pronome “*they*” em vez da respetiva forma possessiva, “*their*”, em termos de semânticos, o processo de marcação do genitivo em AAE não interfere na interpretação da frase, provando que, apesar de ser diferente deste processo no SE, o sentido da frase é igualmente transmitido.

## 4 Características específicas do Português de Angola

Na segunda parte do presente capítulo, seguirei a mesma estrutura da primeira parte, apresentando, primeiramente, aspetos sintáticos, e, em seguida, aspetos morfológicos, morfossintáticos e fonológicos do PA.

No que diz respeito à informação linguística recolhida sobre o PA, devido à falta de uma gramática estruturada sobre essa variedade do Português, recolhi informação tendencialmente presente em trabalhos académicos e artigos científicos. Esses tipos de trabalho apresentam, predominantemente, uma análise contrastiva entre esta variedade do Português e a variedade europeia.<sup>41</sup>

Tal como procedi em relação ao AAE, farei uma apresentação centrada nas características do PA — enquanto variedade africana do Português — que são relevantes para o presente relatório, ainda que possa, sempre que se justifique, fazer referência ao PE.

Em termos de classificação, considere o PA uma variedade africana do Português, e utilizei-o, neste caso, como base para a representação, no texto de chegada, do discurso das personagens que, no texto de partida, usam uma variedade linguística não padrão do Inglês, o AAE.

Embora presente, nas secções seguintes, várias características do PA, não descreverei todas elas com o mesmo detalhe, dado que nem todos os fenómenos são documentados da mesma forma e com o mesmo pormenor na literatura. Porém, tentarei, sempre que possível, diversificar as fontes, para fundamentar, da melhor forma possível, as ideias apresentadas. Importante é ainda o facto de a maioria dos dados apresentados na literatura consultada ter sido constituída com base em *corpora* orais e escritos, a partir dos quais se procedeu à sua descrição e análise por parte dos autores. Assim, alguns dos exemplos apresentados, aqui e nas fontes consultadas, pertencem, conjuntamente, não só a informantes, mas também a escritores angolanos, como, por exemplo, Luandino Vieira. Neste aspeto, à semelhança do que acontece em relação ao

---

<sup>41</sup> Como refere Gonçalves (2013: 161), a variedade angolana do Português é uma variedade tipicamente adquirida como L2, “num contexto em que quase não há exposição à norma-padrão europeia”. Por esse motivo, de acordo com a autora, há uma grande variabilidade dos traços gramaticais associados a esta variedade. Assim, as características que são apontadas em algumas descrições podem não ser comuns a todos os falantes da variedade ou podem não ocorrer em todas as situações de comunicação.

AAE, o registo escrito usado em obras literárias é encarado, também, como um modelo de representação e de documentação do PA. Por conseguinte, o conjunto de exemplos provirá de várias fontes.

Passo, então, a apresentar as características do PA pertinentes para o presente relatório, a que retornarei no capítulo “Opções de Tradução”, no contexto da tradução do discurso não padrão.

## 4.1 Sintaxe

### 4.1.1 Concordância sujeito-verbo

Um dos aspetos transversais à análise do PA na literatura consultada é a questão da concordância. Relativamente à concordância sujeito-verbo, Duarte (2000:147) afirma: “No Português europeu contemporâneo, a expressão com a relação gramatical de sujeito desencadeia concordância do verbo em pessoa e número”. Este é um dos aspetos em que existe uma diferença entre as duas variedades do Português, uma vez que, em PA, podem verificar-se alterações nos padrões de concordância entre esses dois constituintes da frase. Porém, um dos problemas deste fenómeno é o facto de esta diferente forma de concordância se poder verificar a vários níveis, conforme se atesta nos exemplos seguintes:

112) então **nós ficava** cá à espera, à espera do corpo. (Chavagne; 2005:234)

113) Aí, **ele foram**. (*Idem*)

Enquanto em (112) o sujeito, “nós”, se encontra na 1.<sup>a</sup> pessoa do plural e o verbo, “ficava”, tem a sua flexão na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular, em (113), o sujeito, “ele”, encontra-se no singular, na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular, e o verbo, “foram”, ocorre flexionado na 3.<sup>a</sup> pessoa do plural. Na análise deste tipo de concordância, outro autor, Manuel (2005), apresenta vários exemplos, dos quais destaco:

114) Disseram vão pra casa, qualquer situação vamos vos ligar. Até, até conforme falo este momento, nada! **Perdeu-se os três meses**, ya. (Manuel; 2015:54)

115) Nunca **aconteceu essas coisas** assim. (*Idem*)

Em (114) e (115) verifica-se que, em ambos os casos, o verbo está na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular, ao passo que o sujeito se encontra na 3.<sup>a</sup> pessoa do plural.

Relativamente a esta diferença nos padrões de concordância, são apontados vários motivos, designadamente:

Elle donne comme explication possible l'absence de flexions verbales dans les langues africaines maternelles des locuteurs de la langue portugaise, et, en conséquence, l'adoption de la forme portugaise la plus fréquente comme forme unique. (Chavagne; 2005:235)

Assim, em referência a Marques (1983), Chavagne (2005) aponta como possível explicação para tal fenómeno o facto de os falantes angolanos de Português o falarem como língua não materna. Desta forma, uma vez que têm como língua materna uma das línguas Bantu, o que parece ocorrer é a “(...) transferência das estruturas e dos esquemas da sua gramática intuitiva das línguas africanas para a gramática da língua portuguesa.” (Zau; 2011:69).

A existir essa transferência estrutural de uma língua para a outra, Chavagne (2005) aponta como possível princípio e consequência desta ausência de concordância: 1) a adoção da forma em Português mais frequente como forma padrão; 2) a escolha verbal recair, sobretudo, sobre o emprego da 3.<sup>a</sup> pessoa do singular.

As afirmações de Chavagne (2005) têm como base *corpora* orais muito amplos, ocorrendo, nos exemplos apresentados, a realização lexical do mesmo padrão flexional:

116) **Eu não fala** mentiroso (Chavagne; 2005:235)

117) a) Não se perde. E, tem filhos?

b) **Tem.** (*Idem*)

118) **nós podia** trabalhar em psiquiatria (*Idem*)

Como se verifica nos exemplos (116) a (118), o verbo surge conjugado na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular, qualquer que seja o sujeito. Aplica-se, da mesma forma, o mesmo padrão flexional, independentemente do verbo que ocorra na frase. Chavagne (2005) procedeu, do mesmo modo, à análise de *corpora* escritos, com resultados idênticos em termos de padrão flexional:

119) Você pensa **eu é** seu pai? (Chavagne; 2005:236)

120) **Tu** num me **conhece!** (*Idem*)

O tipo de frase, interrogativa ((119)) ou exclamativa ((120)), parece não influenciar o padrão flexional, posto que o uso da 3.<sup>a</sup> pessoa do singular é transversal a todos os exemplos. Desta forma, em termos de frequência, a 3.<sup>a</sup> pessoa do singular parece ser a forma verbal mais usada, independentemente do tipo de frase ou do verbo, o que aponta para um fenómeno de enfraquecimento da morfologia verbal, como é apontado por Gonçalves (2013).

#### 4.1.2 Concordância nominal e adjetival

A par da ausência de concordância entre sujeito e verbo, a literatura da especialidade aborda ainda o fenómeno da concordância nominal e adjetival em PA.

Os exemplos que analisarei nesta secção terão o propósito de apresentar casos de ausência de concordância entre o nome e o determinante, e o nome e o adjetivo. Mais especificamente, abordarei a questão da ausência de concordância em número e em género entre estes constituintes frásicos.

O primeiro caso que apresentarei tem a ver com a ausência de concordância entre o determinante e o nome:

121) Têm que organizar já as filas para distribuir **as ficha**. (Manuel; 2015:53)

Em (121), embora o determinante e o nome concordem em género, não concordam em número. Relativamente a esta ausência de concordância em número entre nome e determinante, é referido na literatura que pode resultar de uma influência das línguas Bantu, uma vez que, de um modo geral, nestas línguas, o plural é marcado nas palavras através de um prefixo, e não de um sufixo, como acontece em PE, por exemplo. Assim, Marques (1983:219) refere que:

[Nas línguas Bantu,] É pois pelo prefixo que sabemos que se trata de um singular ou de um plural. (...) Assim se compreende por que razão se ouve o falante angolano que tem fraco domínio da língua portuguesa cometer «erros» do género: os pai; as casa; os pioneiro; as camarada, etc.

Nas situações em que as expressões nominais contêm um adjetivo, a concordância entre este e o nome também não se verifica:

122) É uma das **pessoas mais importante** da minha vida. (Manuel; 2015:53)

123) Gestão de **sistemas informático**. (*Idem*)

Um outro caso de ausência de concordância no que diz respeito ao adjetivo ocorre a nível de género:

124) Tinha que trabalhar numa **empresa privado**. (Manuel; 2015:53)

125) Essa **candonga** era **feito**<sup>42</sup> na base ... (*Idem*)

---

<sup>42</sup> Adjetivo “(...) que desempenha a função sintática de predicativo do sujeito.” (Manuel; 2015:53), à semelhança do que acontece noutros casos.

Conforme Manuel (2015:53) descreve, existe “(...) falta de concordância de género (todas as palavras têm o valor de [+masculino]), porque a flexão em género do adjetivo não corresponde à flexão em que está o nome ([+feminino]) (...)”.

De forma semelhante, Chavagne (2005) apresenta dados análogos:

126) os camaradas descem conforme **a porta** do autocarro ainda tava **aberto**

(Chavagne; 2005:242)

As conclusões a que Manuel (2015) chega podem aplicar-se, de igual modo, transversalmente aos exemplos de Chavagne (2005), dado que na concordância nominal em número “(...) os desvios mais produzidos têm a ver com flexão do determinante no plural, mantendo-se o nome flexionado no singular (...)” (Manuel; 2015:53). A ausência de concordância em género entre nome e adjetivo relaciona-se “(...) com a flexão do nome no feminino e o adjetivo no masculino, ou seja, parece que a informação de género está associada ao nome e o adjetivo recebe sempre o valor [+masculino] por defeito.” (Manuel; 2015:53). Este facto leva também Gonçalves (2013:176) a referir a ideia de “cancelamento das marcas de número e/ou género no SN nos elementos pospostos ao núcleo nominal”, ou seja, nos adjetivos com função atributiva ou com função predicativa.

### 4.1.3 Negação

No que diz respeito à negação, registam-se fenómenos díspares em PA. Se, por um lado, se pode verificar a omissão de um operador negativo em frases negativas, por outro, também há casos em que ocorrem vários operadores negativos em sequência na mesma frase.

Considerando o primeiro tipo de construção negativa identificado, Chavagne (2005) refere que se regista uma tendência para a omissão do operador negativo “não”:

127) a) Queres ir comigo?

b) **Ainda Ø**. (Chavagne; 2005:257)

128) não apareceu, nem no jantar. No dia seguinte, **também Ø vi** na cama, não tava a dormir, não está lá, eu disse então: esse indivíduo onde que foi?

(*Idem*)

129) Ø Tem **ninguém** a canoar ali perto. (*Idem*)

130) Bom, não sabemos como é que isto há que é na nossas torneiras ou avaria das fábrica ou quê, **aquilo sabemos**. (Chavagne; 2005:258)

Dois dos exemplos que apresento, (127b) e (128), têm a particularidade de o operador negativo “não”, omitido em ambas as situações, ocorrer em conjunto com um advérbio, “ainda” e “também”, respetivamente. Em (127b), esperar-se-ia uma resposta como “ainda não”, no entanto, regista-se a omissão do operador negativo, colocando-se um problema de inteligibilidade, já que a frase é composta apenas pelo advérbio “ainda” (Chavagne; 2005). No caso de (128), verifica-se, também, a omissão do elemento negativo “não” entre o advérbio “também” e a forma verbal “vi”. Relativamente ao exemplo (129), o operador negativo “não” está, uma vez mais, omitido na frase, sendo que, neste caso, se se tratasse de uma frase em PE, estabelecer-se-ia a concordância negativa entre “não” e o pronome indefinido “ninguém”. No entanto, neste caso específico, de uma perspetiva exclusivamente semântica, acredito ser-se possível depreender o sentido da frase sem a ocorrência do operador negativo “não”. No último caso, (130), Chavagne (2005) considera que a expressão “aquilo sabemos” significa “não sabemos”, num sentido equivalente ao da expressão “sei lá”.

O segundo tipo de fenómeno de negação registado em PA relaciona-se com a ordem segundo a qual se distribuem os vários operadores negativos na frase. A particularidade deste fenómeno tem a ver com o facto de dois constituintes negativos formarem uma construção dupla negativa<sup>43</sup>, em posição pré-verbal<sup>44</sup>. Este tipo de construção é apresentado por Chavagne (2005) e corresponde à sequência “nenhum+não”, na ordem “pronome indefinido+operador negativo”:

---

<sup>43</sup> O termo “dupla negativa”, ou “dupla negação”, é um termo utilizado para referir um fenómeno que implica, segundo Matos (2003), o cancelamento da negação. Neste caso, esta denominação não implica o cancelamento da negação, mas apenas o encadeamento de operadores negativos, encadeamento esse que pode ter, eventualmente, uma função enfática.

<sup>44</sup> Tipicamente, o operador negativo posiciona-se em posição pré-verbal (Matos; 2003).

131) **Ninguém não** estava. (Chavagne; 2005:259)

O fenómeno ilustrado no exemplo (131) é referido por Chavagne (2005) como um fenómeno linguístico empregado no Português popular de Luanda e que se encontra presente na obra literária de Luandino Vieira, havendo, do mesmo modo, registo desta característica na obra de autores clássicos da Língua Portuguesa como o português Sá de Miranda, o brasileiro Guimarães Rosa ou o angolano Boaventura Cardoso.

#### 4.1.4 Passiva

A diferença entre uma frase ativa e uma frase passiva é frequentemente associada a uma diferença na perspectiva<sup>45</sup> segundo a qual é descrita uma determinada situação. Numa frase de diátese ativa, a situação “(...) é perspectivada a partir da entidade com o papel temático externo” (Duarte; 2003:521), ao passo que, numa frase de diátese passiva, “(...) se perspectiva a situação descrita pela frase a partir da entidade com o papel temático interno (...)” (loc. cit.). Existem vários tipos de construção passiva, dos quais, nesta secção, apenas apresentarei o que corresponde à passiva sintática.

No que diz respeito a frases passivas sintáticas, em PE, Duarte (2003) menciona que existe uma relação sistemática entre a frase ativa e a frase passiva correspondente, em termos da relação gramatical entre constituintes, na medida em que:

- (i) o constituinte com a relação gramatical de sujeito da passiva, tem, na activa correspondente, a relação gramatical de objecto directo;
- (ii) o constituinte introduzido pela preposição *por* na passiva, [...] tem, na activa correspondente, a relação gramatical de sujeito;
- (iii) existe constância de papel temático entre sujeito da passiva e objecto da activa correspondente e entre sintagma *por* e sujeito da activa correspondente;
- (iv) ocorre na passiva uma forma do auxiliar *ser*, ausente da activa correspondente, seguida de uma forma participial;
- (v) a forma participial presente na passiva concorda em género e número com o sujeito. (Duarte; 2003:522)

---

<sup>45</sup> Também denominada “diátese”.

Um outro aspeto que complementa a informação acima relaciona-se com facto de, nas passivas sintáticas, apenas poderem ocorrer formas participiais de verbos ditransitivos e transitivos.

Desta forma, tendo em conta os princípios explanados acima, passo, agora, a apresentar o modo como ocorre a formação de frases passivas em PA, estabelecendo, sempre que necessário, um paralelo com as informações apresentadas até então nesta secção, em relação ao PE. Ao comparar variedades nacionais do Português, Gonçalves (2013) aponta, a nível da seleção categorial dos itens lexicais, duas tendências em PA:

(...) a tendência para a supressão de preposições, que, em PE, regem complementos verbais com a função gramatical de complemento indireto ou oblíquo [...]; a tendência a estabelecer uma variante transitiva de verbos que, em PE, são intransitivos, passando estes a funcionar como verbos de alternância causativa. (Gonçalves; 2013:167).

Devido a estes fenómenos, passam, então, a existir novas possibilidades a nível sintático em PA. Desta forma, apresento três casos em que se materializam estes fenómenos, assim como as respetivas construções passivas:

132) a) chegou na sala, entregou **o emissário** a carta. (Gonçalves; 2013:167)

b) O emissário **foi entregue** a carta. (op. cit.:168)

133) a) até há filhos que **batem os pais** (Gonçalves; 2013:167)

b) Os pais **são batidos** pelos filhos. (op. cit.:168)

134) a) tu também podes **nascer um filho** como eu (Gonçalves; 2013:167)

b) Um filho também pode **ser nascido** por ti. (op. cit.:168)

Nas frases ativas (132a), (133a) e (134a), a autora apresenta os casos a partir dos quais formou as frases passivas de (132b), (133b) e (134c). Analisando cada caso, em (132a), o complemento que, em PE, seria preposicionado (“ao emissário”), na função de complemento indireto, é convertido, em PA, a complemento direto<sup>46</sup> (“o emissário”). Em (133a), “nos pais”, complemento que, em PE, seria oblíquo, converte-se em “os

---

<sup>46</sup> Considero complemento e objeto termos sinónimos.

pais”, assumindo, aqui, uma nova função de complemento direto, em PA. No exemplo (134a), o verbo “nascer”, que, em PE, é um verbo intransitivo, funciona, nesta situação, como verbo transitivo de alternância causativa. Com efeito, em PA, o verbo “nascer” assume a aceção “gerar” (como em “gerar um filho”), significado que, em PE, em frases semelhantes, se reserva, precisamente, ao verbo “gerar”. Gonçalves (2013) estabelece um paralelo entre este tipo de construção e as construções do Inglês e as das línguas Bantu — neste caso, como possível “interferência” ou “influência” dessas línguas no Português —, em que este tipo de construção é válido.

Tendo em conta as relações gramaticais entre constituintes e os padrões sistemáticos que se estabelecem em PE apresentados no início desta secção, em relação a frases passivas sintáticas, pode referir-se que, relativamente aos pontos (i) a (v) de Duarte (2003:522), em associação aos exemplos (132a, b), (133a, b) e (134a, b) de Gonçalves (2013:167-168), há uma constância entre estes padrões e os padrões que se estabelecem em PA, dado que as relações gramaticais existentes parecem ser idênticas. Dito isto, nos mesmos exemplos, também se verificam os fenómenos descritos por Gonçalves (2013), legitimando a possível influência das línguas Bantu, que conferem, hipoteticamente, ao PA características diferentes das do PE, até pelo facto de ocorrer a referida transformação de alguns dos constituintes e de estes passarem a ter uma nova função na frase.

## **4.2 Morfologia**

### **4.2.1 Hipergeneralização do paradigma regular dos verbos**

Um dos fenómenos incluídos por Chavagne (2005) numa morfologia verbal não normativa tem a ver com a hipergeneralização do paradigma regular dos verbos em PA. Este fenómeno verifica-se quando há a associação de um sufixo de flexão verbal regular à forma base de um verbo irregular. Passo, então, a apresentar alguns exemplos de forma a ilustrar este fenómeno:

135) Não, não **prefero** continuar como engraxador. (Chavagne; 2005:238)

136) a) Sentes-te bem a fazer isso?

b) **Sento**. (*Idem*)

Nos dois exemplos, os verbos correspondem a verbos da 3.<sup>a</sup> conjugação, que tem como vogal temática o “i”. Em (135) o verbo principal é “preferir”, ao passo que em (136) é “sentir”. Em ambos os casos, o sujeito da frase está na 1.<sup>a</sup> pessoa do singular. Desta forma, tratando-se de verbos irregulares, seria de esperar que a forma verbal, no presente do indicativo, fosse “prefiro” e “sinto”, em (135) e (136b), respetivamente. No entanto, o que o autor nos apresenta é as formas “prefero” (“prefer+o”) e “sento” (“sent+o”), que representam uma hipergeneralização do paradigma regular dos verbos, que, no caso da 1.<sup>a</sup> pessoa do singular, implicaria, portanto, acrescentar o sufixo “-o” à forma base.

São-nos apresentados ainda exemplos com verbos da 2.<sup>a</sup> conjugação, caracterizada pela vogal temática “e”:

137) O muadié que **manteu** lá, tá a ver, **manteu** ali, p[u] lado do São Paulo ali, Marsal, cá pois. (Chavagne; 2005:238)

No caso de (137), o verbo “manter” encontra-se no pretérito perfeito do indicativo, na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular. Neste exemplo, verifica-se a associação do sufixo “-eu” à forma base do verbo. Numa variedade como o PE, na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular, o sufixo “-eu” associar-se-ia ao radical do verbo, caso de um verbo regular da 2.<sup>a</sup> conjugação se tratasse. Apesar de ser irregular, é também isso que ocorre, neste caso, em relação ao verbo “manter” (“mant+eu”).

Chavagne (2005) apresenta ainda um caso de hipergeneralização do paradigma regular referente ao presente do indicativo, num verbo da 2.<sup>a</sup> conjugação, o verbo “saber”:

138) a) Não **sabo!** Não **sabo!**

b) Não sabes o quê, meu sacana?

a) Não **sabo!** Não **sabo!** (Chavagne; 2005:238)

A negrito, nas falas do sujeito que se encontra na 1.<sup>a</sup> pessoa do singular, o verbo está flexionado de acordo com as regras de flexão de verbos regulares desta conjugação. Ocorre, também neste caso, de forma análoga aos exemplos (135) e (136), a aplicação do sufixo “-o”, como em “sab+o”.

Os exemplos que apresento nesta secção, (135) a (138), parecem permitir traçar um padrão de flexão verbal em que ocorre a hipergeneralização do paradigma regular dos verbos, em verbos irregulares da 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> conjugações. Esta hipergeneralização não se restringe apenas a um único tempo verbal, já que ocorre no presente e no pretérito perfeito, ainda que se verifique, nos casos analisados, sempre no mesmo modo, o indicativo. Em termos dos verbos que surgem realizados de acordo com a referida hipergeneralização, são referenciados essencialmente os verbos dos exemplos aqui apresentados.

#### 4.2.2 Padrões de colocação de pronomes clíticos

Na literatura da especialidade, um dos fenómenos abordados transversalmente em relação ao PA são os padrões de colocação dos pronomes clíticos<sup>47</sup>. A análise destes padrões incide, predominantemente, sobre o posicionamento deste tipo de pronomes e sobre o contexto em que podem ocorrer na frase.

A posição que os pronomes clíticos ocupam na frase obedece a regras específicas, regras que, em PA, divergem das que encontramos em PE. Vários autores identificam, na variedade angolana, padrões de colocação diferentes dos do PE, entre os quais destaco os estudados por Manuel (2015) e Chavagne (2005).

---

<sup>47</sup> Em termos gerais, no PE, os pronomes clíticos podem ocorrer em três posições, consoante o contexto: em ênclise, em mesóclise ou em próclise, ou seja, à direita, no interior ou à esquerda da forma verbal, respetivamente.

Nos estudos dos autores referidos, são apresentados exemplos em que ocorre próclise em contextos que seriam de ênclise em PE. Nestes casos, que não apresentam atratores de próclise<sup>48</sup>, os falantes colocam o pronome clítico à esquerda da forma verbal, característica que difere da regra do PE, em que, na ausência de proclisadores, o clítico deve ocorrer em ênclise, ou seja, à direita da forma verbal:

139) Eles como andam de quatro, **te** mandam, **te** ofendem... (Manuel; 2015:62)

140) A turma **me** parecia menos unida ou eu **me**, eu **me** sentia mais desconectado com os colegas. (*Idem*)

141) Sim portanto, **se dá o caso**. (Chavagne; 2005:248)

A caracterização do uso de pronomes clíticos em PA engloba também o fenómeno oposto, ou seja, casos que se pautam por um padrão de colocação enclítico em contexto que seria proclítico em PE:

142) **Apenas só dei-te** um empurrão... (Manuel; 2015:63)

143) **Também vou-me prejudicar**, né? (Chavagne; 2005:249)

144) Visto que é uma cidade **que encontra-se** no litoral. (op. cit.: 248)

145) Quer dizer a não ser **que** a vida **prega-me** esta partida. (Chavagne; 2005:249)

146) Não, **não sinto-me** arrependido. (*Idem*)

Nos exemplos (142), (143), (144), (145) e (146), o respetivo clítico ocupa sempre a posição enclítica, mesmo existindo um elemento atrator de próclise em todos os casos.

No que diz respeito à existência de um padrão vincutivo de colocação dos pronomes clíticos em PA, Chavagne (2005), em referência a Marques (1983), indica

---

<sup>48</sup> O autor (2015) identifica como atratores de próclise operadores negativos, advérbios e conectores. Outros atratores de próclise incluem conjunções e pronomes relativos, entre outros.

que há teorias que apontam, uma vez mais, para a influência das línguas Bantu e, por isso, para a anteposição dos pronomes, dado que, nessas línguas, esse tipo de constituinte ocupa, sistematicamente, uma posição pré-verbal. Apesar disso, como se pode ver pelos exemplos (142) a (146), existindo um atrator de próclise, a posição pós-verbal é, aqui, a posição ocupada pelo pronome. Desta forma, Chavagne (2005) refere uma tendência geral para o pronome ocupar a posição inversa à da norma do PE, apesar de, mesmo no modo escrito, existirem disparidades. Em consequência disto, Gonçalves (2013) apresenta conclusões em muito semelhantes:

No que se refere ao PA, embora se registe ainda uma grande instabilidade na colocação dos pronomes átonos, sobretudo na linguagem coloquial, os dados recolhidos sugerem que, por um lado, existe a tendência a adotar o padrão proclítico em frases em que não estão presentes atratores da próclise, [...] e que, por outro lado, é adotado o padrão enclítico em orações subordinadas [...] assim como em frases contendo um advérbio de negação (...) (Gonçalves; 2013:171)

As conclusões da autora são partilhadas por autores como Undolo (2014) e Manuel (2015), que fazem observações idênticas, com base nos estudos de caso que serviram de base ao trabalho por eles desenvolvido.

### **4.3 Fonologia**

Aquando da apresentação das características do AAE, como consequência de as questões fonológicas analisadas na literatura dessa variedade do Inglês serem demasiado específicas para o propósito deste relatório, estas não foram incluídas na primeira parte do presente capítulo, tendo apenas sido, pontualmente, referidas. No entanto, no que se refere ao PA, apesar do vasto leque de padrões fonológicos analisados nalguns trabalhos sobre esta variedade do Português, incluo, nesta secção, somente as características fonológicas que dizem respeito ao propósito do meu relatório.

Em termos de referências bibliográficas, recorrerei em exclusivo ao trabalho desenvolvido por Chavagne (2005), dado que este contém uma análise extensa e pormenorizada dos padrões fonológicos por ele identificados na variedade angolana.

Assim, focar-me-ei nos processos de contração, redução e aglutinação, na metátese e na supressão de segmentos finais.

Por fim, antes de passar à apresentação das características mencionadas acima, justifica-se definir a área a que pertencem, ou seja, a Fonologia. Mateus (2005:30) define Fonologia como “(...) uma área da linguística que estuda os sistemas de sons das línguas, sistemas esses que têm correspondência no conhecimento intuitivo e mental que os falantes possuem da sua língua.”. Numa outra obra, Mateus (2003:990) menciona ainda que “(...) são os sons que dão materialidade física às categorias linguísticas dos restantes níveis da gramática.”, reforçando, assim, a importância dos aspetos fonológicos para a gramática como um todo.

### **4.3.1 Contração e redução**

O processo de contração é definido por Xavier e Mateus (1990:103) como:

Processo ou resultado do processo de redução fonológica de uma forma linguística, de modo a que essa forma se junte a uma forma linguística adjacente. A contração pode ainda levar a um processo de fusão de formas linguísticas que passam a ocorrer como uma forma simples. [...]

Relativamente ao processo de contração das preposições em PA, Chavagne (2005) constatou que parecem não existir diferenças em relação ao uso das preposições “a”, “de”, “em”, “com” ou “por”, quando comparado com o uso das mesmas preposições em PE. Em relação à preposição “para” — preposição que, contrariamente às referidas, não é alvo de um processo de contração quando seguida de um determinante, pelo menos no modo escrito — ocorre um processo de redução fonológica nas expressões “para a” ([pa]) e “para o” ([pɔ]):

147) a) Quando temos amigo que principalmente vai **[pa]** Luanda. (Chavagne; 2005:119)

b) Quando temos amigo que principalmente vai **pa** Luanda. (op. cit.: C103-1/9)

148) a) O meu trabalho, quer dizer, tá mais virado **[pə]** terreno. (Chavagne; 2005:119)

b) O meu trabalho, quer dizer, tá mais virado **po** terreno.

No que se pode identificar como uma característica do modo oral, sendo este um fenómeno frequente no PE, o autor refere que, nos exemplos (147) e (148), há, efetivamente, a redução para uma única sílaba pronunciada também no PA. Para além disso, em PA, verificam-se outras combinações possíveis:

149) a) então, ia **[pu]** kimbundu que era a coisa mais rápida. (Chavagne; 2005:120)

b) então, ia **pu** kimbundu que era a coisa mais rápida.

150) a) aí **[pau]** meio da década de sessenta (*Idem*)

b) aí **pau** meio da década de sessenta.

151) a) Que tinham praticamente **[puz]** escravos. (*Idem*)

b) Que tinham praticamente **pus** escravos.

152) a) Antes da independência cantava assim **[pauz]** amigos, não é? Depois é que comecei a cantar assim em público. (*Idem*)

b) Antes da independência cantava assim **paus** amigos, não é? Depois é que comecei a cantar assim em público.

Os exemplos (147b) a (152b) apresentam a grafia da palavra, ao passo que os exemplos (147a) a (152a) apresentam a transcrição fonética dessa mesma palavra, respetivamente. As novas formas simples enunciadas por estes falantes representam a criação de novas formas linguísticas, partindo dos mesmos itens lexicais, e tendo o mesmo significado, que se materializam, porém, fonológica e, por consequência, graficamente, de formas diferentes.

### 4.3.2 Aglutinação

O processo de aglutinação distingue-se do processo de contração já que corresponde a uma “Reunião numa só unidade de dois ou mais itens lexicais e/ou gramaticais. A aglutinação funde esses itens numa nova forma cuja constituição tende a tornar-se invisível. [...] (Xavier e Mateus; 1990: 35).

Em PA, a aglutinação é identificada por Chavagne (2005) como um processo que ocorre a dois níveis:

- Primeiro nível: a mudança é perceptível porque a ortografia reflete-a.
- Segundo nível: ocorre uma “criação lexical”<sup>49</sup>.

No primeiro nível, o autor apresenta vários casos de aglutinação, alguns dos quais com os mesmos itens lexicais, mas que, nalgumas situações, podem apresentar diferenças ortográfico-fonológicas. Apresentarei dois casos em que existem diferenças ortográfico-fonológicas para o mesmo item lexical:

153) a) Você **mazé** é um grande político, andas a agitar os teus patrícios.

(Chavagne; 2005:194)

b) Vá **masé** à merda! (*Idem*)

---

<sup>49</sup> Não apresentarei exemplos do segundo nível por serem apresentados casos que implicam a formação de novas palavras por analogia, e que, por isso, não têm relevância para o presente relatório.

154) a) **comué** que estão me pedir (*Idem*)

b) ergue uma garrafa de gin acabada: «**Cumé?** Esse mambo dá para caular gasopal.» (*Idem*)

Em (153), as expressões a negrito derivam da expressão “mas é”, tendo, aqui, a função de partícula expletiva ou de realce. Em (154), ocorre a aglutinação das palavras “como é”. Em ambos os casos, verifica-se uma ortografia divergente entre (153a) e (153b), e entre (154a) e (154b).

Chavagne (2005) faz referência ao caso particular de “cadavez”, aqui com o significado de “talvez”:

155) palavras feitiças que a gente não sabíamos, **cadavez** vazias como que era a cabeça que estava lhes falar. (Chavagne; 2005:194)

À exceção de (155), os casos apresentados até agora nesta secção apresentam a aglutinação de palavras de categorias diferentes, nomeadamente, “conjunção+verbo” (“mas+é”), em (153), e “interrogativo+verbo” (“como+é”), em (154). Comum aos dois exemplos é o facto de a segunda forma ser um verbo. No entanto, são apresentados pelo autor outros exemplos em que ocorre a formação de novas palavras por um processo de aglutinação de palavras que não as pertencentes às categorias mencionadas. Exemplo disso são palavras como “cadaqual” (“cada+qual”), “porisso” (“por+isso”) e “dacapouco” (daqui+a+pouco), entre outras.

### 4.3.3 Metátese

O penúltimo processo fonológico relevante para a caracterização do PA denomina-se metátese. Metátese é a “Transposição de segmentos<sup>50</sup> fonéticos ou sílabas no interior de um vocábulo<sup>51</sup>.” (Xavier e Mateus; 1990: 246).

No PE, segundo Chavagne (2005), a diferença entre sílabas, como, por exemplo, “-pre” e “-per” é muito ténue. Com base neste facto, nas metáteses produzidas em PA, parece existir uma preferência para a vogal surgir no final da sílaba. Esta tendência pode ser resultado de uma possível influência das línguas Bantu, como no Quimbundo, língua em que todas as sílabas terminam com uma vogal em posição final. Passo, então, a apresentar alguns casos de metátese:

156) eu estou já com **prespectivas** (Chavagne; 2005:112)

157) **Pruquê?** (*Idem*)

158) eu estava muito bem a **drumir** num buraco na Baixa, num é que aparecem os  
madiés (Chavagne; 2005:113)

159) **pruguntô** na vizinha se não tinha visto quem que tinha levado as cuesa.  
(*Idem*)

Em todos os casos, (156) a (159), ocorre a troca de posição entre o segmento vocálico e o segmento consonântico. Independentemente da vogal, “e” ou “u”, e apesar de pertencerem categorias diferentes, verifica-se, em todas as palavras a negrito, o processo de metátese.

---

<sup>50</sup> Um segmento é “Qualquer unidade discreta identificável, física e perceptivamente, numa sequência de fala.” (Xavier e Mateus; 1990:329)

<sup>51</sup> Sinónimo de palavra.

#### 4.3.4 Supressão de segmentos finais

A queda de segmentos finais em PA foi identificada por Chavagne (2005) em casos em que a consoante “-r” de verbos no infinitivo é suprimida ou, ainda, em palavras de outras categorias em que a consoante “-s” é igualmente suprimida. O autor identifica ainda a supressão de segmentos plurais em posição final.

A supressão da consoante “-r” é um fenómeno que ocorre, frequentemente, na oralidade em Português do Brasil. Nos crioulos de base lexical portuguesa, acontece a mesma supressão. No que toca ao PA, o autor aponta para uma ocorrência muito menor deste fenómeno, tendo em conta os seus *corpora*. Não obstante, este é um fenómeno que existe, efetivamente, nesta variedade do Português, conforme se pode verificar pelos seguintes exemplos:

160) Carmita, tá mbora um kota que tá te **chamá**. (Chavagne; 2005:117)

161) O imbondeiro para **ficá** grande, primeiro fica pequeno. (*Idem*)

Nos dois exemplos ((160) e (161)), o segmento final do verbo no infinitivo é suprimido, dando lugar à vogal “-á”. A supressão da consoante “-s” também acontece em palavras de categoria “nome”:

162) o miúdo rebenta **duas chapada nas costa** do camarada da Unita. (Chavagne; 2005:117)

Em (162), o “-s”, que marca o plural, é suprimido nos nomes “chapada” e “costa”, não havendo concordância de número entre os respetivos constituintes. Há palavras de outras categorias alvo do mesmo fenómeno:

163) **nós tamo** a conseguir (Chavagne; 2005:117)

164) fui júnior, **ante** da minha vinda cá, já praticava (*Idem*)

165) Sim, há ondas, **ma** não tanto como cá. (*Idem*)

166) não tenho **mai** nada a informar. (*Idem*)

Nos exemplos acima, o verbo “estar” ((163)), o advérbio “antes” ((164)), a conjunção “mas” ((165)) e o nome “mais” ((166)) apresentam-se com o “-s” final suprimido. No que diz respeito à possível causa para a supressão, as línguas Bantu são, de novo, apontadas como possíveis causadoras deste fenómeno que caracteriza esta variedade africana do Português.

Quanto à sistematicidade do fenómeno de supressão, parece não haver um padrão de supressão consistente, dado que alguns falantes produzem enunciados inconsistentes nessa matéria:

167) Não senhor, têm feito **todas tentativas**, têm feito **todas tentativa**  
(Chavagne; 2005:117)

Na mesma frase, a sequência de palavras é produzida sem e com supressão do segmento final, respetivamente. Desta forma, este tipo de supressão parece ser um fenómeno instável em PA.

Por fim, é importante aludir à supressão de segmentos em palavras plurais em posição final. Neste tipo de supressão, a par da vogal anterior, a consoante final, que marca o plural, é suprimida:

168) Não, todas **crianç** entende o kimbundu (Chavagne; 2005:119)

169) Bom, isso depende muito dos **sentiment** de cada indivíduo, [...] da susceptibilidade que ele pode ter em relação a esses factores todos. (*Idem*)

Nos exemplos, independentemente da vogal, “-a”, em (168), e “-o”, em (169), tanto a vogal como a consoante do plural são suprimidas. Existem ainda palavras em que a marca do plural é “-es”, e se encontra também suprimida:

170) Bem, os **trabalhador** dali dentro com certas coisas que conseguem, e elas compram aos **trabalhador**. (Chavagne; 2005:119)

171) Por vontade de conhecer alguns **país** (*Idem*)

Em palavras como as acima, que, no singular, terminam com uma consoante, a perda dos dois sons da forma do plural pode fazer com que essa forma do plural se confunda com a forma do singular, ainda que, pelo contexto, e pelos outros constituintes da frase, seja possível distinguir plural de singular.

# **Capítulo IV**

## **Opções de tradução**

No quarto e último capítulo, “Opções de tradução”, darei continuidade aos temas apresentados em capítulos anteriores, desenvolvendo-os, interligando, ao mesmo tempo, aspetos literários, linguísticos e tradutórios.

Numa primeira parte, voltarei à questão da estratégia de compensação e da forma como esta pode ser usada de um modo holístico ao longo do texto.

Numa segunda parte, denominada “Opções de tradução para *Sula*”, apresentarei, com recurso a exemplos, os resultados obtidos, de acordo os seguintes critérios: formas de tratamento em Inglês e em Português; formas de tratamento no original e na tradução; discurso padrão e não padrão; correspondência entre AAE e PA; fenómenos genéricos e específicos, sendo os fenómenos específicos apresentados no âmbito da variação linguística, em relação à influência do contexto e da idade nessa mesma variação.

De forma a validar o texto de chegada, na forma de proposta de tradução, apresentarei a correspondência possível a que cheguei entre os traços característicos do AAE e aqueles que caracterizam o PA, bem como outro tipo de fenómenos que foi necessário encontrar, para a tradução das sequências textuais em que é usado discurso não padrão. Recorrerei, para isso, a uma cronologia por mim elaborada referente às personagens mais importantes do ponto de vista narrativo, com informações como a idade ao longo da obra. Desta forma, procurarei corroborar o carácter sistemático da aplicação da estratégia de compensação, e estabelecer um equilíbrio entre a manipulação do texto e a fidelidade aos aspetos literários da obra e aos aspetos linguísticos apresentados anteriormente no presente relatório.

## **5 Estratégia de compensação**

Depois de ter feito menção, no capítulo “Variação linguística e tradução”, ao uso da compensação na tradução da obra *Sula*, aos tipos de compensação que existem e à forma como esta pode ser aplicada, passo, nesta secção, ao problema da correspondência entre fenómenos linguísticos que usei na implementação da compensação. Esta problemática é particularmente importante no âmbito deste relatório de projeto, uma vez que se optou por compensar a perda de algumas das características do AAE do texto de partida através do uso de algumas características de natureza linguística similar, tanto quanto possível, do PA no texto de chegada. Considerei de

natureza linguística aspetos sintáticos, morfossintáticos e fonológicos. No que diz respeito a aspetos não linguísticos, procedi, igualmente, à compensação desses mesmos aspetos, designadamente, os que fossem de carácter estilístico, ou referencial, da cultura de partida, mas que não incluirei aqui, pelo facto de o meu foco serem as questões gramaticais.

A compensação enquanto estratégia pode levantar dúvidas em relação à forma como é aplicada. Harvey (2001) faz referência a um estudo de Gutt (1991) em que se questiona a compensação de alguns recursos estilísticos na tradução de uma determinada obra. Nesse estudo, o autor (1991) discute a possibilidade de uso de outros critérios para além da própria reação ou da sensibilidade do tradutor relativamente ao texto que estava a ler (texto de partida) e a escrever (texto de chegada). Outra questão pertinente levantada nesse estudo tem a ver com as sequências textuais em questão e o facto de a compensação poder ocorrer num local diferente do texto, deixando o foco de ser a correspondência exata entre palavras e frases, para se passarem a considerar excertos mais longos do texto, não necessariamente localizados em sequências textuais correspondentes. Sobre este aspeto, Harvey (2001) refere que:

It must be noted, however, that it becomes increasingly difficult to identify occurrences of compensation for particular losses in such a text-holistic approach. (Harvey; 2001:40)

Aqui, um dos problemas apontados é a dificuldade de identificação das perdas que são efetivamente compensadas, do local onde ocorre essa compensação, havendo um problema acrescido sempre que exista a necessidade de compensar vários aspetos na mesma sequência textual ou que essa compensação interfira no sentido de outra sequência textual.

Tendo em conta os problemas acima, no caso das sequências de texto correspondentes a diálogos e citações de personagens que se encontrassem em discurso não padrão na obra *Sula*, sempre que possível, optei por tentar compensar, na mesma sequência textual, as características do AAE. Contudo, essa compensação raramente se verificou possível devido à sobreposição com características estilísticas. Nesses casos, dei primazia à compensação dos aspetos estilísticos, quer assumissem, por exemplo, a forma de repetição ou associação de expressões, aliteração, metáfora, ou outra. Para além disso, houve inúmeros casos em que procedi à compensação de determinados

aspectos linguísticos em diferentes sequências do texto de chegada, até porque a sobreposição de várias características linguísticas era algo recorrente, pela natureza dessa própria variedade do Inglês e pelo facto de não ser possível reproduzir todas as características, pelos motivos já mencionados.

Quanto ao problema da “quantificação” das perdas compensadas sempre que se opta por uma abordagem holística da compensação, como foi o caso na proposta de tradução de *Sula* que apresento, tomei a decisão de contabilizar o número de vezes que cada efeito é reproduzido no texto de chegada, independentemente da sequência textual em que é reproduzido ou de quantas vezes exista no texto de partida<sup>52</sup>.

## 6 Opções de tradução para *Sula*

A secção “Opções de tradução para *Sula*” tem como finalidade apresentar os resultados obtidos no processo tradutório, e que assentam nas ideias explanadas anteriormente.

Com vista a melhor aplicar as estratégias e a sistematizar os procedimentos de tradução, bem como a indicar a forma como estes se poderão relacionar com fatores de variação, durante o processo de tradução, procedi à elaboração de uma cronologia que me ajudasse nas minhas escolhas tradutórias e que servisse, igualmente, para as fundamentar. A cronologia que apresento aqui contém informação referente às quatro personagens mencionadas no primeiro capítulo do relatório, Hannah, Eva, Nel e Sula, para além de uma quinta personagem, Helene. Pretende-se, com esta cronologia, apresentar as personagens com as sequências de texto mais importantes para a narrativa. De entre as cinco personagens que apresento, Helene, Nel, Eva, Hannah e Sula, por esta ordem, destaco Sula, Nel e Eva, por terem o maior número de sequências. Para além disso, Sula e Nel são as que têm os tipos de sequência mais diversificados, de acordo com os quatro tipos de sequência identificados anteriormente. Em relação à personagem Helene, decidi incluí-la por ter interações discursivas pertinentes a nível da variação

---

<sup>52</sup> No texto de partida, a não contabilização do número de ocorrências de cada fenómeno é consequência 1) do elevado número de ocorrências para cada fenómeno, 2) do facto de nem todos os fenómenos linguísticos apresentados em relação ao AAE existirem na obra, 3) de não ter sido possível encontrar fenómenos análogos no PA ou 4) de a forma de determinadas características apresentar diferenças quanto aos dados apresentados na literatura da especialidade, por se tratar de um texto literário. Para além disso, trata-se, conforme descrito, do emprego de uma estratégia denominada “compensação”, cuja própria finalidade é, efetivamente, “traduzir” aspetos que dificilmente se poderiam reproduzir no texto de chegada de uma forma natural com recurso exclusivo a outro tipo de estratégia de tradução.

linguística referente à idade e ao contexto. Quanto a Eva, esta integra, de igual modo, a cronologia pelo seu importante papel no desenrolar da história e pelo elevado número de interações discursivas com as restantes personagens. É ainda relevante por ser a personagem da obra que se encontra presente em praticamente todos os capítulos e cujo tempo de vida percorre quase todo o tempo da narração.

A elaboração de uma cronologia com estas cinco personagens deveu-se, igualmente, ao facto de, no âmbito dos estudos literários realizados sobre a obra em questão, autores como Nissen (1999) considerarem que a ação se desenrola em torno de seis personagens, as cinco que refiro, e uma sexta, Chadrac. Optei por não incluir Chadrac na cronologia, por não ter pertinência no âmbito do presente relatório, dado que essa personagem profere uma única palavra em todo o livro, apesar da sua elevada importância para a história. As questões mencionadas por Nissen (1999) serão abordadas, especificamente, na secção “Discurso padrão”.

Assim, a nível de estrutura, a tabela encontra-se dividida por personagem, e apresenta a sua idade em cada capítulo. Devido ao facto de a autora recorrer a analepse e a prolepse ao longo da obra, poderão existir situações de disparidade temporal em determinados capítulos, em relação a algumas personagens:

Tabela 2

<b>Personagem</b>	<b>Capítulo</b>	<b>Idade</b>	<b>Período de tempo de vida na obra</b>
Helene	1920	Adulta (indeterminada)	Indeterminado
	1927		
Nel	1920	10 anos	Entre os 6 e os 55 anos
	1922	Entre os 6 e os 10 anos	
		12 anos	
	1937	27 anos	
		Adulta (indeterminada)	
	1940	30 anos	
1965	55 anos		
Eva	1921	25 anos	Entre os 25 e os 95 anos
		28 anos	
		51 anos	
		Adulta (indeterminada)	
	1923	53 anos	
	1937	67 anos	
	1965	95 anos	
Hannah	1921	31 anos	Entre os 31 e os 33 anos
	1922	32 anos	
	1923	33 anos	
Sula	1922	Entre os 6 e os 10 anos	Entre os 6 e os 30 anos
		12 anos	
	1937	27 anos	
		Indeterminada	
	1939	29 anos	
1940	30 anos		

As secções seguintes terão como base a tabela supramencionada.

## 6.1 Formas de tratamento em Inglês e em Português

Como já foi referido atrás, no âmbito da interação discursiva, o contexto determina as escolhas linguísticas dos interlocutores. Ao adotarem um registo formal ou informal, em que se incluem os sistemas de formas de tratamento, os falantes ajustam o seu discurso às necessidades e demonstram, deste modo, as suas capacidades discursivas. O modo como as formas de tratamento existem numa língua, constituindo, na sua alternância, um elemento de variação linguística, pode servir para caracterizar as relações entre indivíduos, quer seja na esfera pública ou na esfera privada. Uma vez que as formas de tratamento podem existir de modos diferentes e registar-se a vários níveis, consoante o “plano” (Cintra; 1986:15), passo, então, a apresentar algumas características dos sistemas de formas de tratamento em Inglês e em Português. Para este fim, considere-se que as formas de tratamento se realizam na língua de modos diferentes, identificando três para o Inglês, e três para o Português, que enumerarei, de seguida, em cada secção. De ressaltar é o facto de todas as características apresentadas para ambas as línguas se enquadrarem no “(...) tratamento directo (...)” (Cintra; 1986:11), ou seja, no diálogo entre interlocutores, e não nouro tipo de discurso.

Começo, então, pelo sistema de formas de tratamento em Inglês e pelo modo como essas formas funcionam na língua. A sua realização pode ocorrer através da utilização específica de determinados verbos modais, e do uso do tratamento nominal ou pronominal.

Os verbos modais “*may*”, “*might*”, “*can*” e “*could*” podem ser empregados na formulação de pedidos, sendo cada um deles usado de acordo com o grau de formalidade exigido pela situação. Os quatro verbos podem ser usados nos mesmos enunciados, aplicando-se o verbo modal adequado ao contexto. Incluem-se no plano da cortesia.

No que diz respeito a tratamentos nominais, na forma de título de cortesia, o tratamento por “*Mr.*”, “*Mrs.*” ou “*Miss*” depreende um uso formal, caracterizando, igualmente, o interlocutor a que se refere. A forma de tratamento pronominal “*you*” aplica-se a vários planos e tem um uso generalizado, “(...) próprio tanto para a

intimidade, como para a cortesia.” (Cintra; 1986:15). Assim, pode ser empregada formal ou informalmente.

Segundo Cintra (1986:13), o tratamento verbal implica “(...) a simples utilização da desinência<sup>53</sup> do verbo como referência ao interlocutor-sujeito (...)”. No que diz respeito ao Inglês, o facto de esta língua não admitir sujeitos nulos, e de as formas verbais não fornecerem informações sobre o interlocutor, impede, logo à partida, o tratamento verbal.

Passo, agora, a apresentar o sistema de formas de tratamento em Português. Na língua, a realização deste sistema ocorre de três modos, designadamente, através do tratamento pronominal, do tratamento nominal e do tratamento verbal. Nesta medida, em Português, o conjunto de formas de tratamento confere à língua

(...) uma riqueza a apontar e a valorizar, riqueza de possibilidades que o falante pode utilizar, com certo gosto e até com prazer, para sugerir e esclarecer a distância desejada – que, aliás, até no decurso de uma única conversa pode fazer variar – entre si próprio e o seu interlocutor. (Cintra; 1986:10-11)

Acima, destaca-se, essencialmente, o vasto espectro de possibilidades e de escolhas que o falante tem ao seu dispor em Português, ainda que essas estejam sempre dependentes do contexto. Por conseguinte, o conjunto de formas reflete, explicitamente, as relações entre os interlocutores. Cintra (1986) aponta para um conjunto de formas que se usam no diálogo entre interlocutores, mencionando, em primeiro lugar, as formas-sujeito usadas no dia a dia:

- **Tratamentos pronominais:** “tu”; “você”; V.Ex.<sup>a</sup>; etc.
- **Tratamentos nominais:** “o senhor”; “o senhor Doutor”; “o avô”; etc.
- **Tratamentos verbais:** utilização da flexão do verbo como referência ao interlocutor-sujeito, como, por exemplo, “queres?”, “quer” ou “querem?”

O autor aponta para o facto de, enquanto os tratamentos pronominal e verbal não caracterizam o interlocutor, o tratamento nominal o fazer, porque “(...) lembra alguma coisa própria da pessoa com que falamos.” (Cintra; 1986:13).

---

<sup>53</sup> Sinónimo de “flexão”.

Em Cintra (1986), são apontadas duas características próprias do sistema de formas de tratamento em Português. A primeira assenta no facto de existir uma enorme variedade e frequência de uso do tratamento nominal. Na segunda, é referenciada a estruturação desse sistema, que, de acordo com o autor, possui, no singular, três planos, que passo a apresentar:

- a) Formas próprias da intimidade;
- b) Formas usadas no tratamento de igual para igual (ou de superior para inferior) e que não implicam intimidade;
- c) Formas chamadas «de reverência» – «de cortesia» –, por sua vez repartidas por uma série muito variada de níveis, correspondentes a distâncias diversas entre interlocutores. (Cintra; 1986:15)

Correspondendo, cada um deles, respetivamente, às formas:

- a) *tu*;
- b) *você*<sup>54</sup>;
- c) *V. Ex.<sup>a</sup>, o senhor, o senhor Dr., o António, a Maria, o Sr. António, a Sr.<sup>a</sup> Maria, a D. Maria, etc.*, (Cintra; 1986:15)

Se se comparar o tratamento pronominal e o verbal, a diferença assenta, essencialmente, na realização do sujeito no caso do tratamento pronominal. Desta forma, uma vez que é possível, na maioria dos casos, identificar o sujeito através da flexão do verbo, sendo o Português uma língua de sujeito nulo, pode afirmar-se que, no caso do tratamento verbal, a identificação do sujeito pela forma do verbo é uma importante diferença entre o Inglês e o Português.

Apesar da aparente semelhança a nível do tratamento nominal em Inglês e em Português, no que a títulos de cortesia diz respeito, noutros casos, em Inglês, esse tipo de tratamento não é usado da mesma forma nem com a mesma frequência, sendo, muitas das vezes, substituído pelo pronome “*you*”. Assim, tendo em conta as várias

---

<sup>54</sup> O uso explícito deste pronome é, por vezes, considerado pouco delicado ou até mesmo rude. Apesar de estabelecer uma correspondência entre planos e formas, no âmbito desta forma, o que é importante afirmar é que ao estar a mencionar o tratamento “por você” estou a referir-me ao uso de formas de terceira pessoa do singular e não propriamente ao uso explícito do pronome.

diferenças apresentadas entre os sistemas de formas de tratamento das duas línguas em questão, houve necessidade de se proceder a alterações de cariz sociolinguístico, de forma a espelhar, no texto de chegada, as relações interpessoais entre as personagens, que, por vezes, não se encontravam gramaticalmente explícitas no texto de partida.

### **6.1.1 Formas de tratamento no original e na tradução**

Na Tradução, mais propriamente na Tradução Literária, uma das primeiras questões com que o tradutor se poderá deparar é, no caso de existirem interações verbais entre personagens no texto de partida, a de saber como poderá o texto de chegada reproduzir, com a maior fidelidade possível, as relações entre as personagens. E, na impossibilidade de identificar, claramente, marcas formais ou informais no discurso, que informações nos dará o contexto sobre o grau de formalidade ou informalidade, e que regras, fenómenos e princípios linguísticos se deve usar no texto de chegada para espelhar uma relação de proximidade ou de distanciamento a nível social ou familiar?

Nesta secção, pretendo apresentar três casos que se inserem no tipo de sequência de texto “diálogo”, e em que foi necessário ter em conta a relação hierárquica que existia entre as personagens no texto de partida, uma vez que, pela natural diferença entre sistemas linguísticos, essa relação teria de ser representada no texto de chegada através do uso de diferentes formas de tratamento. Nos três casos, existe uma relação desigual, de superior para inferior. No entanto, os planos em que essas desigualdades se verificam são diferentes. Deste modo, pretendo analisar as interações verbais entre Eva e Sula, entre Eva e Nel e entre Helene e revisor, tendo em conta os níveis macrossocial e microssocial apresentados anteriormente e classificados por Faria (2003), e à luz dos sistemas de formas de tratamento do Inglês e do Português.

O primeiro conjunto de interações discursivas que apresento é o diálogo entre Eva e Sula. Em termos narrativos, esta é a única interação verbal entre estas duas personagens, e ocorre no capítulo 1937, já na segunda parte da obra. A nível pragmático, no texto de partida, nas tomadas de palavra de cada personagem, a forma de tratamento usada para uma se dirigir à outra é, predominantemente, a forma pronominal “*you*”. Verifica-se, ainda, o uso do tratamento nominal por parte de Sula em relação a

Eva, quando Sula se refere a Eva como “*Big Mamma*”, termo do Inglês sulista, sinónimo de “*grandmother*”, numa aceção matriarcal, que é usado aqui como vocativo.

Apesar de a relação entre as duas personagens ser uma relação familiar, em que uma assume o papel de avó (Eva) e a outra o de neta (Sula), não considere que esta fosse uma relação própria da intimidade, no sentido descrito por Cintra (1986) – com a utilização de formas próprias desse plano –, mas antes uma relação de superior para inferior. Desta forma, a decisão de estabelecer um distanciamento sociofamiliar na tradução deveu-se 1) ao facto de haver uma diferença de idade considerável entre as duas personagens e 2) ao facto de não existir uma relação próxima entre elas, para além de, frequentemente, na sociedade portuguesa, essas relações não ocorrerem de igual para igual, em termos de formas de tratamento. Em relação à diferença de idade, esta seria, por si só, um motivo para marcar sociolinguisticamente essa disparidade, dado que, à data, Sula tinha 27 anos, e Eva 67, pertencendo, assim, a outra faixa etária. Relativamente à sua relação familiar, acredito ser seguro afirmar-se que, em Português, se convencionou o emprego da forma “tu” (ou da 2.<sup>a</sup> pessoa do singular dos verbos) para avós se dirigirem a netos e formas da 3.<sup>a</sup> pessoa do singular dos verbos para netos se dirigirem a avós. Embora seja verdade que, nos tempos mais recentes, é já frequente a utilização do tratamento com formas de 2.<sup>a</sup> pessoa também neste último caso, na data em que a obra foi escrita tal não acontecia.

Tendo em conta os dados mencionados, apresento, abaixo, alguns exemplos que considero relevantes no âmbito desta secção, em relação ao diálogo entre Sula e Eva, sob a forma de discurso direto:

172) a) “How **you been doing**, Big Mamma?” (p. 92)

b) “Como **tem passado**, avozinha?” (p. 67)

173) a) “Gettin' by. Sweet of you to ask. You was quick enough when you wanted something. When you needed a little change or...” (p. 92)

b) “Vai-se andando. Obrigada por **perguntares**. **Foste** bem rápida quando **quiseste** uma coisa. Quando **precisaste** de um pouco de mudança ou...”  
(p. 67)

De modo a que o texto de chegada se encontrasse adaptado às normas convencionadas na língua e cultura portuguesas tendo em conta a relação de parentesco que existe entre as personagens, a diferença na forma de tratamento permite refletir os diferentes papéis sociais das personagens, que se estabelecem em função da sua idade. Assim, em (172b), Sula interage verbalmente com Eva com recurso à 3.<sup>a</sup> pessoa do singular, ao passo que Eva, em (173b), para se dirigir a Sula, emprega a 2.<sup>a</sup> pessoa do singular. Nas duas situações, é usado o tratamento verbal.

Um outro aspeto do texto de partida que me levou a proceder a algumas alterações linguísticas no texto de chegada, comparativamente ao texto de partida, teve origem na necessidade de preservar as repetições e o paralelismo do texto original:

174) a) “Well, don't let your mouth start nothing that your ass can't stand. When you gone to get married? You need to have some babies. It'll settle you.

I don't want to make somebody else. I want to make myself.

Selfish. Ain't no woman got no business floatin' around **without no man**.

**You did.**

Not by choice.

**Mamma did.**

Not by choice, I said. It ain't right for you to want to stay off by yourself. You need... I'm a tell you what you need.” (p. 92)

b) “Olha, não deixes *qu'a* tua língua comece algo *qu'o* teu couro não aguento. Quando é que te casas? *Precisas ter* filhos. Vai-te fazer assentar.

Eu não quero criar outra pessoa. Quero criar-me a mim.

Egoísta. Uma mulher *na* tem um propósito se andar por aí sem rumo, **se *na* tiver** um homem.

**A avozinha não teve.**

Não por escolha.

**A mãezinha não teve.**

Já disse, não por escolha. *Na tá certo querereres ficar sozinha. Precisas...vou-te dizer que é que precisas.*” (p. 67)

Nas sequências textuais do exemplo (174a), encontram-se duas frases proferidas por Sula. Comum às duas é a presença de “*did*”, forma passada do verbo “*do*”. Contudo, o referente da frase difere. Em “*You did*”, o referente é Eva, ao passo que, em “*Mamma did*”, o referente é Hannah, mãe de Sula, que esta identifica através do uso da expressão “*mamma*”. Neste caso, o processo tradutório foi introduzir o verbo “*ter*” na frase anterior, proferida por Eva, de forma a estabelecer uma sequência textual entre as três frases, através da repetição desse mesmo verbo. O objetivo foi conferir ritmo e fluência à tradução, preservando as repetições e o paralelismo, e, ao mesmo tempo, estabelecer um nexos semântico entre as várias frases. Com esse mesmo objetivo, procurando, também, identificar diretamente o referente da frase, tomei a decisão de eliminar o pronome “*you*”, substituindo-o por “*avozinha*”, trocando, assim, o sujeito inicial da frase por outro, na forma de tratamento nominal, dada a referida frequência de uso deste tipo de forma em Português.

Por último, em termos de discurso, é importante referir que este diálogo entre Eva e Sula se encontra, na sua quase totalidade, em discurso não padrão. Contudo, existem duas exceções:

175) a) “Bible say honor thy father and thy mother that thy days may be long upon the land thy God giveth thee.” (p. 93)

b) “A Bíblia diz “Respeita o teu pai e a tua mãe, para que vivas muitos anos na terra, que o Senhor, teu Deus, te vai dar.”” (p. 68)

176) a) ““Pride goeth before a fall.”” (p. 93)

b) ““O orgulho conduz à queda.”” (p. 68)

As sequências textuais dos exemplos (175) e (176) são passagens bíblicas e estão em discurso padrão, contrastando com o restante diálogo. Após identificar cada um dos excertos, a sequência do exemplo (175) como pertencente ao livro do Êxodo 20,12 (Êxodo, capítulo 20, versículo 12), e a do exemplo (176) como um dos provérbios do livro dos Provérbios 16,18 (Provérbios, capítulo 16, versículo 18), o procedimento foi encontrar uma tradução já existente em Português. Por a *Bíblia Sagrada* ser um dos

livros mais traduzidos em todo mundo, através de tradução direta ou indireta, procurei encontrar uma tradução da *Bíblia Sagrada* que tivesse sido traduzida diretamente das línguas originais para o Português. Nesta pesquisa, deparei-me com a tradução interconfessional do Hebraico, do Aramaico e do Grego para o Português, da Difusora Bíblica (Franciscanos Capuchinhos), de 1993, tendo sido, após ponderação, essa a tradução das sequências que escolhi incluir no texto de chegada e que se encontra citada nos exemplos acima. Em termos discursivos, se se comparar estes excertos com o discurso de Eva, existe uma grande disparidade entre o léxico e a gramática usados pela personagem neste e noutros enunciados, contudo, esse facto não invalida o poder argumentativo de Eva, não só pelas referências feitas, mas também pelo dinamismo do seu discurso. Desta forma, o uso de uma variedade não padrão, neste caso, o AAE, não anula a retórica da personagem, sendo apenas essa a variedade linguística usada para aquela personagem se expressar.

Em termos de formas de tratamento, há mais duas interações que considero relevantes no âmbito desta secção. As duas situações indiciam um distanciamento maior entre as personagens intervenientes. O primeiro caso que pretendo apresentar é o diálogo entre Eva e Nel, no último capítulo de *Sula*, intitulado 1965. Para se dirigir a Eva, Nel emprega duas formas de tratamento diferentes:

177) a) “What you say your name was?” (p. 168)

b) “Como é que **te chamas** mesmo?” (p. 124)

178) a) “You've got a pretty room, a real pretty room, Miss Peace.” (p. 168)

b) “**Tem** um quarto jeitoso, um quarto muito jeitoso, Menina Peace.” (p. 124)

179) a) “Ma'am?” (p. 168)

b) “**Diga**, minha senhora?” (p. 124)

Tal como na relação entre Eva e Sula, existe, à data desta interação, uma grande diferença de idade entre estas duas personagens, tendo Eva, em 1965, 95 anos, e Nel, 55. Consequentemente, esta seria, segundo as normas culturais e sociais portuguesas, uma relação em que haveria um distanciamento por pertencerem a faixas etárias diferentes. Desta forma, por um lado, o tratamento na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular seria o tipo de tratamento que Nel utilizaria para se dirigir a Eva, contrastando com o tratamento na

2.<sup>a</sup> pessoa do singular, empregado por Eva em relação a Nel. No exemplo (177b), confiro um registo informal à fala de Eva, sendo utilizada, no texto de chegada, a forma “tu”. Para além de, nos exemplos (178) e (179), a formalidade se registar no tratamento verbal, pela flexão do verbo usada no texto de chegada, essa já se verificava, no texto de partida, no título de cortesia usado por Nel relativamente a Eva, ou seja, “*Miss Peace*”, em (178a), e “*Ma'am*”, em (179a). Estas formas de tratamento, aqui na forma de vocativo, foram mantidas no texto de chegada e traduzidas por “minha senhora”, no caso de “*Ma'am*”, e “Menina Peace”, no de “*Miss Peace*”. A decisão de traduzir “*miss*” por “menina”, deveu-se ao facto de a aceção em Inglês ser equivalente à da expressão equivalente em Português, sendo esta uma forma usada para alguém se referir a uma mulher solteira, que é por vezes também usada para expressar delicadeza ou carinho. A conversa entre Eva e Nel ocorre, quase na sua totalidade, em discurso não padrão.

A última interação discursiva que pretendo apresentar no âmbito das formas de tratamento é o diálogo entre Helene e o revisor, não identificado pelo seu nome, mas cuja profissão é apresentada na narração. Este tipo de sequência ocorre na primeira parte do livro, no capítulo 1920, e tem a registar algumas particularidades que diferem das outras sequências apresentadas nesta secção. No que diz respeito aos dois interlocutores, não é possível identificar ao certo a idade de cada um, ainda que, pelo contexto, se depreenda que são ambos adultos. Em relação a Helene, pressupõe-se que esta seja uma mulher adulta ainda jovem. Relativamente ao revisor, não é possível identificar com precisão a sua idade. No entanto, neste tipo de relação, as implicações sociais são o fator mais relevante. Desta forma, o contexto comunicativo é o fator preponderante para a existência de variação linguística:

180) a) “What you think you doin', gal?

I have them. Right here somewhere, sir...

What was you doin' back in there? What was you doin' in that coach yonder?

Oh... I...

We made a mistake, sir. You see, there wasn't no sign. We just got in the wrong car, that's all. Sir.

We don't 'low no mistakes on this train. Now git your butt on in there.”

(pp. 20-21)

b) “O que é que pensas que *tás* a fazer, moça?

Eu tenho-os. Estão aqui algures, senhor revisor...

O que é que *tavas* a fazer lá atrás? O que é que *tavas* a fazer na carruagem acolá?

Ah... eu...

Enganámo-nos, senhor revisor. É que não havia nenhum letreiro. Entrámos no vagão errado, foi só isso. Senhor revisor.

Não permitimos enganar neste comboio. Agora, vai para ali.” (pp. 14-15)

Contrastando com os exemplos (172) a (179), o exemplo (180) apresenta formas nominais usadas pelas duas personagens. O revisor usa a expressão “*gal*” para interpelar Helene numa primeira abordagem, sendo este um termo usado no registo informal, e que o dicionário *Longman Dictionary of American English* (2009:420) define como “(...) a girl or woman”. O dicionário *Concise Oxford American Dictionary*, na entrada para “*gal*”, apresenta uma definição semelhante: “(...) a girl or young woman” (2006:369). Por vezes, em informação dispersa, é referido que o termo “*gal*” é usado de forma depreciativa para alguém se dirigir a uma mulher afro-americana. No próprio romance, o contexto dá-nos a indicação de que a palavra tem, efetivamente, uma aceção pejorativa. Deste modo, o termo que decidi usar como opção de tradução no texto de chegada foi “moça”, termo que o *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* (1981:313) define como “(...) Rapariga nova, de pouca idade; jovem, donzela. [...] || *Prov.* O m. q. *Criada* (...)”. Apesar de ter o mesmo sentido de mulher jovem numa das entradas, tem, também, uma conotação negativa por, no mesmo dicionário, ser apresentada a palavra “criada” como sinónimo numa outra entrada. Não obstante o facto de o termo “moça” não ter a conotação racial negativa que a palavra “*gal*” pode ter, pode considerar-se que ambos os termos, “*gal*” e “moça”, têm, por associação, nas outras aceções, significados semelhantes. No caso de “*sir*”, o *Longman Dictionary of American English* (2009: 948) define o termo como um termo “(...) used in order to speak politely to a man when you do not know his name or when you want to show respect (...)”, aceção que contrasta com a de “*gal*”, na medida em que “*sir*” expressa delicadeza e respeito, sentimentos diferentes dos que se associam, habitualmente, a “*gal*”. Pelo facto de “*sir*” poder ser um termo usado quando se desconhece o nome da pessoa, optei por acrescentar à expressão “senhor”, a minha opção de tradução, a profissão da personagem, traduzindo o termo por “senhor revisor”. Se se retomar os níveis macrossocial e microssocial de Faria

(2003), fixa-se, através do emprego desta forma de tratamento, “senhor revisor”, o papel e a profissão que a personagem desempenha socialmente, numa hierarquia, de acordo com a situação concreta.

Relativamente ao tipo de discurso, esta interação verbal é pertinente a nível da variação linguística porque o discurso de Helene contrasta com o do revisor. Nesta interação verbal, todas as falas de Helene se encontram em discurso padrão, à exceção da frase “You see, there wasn't no sign” (Morrison; 2005:21), em que ocorre a concordância da negativa. No caso do revisor, o discurso está na sua totalidade em discurso não padrão. Em relação à cor da pele das personagens, Helene é negra, ao passo que o revisor é branco. Consequentemente, neste diálogo, o contexto social, marcadamente influenciado pela questão racial, determina o tipo de interação e o tipo de discurso das personagens. Embora se trate de tipos de texto diferentes, sendo *Sula* um texto literário, pode estabelecer-se um paralelo com as situações descritas no Capítulo II, “Variação linguística e tradução”, em que as líder afro-americanas adaptam o seu discurso conforme os destinatários. Do mesmo modo, Helene também o faz, comunicando em SE, possivelmente por estar a interagir com um interlocutor branco, num contexto em que existe um distanciamento social, e com base no que seria expectável dela a nível cultural e sociolinguístico. Atestando a tese de que o AAE não é só falado por pessoas afro-americanas, mas também por outras, o revisor comunica nessa variedade linguística, pelo menos, neste contexto sociolinguístico, embora não nos seja possível dizer, por falta de dados, se essa é ou não a principal variedade por ele falada.

Por fim, é importante reiterar a ideia de que, na interação verbal entre Helene e o revisor, podendo dizer-se que tem como pano de fundo a questão da realidade sociocultural da comunidade negra e o problema da segregação racial que se vivia à época, as diferentes formas nominais usadas marcam a diferença de tratamento e o distanciamento social que existe entre as personagens.

## **6.2 Discurso padrão**

A presente secção, “Discurso Padrão”, retoma as ideias apresentadas aquando da exposição dos processos e estratégias de tradução. Após ter identificado, nesse momento do trabalho, os tipos de sequência de texto presentes na obra *Sula*, passo,

agora, a apresentar, mais pormenorizadamente, as sequências que se encontram em discurso padrão, ou seja, em que é usado o SE.

Os tipos de sequência de texto correspondentes ao SE são a “narração” e as sequências que correspondem ao “pensamento” das personagens. No âmbito do presente relatório, dentro do discurso padrão, o tipo de sequência que considero mais relevante analisar é precisamente o “pensamento” das personagens, quer seja nas situações em que essas sequências ocorram isoladamente ou quando se encontrem integradas na “narração”. Ao proceder a uma análise linguístico-literária das sequências, tenho como intenção destacar aspetos pertinentes para a narrativa e estabelecer um contraste com os outros tipos de sequência.

No romance *Sula*, os tipos de sequências que correspondem a pensamentos pertencem, quase integralmente, a sequências em que o leitor tem acesso ao processo de reflexão interior de Nel ou de Sula. Desta forma, por haver um número muito reduzido de sequências análogas relativamente a outras personagens, e por estas serem pontuais, apenas analisarei sequências do pensamento de Nel ou de Sula. Assim, apresentarei, primeiro, sequências correspondentes aos pensamentos de Nel, e, depois, sequências correspondentes aos pensamentos de Sula.

O primeiro conjunto de sequências que pretendo apresentar faz parte do capítulo 1937 e corresponde aos pensamentos de Nel. Em termos de extensão, são sequências bastante longas. A nível diegético, assinalam um momento importante para o desenvolvimento da história que é narrada na obra. Assim, no âmbito desta secção, apreciarei os recursos estilísticos e as características linguísticas destas sequências.

Nissen (1999) divide o conjunto de sequências textuais de Nel em quatro. Apresentarei, em maior detalhe, as duas primeiras, mencionando, em seguida, mais sucintamente, as duas últimas. Passo, então, a apresentá-las individualmente:

181) a) “He left his tie. The one with the scriggly yellow lines running lopsided across the dark-blue field. It hung over the top of the closet door pointing steadily downward while it waited with every confidence for Jude to return.

Could he be gone if his tie is still here? He will remember it and come back and then she would... uh. Then she could... tell him. Sit down quietly

and tell him. “But Jude,” she would say, “you *knew* me. All those days and years, Jude, you *knew* me. [...] So how could you leave me when you knew me?”” (pp. 104-105)

b) “Ele deixou a gravata. Aquela com as irrequietas linhas amarelas que percorriam, assimetricamente, a área azul escura. Estava pendurada na parte de cima da porta do roupeiro, apontando firmemente para baixo enquanto esperava, com toda a certeza, que Jude regressasse.

Poderia ele já ter saído, se a gravata ainda estava ali? Ele iria lembrar-se dela e voltar atrás e, então, ela iria...uh. Então, ela poderia...dizer-lhe. Sentar-se calmamente e dizer-lhe. “Mas, Jude,” diria ela “tu *conhecias-me*. Durante todos aqueles dias e anos, Jude, tu *conhecias-me*. [...] Então, como me poderias deixar, conhecendo-me?”” (p. 77)

Na sequência acima, Nissen (1999) identifica o excerto entre “He left his tie. [...] Sit down quietly and tell him.” (Morrison; 2005:104) como um “monólogo narrado”, denominação sinónima de discurso indireto livre, sendo este uma forma de expressão em que existe uma linha ténue entre o relato do narrador e o enunciado da personagem (Cunha e Cintra; 1986). Na segunda parte do exemplo (181a), o excerto que se inicia com “But Jude,”, intercalado por “(...) she would say, (...)”, e que continua com “you *knew* me [...] you knew me?” (Morrison; 2005:104), está em discurso direto, representando a fala de Nel. No caso deste excerto, são as aspas, enquanto indicador gráfico, e a adoção do ponto de vista da personagem, que o caracterizam linguisticamente e que permitem demarcar cada modalidade de reprodução do discurso. Comparando o texto de partida e o texto de chegada, nos termos descritos até aqui, as sequências são equiparáveis.

Passo, então, a apresentar a segunda sequência identificada por Nissen (1999):

182) a) “But they had been down on all fours naked, not touching except their lips right down there on the floor where the tie is pointing to, on all fours like (uh huh, go on, say it) like dogs. Nibbling at each other, not even touching, not even looking at each other, just their lips, and when I opened the door they didn't even look for a minute and I thought the reason they are not looking up

is because they are not doing that. [...] And then you walked past me saying, “I’ll be back for my things.” And you did but you left your tie.” (pp. 105-106)

b) “Mas eles tinham estado abaixados, de gatas, nus, sem se tocarem, tirando os lábios, mesmo em baixo, no chão, para onde a gravata apontava, de gatas, como (uh, huh, não tenhas medo, di-lo) como os cães. Mordiscando-se um ao outro, sem sequer se tocarem, sem sequer olharem um para o outro, só com os lábios, e quando eu abri a porta nem sequer olharam, por um momento, e pensei que o motivo por que não estavam a olhar para cima era que não estavam a fazer aquilo. [...] E, depois, tu passaste por mim, dizendo “Eu volto para vir buscar as minhas coisas”. E voltaste, mas esqueceste-te da gravata.” (pp. 77-78)

Nas suas próprias palavras, Nissen (1999:272) refere que “The second section begins as narrated monologue but quickly turns into quoted monologue”. O termo “quoted monologue” equipara-se ao termo “monólogo interior”, também ele, em parte, sinónimo da expressão “stream of consciousness”, definida, em Português, como “corrente de consciência”, de acordo com Reis e Lopes (1987:230). Os autores definem monólogo interior como “(...) uma técnica narrativa que viabiliza a representação da corrente de consciência de uma personagem.” (op. cit.:229), e que “(...) exprime sempre o discurso mental, não pronunciado, das personagens (...)” (op. cit.:230).

Para além dos aspetos literários mencionados, uma das particularidades desta sequência é o facto de não existirem indicadores gráficos a demarcar as duas modalidades de reprodução do discurso. É a partir de “(...) and when I opened the door they didn't even look for a minute and I thought the reason they are not looking up is because they are not doing that. (...)” (Morrison; 2005:105), no texto de partida, e de “(...) e quando eu abri a porta nem sequer olharam, por um momento, e pensei que o motivo por que não estavam a olhar para cima era que não estavam a fazer aquilo.” (p. 77), no texto de chegada, que se passa a fazer a narração na primeira pessoa, mantendo-

se ativada, até ao final do excerto do exemplo (182), a perspectiva narrativa de Nel, personagem que desempenha, aqui, a função de focalizador<sup>55</sup>.

A nível linguístico, nesta sequência, é usado o discurso indireto livre, no sentido mencionado anteriormente de que se verifica uma aproximação entre narrador e personagem, e, assim, ao discurso direto, na segunda parte da sequência. Relevante é ainda o facto de existir uma digressão, na aceção de comentário, em que o narrador parece dirigir-se diretamente à personagem, na passagem “(...) (uh huh, go on, say it) (...)” (Morrison; 2005:105), no texto de partida, e “(...) (uh, huh, não tenhas medo, di-lo) (...)” (p.77), no texto de chegada.

A terceira sequência textual que pretendo apresentar nesta secção é a seguinte<sup>56</sup>:

183) a) “The clock was ticking. [...] For now her thighs were truly empty and dead too, and it was Sula who had taken the life from them and Jude who smashed her heart and the both of them who left her with no thighs and no heart just her brain raveling away.” (pp. 106-111)

b) “O relógio estava a contar. [...] Por agora, as suas coxas estavam verdadeiramente vazias e também mortas, e tinha sido Sula quem lhes tinha sugado a vida e Jude quem lhe tinha despedaçado o coração e os dois quem a tinha deixado sem coxas nem coração, só com o cérebro a desfiar-se.” (pp. 78-81)

Nissen (1999) classifica a sequência como “(...) an intermixture of psychonarration with snatches of narrated monologue but quickly turns into quoted monologue” (Nissen; 1999:272). O termo “psiconarração” é definido por Genette (1988), em referência a Dorrit Cohn (1978), como “(...) the analysis of a character's thoughts taken on directly by the narrator (...)” (Genette; 1988:58). No caso desta sequência, o que pretendo destacar é o facto de — para além da psiconarração e do discurso indireto livre, assumindo a forma de monólogo interior —, existir um outro tipo de sequência de texto,

---

<sup>55</sup> O termo “focalizador” é definido como “(...) filtro quantitativo e qualitativo que rege a representação narrativa.” (Reis e Lopes; 1987:164). Ao descreverem esta técnica literária, os autores referem que na focalização da ação o “(...) que está em causa não é, pois, estritamente aquilo que a personagem vê, mas de um modo geral o que cabe dentro do alcance do seu campo de consciência, ou seja, o que é alcançado por outros sentidos, para além da visão, bem como o que é já conhecido previamente e o que é objecto de reflexão interiorizada.” (*Idem*)

<sup>56</sup> Por motivos de extensão, apenas incluo o início e o fim da sequência.

a citação, em discurso direto ao longo de toda a sequência<sup>57</sup>. Isolado por aspas das outras modalidades de discurso no texto de partida, indicação gráfica mantida no texto de chegada, o discurso direto nesta sequência retrata pensamentos de Nel, frases proferidas por Sula e pelos filhos de Nel, sendo que, em todas as sequências, é usado o discurso padrão. Mesmo as sequências que representam a oralidade se encontram em SE e não em AAE, como se poderia esperar. Desta forma, Nel, enquanto elemento focalizador, “filtra” o discurso das outras personagens, conferindo-lhe uma complexidade e uma fluência maiores do que seria de esperar de tais personagens, podendo levantar-se a hipótese de que tal particularidade se possa dever às características e técnicas literárias utilizadas pela autora.

O último exemplo relativo a Nel engloba-se na categoria de monólogo interior, que se encontra, linguisticamente, na forma de discurso direto, descrevendo o pensamento de Nel, através do seu discurso interior:

184) a) “And what am I supposed to do with these old thighs now, just walk up and down these rooms? What good are they, Jesus? They will never give me the peace I need to get from sunup to sundown, what good are they, are you trying to tell me that I am going to have to go all the way through these days all the way, O my god, to that box with four handles with never nobody settling down between my legs even if I sew up those old pillow cases and rinse down the porch and feed my children and beat the rugs and haul the coal up out of the bin even then nobody, O Jesus, I could be a mule or plow the furrows with my hands if need be or hold these rickety walls up with my back if need be if I knew that somewhere in this world in the pocket of some night I could open my legs to some cowboy lean hips but you are trying to tell me no and O my sweet Jesus what kind of cross is that?” (p.111)

b) “O que é suposto eu fazer com estas velhas coxas agora, limito-me a andar para trás e para a frente nestas divisões? Para que me servem elas, Jesus? Nunca me vão dar a tranquilidade de que preciso do nascer ao pôr do sol, para que me servem elas, estás a tentar dizer-me que eu vou ter de passar por tudo isto, do princípio ao fim, oh, meu Deus, até àquela caixa

---

<sup>57</sup> Ver sequência completa no texto de partida e no texto de chegada.

com quatro pernas sem que nunca ninguém se acomode entre as minhas pernas, mesmo que eu cosa aquelas fronhas velhas e lave o alpendre e alimente os meus filhos e bata nos tapetes e puxe o carvão da caixa e, então, ninguém, oh, Jesus, eu poderia ser uma mula ou lavrar os regos com as minhas mãos, se necessário, ou suportar estas paredes instáveis com as minhas costas, se necessário, se soubesse que algures, neste mundo, no fundo de uma qualquer noite, eu poderia abrir as minhas pernas para uma qualquer anca esguia de um *cowboy*, mas tu estás a tentar dizer-me não e oh, meu Senhor Jesus, que cruz será esta?” (p.82)

Uma vez mais, apesar de a sequência acima estar em discurso direto, escrita na primeira pessoa, encontra-se em SE e não em AAE, ao contrário do que se poderia esperar de Nel. Tal como referi em relação à sequência anterior, pode especular-se sobre o motivo para a existência de um discurso interior e exterior para Nel, sendo que, na descrição de monólogo interior, Reis e Lopes (1987:230) referem que este

É um discurso sem ouvinte, cuja enunciação acompanha as ideias e as imagens que se desenrolam no fluxo de consciência das personagens. [...] (...) o monólogo interior apresenta uma estrutura elíptica, sincopada, por vezes caótica: a expressão espontânea de conteúdos psíquicos no seu estado, embrionário não se compadece com uma articulação lógica, racional.

A “expressão espontânea” dos pensamentos da personagem ocorre, no exemplo (184), com uma fluidez sintática, um uso reduzido de pontuação e uma grande liberdade de associações lexicais, características apontadas por Reis e Lopes (1987) ao monólogo interior. No entanto, este discorrimento de ideias não invalida o uso de um léxico complexo, fora do comum, e de uma associação intrincada de ideias.

À semelhança das duas últimas sequências, passo, neste ponto do trabalho, a apresentar sequências textuais que correspondam ao discurso interior de Sula. A primeira sequência pertence ao capítulo 1939:

185) a) *“If I take a chamois and rub real hard on the bone, right on the ledge of your cheek bone, some of the black will disappear. It will flake away into the chamois and underneath there will be gold leaf. I can see it shining through the black. I know it is there...[...]*

*I will water your soil, keep it rich and moist. But how much? How much water to keep the loam moist? And how much loam will I need to keep my water still? And when do the two make mud?” (pp. 130-131)*

b) *“Se eu pegar numa camurça e esfregar com muita força no osso, mesmo na saliência da maçã do teu rosto, um pouco do negro desaparecerá. Lascar-se-á para a camurça e, por baixo, haverá talha dourada. Consigo vê-la a brilhar através do negro. Sei que está lá...[...]*

*Regarei a tua terra, mantendo-a rica e húmida. Mas quanta? Quanta água para manter a argila húmida? E de quanta argila precisarei para manter a minha água parada? E quando é que as duas criam lama?” (pp. 96-97)*

Encontrando-se em discurso direto, o excerto do exemplo (185) está em discurso padrão. Em termos de forma, tanto no texto de partida como no texto de chegada, estas sequências, que representam o pensamento de Sula, encontram-se isoladas da narração através da utilização de itálico, inserindo-se, portanto, entre a narração. Tendo em conta estes dois tipos de sequência, forma-se assim no texto uma estrutura “narração-pensamento”. Em termos de desenvolvimento da ação, permitem ao leitor aceder ao que a personagem está a pensar naquele preciso momento, verificando-se uma alternância entre um tipo de narração na primeira pessoa, do ponto de vista da personagem, e um outro tipo de relato da ação a partir de outro agente narrativo, o narrador, no outro tipo de sequência.

O último exemplo que pretendo apresentar nesta secção faz parte do mesmo capítulo, 1939, e corresponde a um outro tipo de sequência, a citação das palavras de Sula, que se estende por três parágrafos:

186) a) “Sula stood with a worn slip of paper in her fingers and said aloud to no one, “I didn't even know his name. And if I didn't know his name, then there is nothing I did know and I have known nothing ever at all since the one thing I wanted was to know his name so how could he help but leave me since he was making love to a woman who didn't even know his name.

“When I was a little girl the heads of my paper dolls came off, and it was a long time before I discovered that my own head would not fall off if I bent my neck. I used to walk around holding it very stiff because I thought a strong wind or a heavy push would snap my neck. Nel was the one who told me the truth. But she was wrong. I did not hold my head stiff enough when I met him and so I lost it just like the dolls.

“It's just as well he left. Soon I would have torn the flesh from his face just to see if I was right about the gold and nobody would have understood that kind of curiosity. They would have believed that I wanted to hurt him just like the little boy who fell down the steps and broke his leg and the people think I pushed him just because I looked at it.” (pp. 136-137)

b) “Sula ficou parada com um pedaço de papel usado nos dedos e disse, em voz alta, para ninguém, “Eu nem sequer sabia o nome dele. E, se eu não sabia o nome dele, então, não há nada que eu soubesse ou alguma vez tivesse sabido, já que a única coisa que eu queria era saber o nome dele, logo, como poderia ele não me deixar, uma vez que estava a fazer amor com uma mulher que nem sequer sabia o nome dele.

“Quando eu era criança, as cabeças das minhas bonecas de papel rasgavam-se e demorou muito tempo até eu descobrir que a minha própria cabeça não se iria rasgar se dobrasse o pescoço. Costumava caminhar com a cabeça muito direita porque pensava que um vento forte ou um empurrão com força me partiria o pescoço. Era Nel quem me dizia a verdade. Mas ela estava enganada. Não mantive a cabeça suficientemente direita quando o conheci e, por isso, perdi-a, tal como aconteceu às bonecas.

“Ainda bem que ele se foi embora. Em pouco tempo, ter-lhe-ia arrancado a carne do rosto só para ver se tinha razão quanto ao dourado e ninguém teria percebido este tipo de curiosidade. As pessoas teriam acreditado que eu o queria magoar, tal como ao rapazinho que caiu pelos degraus e partiu a perna e que as pessoas pensaram que eu empurrei só porque olhei para ele.” (pp. 100-101)

Assumindo a forma de monólogo, a citação encontra-se integrada no texto e demarca-se através da utilização de aspas. Toda a sequência, que se inicia com ““I didn't even know

his name (...)”” (Morrison; 2005:136), se encontra em discurso padrão, mesmo sendo uma representação da oralidade da personagem, contrastando, assim, com outro tipo de sequência da mesma personagem noutros pontos da narrativa, designadamente, o “diálogo”. Estas características tornam esta sequência singular nesse aspeto, uma vez que, apesar de as palavras serem verbalizadas pela personagem, são o enunciado dos pensamentos dessa mesma personagem num dado momento. No texto de chegada, foi mantido o mesmo tipo de discurso e os mesmos indicadores gráficos.

A presente secção serve para atestar o facto de que um tipo de sequência de texto como o “pensamento” pode ser equiparável a outro tipo de sequência como a “narração”, uma vez que funciona também como agente narrativo. Muitas vezes, estes dois tipos de sequência estão interligados. Qualquer forma que assumam, independentemente da denominação literária que tenham, as sequências em discurso padrão apresentadas são processos de enunciação narrativa que se distinguem uns dos outros por terem características linguísticas e literárias diferentes, mas que, no fundo, têm o mesmo fim, sendo apenas executados de forma diferente.

A utilização, por parte de Morrison, de técnicas literárias como a corrente de consciência pode ser apontada como consequência natural da tradição literária modernista, em geral, e da tradição literária modernista norte-americana, em particular. Autores como William Faulkner já haviam recorrido a esse tipo de técnicas em obras, como, por exemplo, *As I Lay Dying*. Nessa obra narrada a várias “vozes”, por vários narradores, que são, ao mesmo tempo, personagens, Ross (1979) aponta que as mesmas sequências são descritas de forma diferente, por exemplo, uma representando a “oralidade”, e, outra, a “consciência”. Em cada uma é utilizado um tipo de discurso diferente, sendo usado, na “narração” mental dos acontecimentos, o discurso padrão, e, nas interações verbais, o discurso não padrão. Inúmeras vezes, o discurso interior e o discurso exterior da mesma personagem encontram-se desfasados, não só pelas variedades linguísticas empregadas, mas também pelo léxico usado, assim como pelo carácter poético conferido, maioritariamente, ao discurso mental das personagens na obra.

### 6.3 Discurso não padrão

As últimas secções do presente capítulo terão como propósito apresentar os critérios seguidos e os resultados obtidos no processo de tradução das sequências em que é utilizado, em *Sula*, um discurso não padrão, ou seja, em que é utilizado o AAE. O discurso utilizando esta variedade não padrão do Inglês ocorre, na sua quase totalidade, nos dois tipos de sequência de texto ainda não analisados em pormenor, “diálogo” e “citação”.

No âmbito da tradução do AAE, para se chegar à proposta de tradução para as sequências textuais em que é usada esta variedade do Inglês no texto de partida, foi necessário definir e seguir processos tradutórios que tivessem em consideração a estratégia de tradução adotada, ou seja, a compensação. Na apresentação dos critérios seguidos na tradução destas sequências, farei também referência à adoção de uma perspectiva estrangeirizante para a tradução ao optar-se por uma estratégia de tradução como a compensação.

Partindo do pressuposto acima, apresentarei a correspondência que foi possível estabelecer entre os traços característicos do AAE e aqueles que caracterizam o PA, a forma como se procedeu sempre que não se revelou possível estabelecer essa correspondência e as soluções que foi preciso encontrar para a introdução de outro tipo de características compensatórias. Por se ter procurado respeitar os aspetos literários, linguísticos e sociolinguísticos do texto original, os exemplos que apresentarei encontram-se divididos por fenómenos genéricos e fenómenos específicos. Tal divisão tem como objetivo facilitar a leitura dos dados e melhor demonstrar a fidelidade e a sistematicidade almejadas no processo tradutório de sequências textuais não padrão. Assim, num primeiro momento, o foco serão as soluções linguísticas e tradutórias encontradas para a tradução do discurso não padrão como um todo. Num segundo momento, o objetivo será demonstrar como a interação verbal pode ser influenciada por fatores como o contexto ou a idade das personagens e mostrar a forma como estes aspetos foram tratados na tradução.

Todo o trabalho desenvolvido a nível das sequências em que se usa um discurso não padrão, assim como em relação a qualquer outra sequência textual da obra

traduzida, teve como propósito primordial manter a fidelidade em relação ao texto original, procurando-se, ainda assim, produzir um texto de chegada o mais fluente quanto possível para o presumível leitor.

### **6.3.1 Correspondência entre African American English e Português de Angola**

No momento em que um tradutor decida proceder à tradução de um texto literário, após a análise do texto de partida, os problemas de tradução com que se poderá deparar podem ser, entre outros, não só de ordem literária, mas também de ordem histórica, cultural e, naturalmente, linguística. Para além disso, elementos, como, por exemplo, as línguas de partida e de chegada, e a proximidade ou distanciamento entre elas, o momento histórico-cultural em que o tradutor executa a sua tarefa, as diversas normas vigentes à data e as práticas tradutórias que se antecederam e aquelas em vigor num dado momento, para além de políticas editoriais, são, todos eles, fatores que influenciam grandemente o ato da tradução.

Na análise de uma obra como *Sula*, de uma perspetiva tradutória, o uso criativo e estilístico da linguagem no texto de partida constituiu um dos maiores problemas de tradução, que se revelou ainda mais evidente a nível da variação linguística. Dito isto, passo, agora, a apresentar o processo que orientou a tradução das sequências em discurso não padrão, que se iniciou com a primeira análise global do romance e que culminou com a integração do texto produzido para esse tipo de discurso na proposta de tradução de que resulta este relatório.

A utilização de uma variedade não padrão como o AAE em determinadas sequências textuais coloca um problema que pode ser encarado de várias formas, conforme foi mencionado na secção em que foram apresentados os processos e as estratégias de tradução para variedades não padrão. A minha decisão de manter alguns dos marcadores linguísticos do texto original e de optar por uma estratégia como a compensação deveu-se ao facto de considerar ser esta a solução de tradução mais adequada aos tipos de sequência de texto em questão, não só por permitir uma maior fidelidade e proximidade com o texto de partida, mas também por já ter sido esta a

estratégia escolhida na tradução de, pelo menos, mais uma obra de Morrison para Português Europeu (embora, neste caso, tenha sido implementada de uma forma diferente, como foi referido atrás).

À semelhança do processo de tradução de qualquer texto, foi necessário proceder-se a uma análise linguística das sequências textuais em discurso não padrão do texto de partida. Esta análise contemplou aspetos sintáticos, morfossintáticos, semânticos e fonológicos. Os problemas de tradução que o AAE colocou em cada uma destas áreas da Linguística podem categorizar-se em diferentes níveis. Por um lado, os problemas gramaticais relacionados com as regras, fenómenos e princípios linguísticos subjacentes à Sintaxe e à Morfologia do AAE puderam ser solucionados com o estudo dessa variedade linguística, visto que, apesar de existirem diferenças relativamente ao SE, o AAE continua a ser uma variedade do Inglês. Por outro lado, os problemas de Semântica que a utilização ocasional de termos e fraseologias próprias do Inglês sulista poderia levantar puderam ser supridos através da consulta de recursos lexicais como dicionários monolíngues, por exemplo. Relativamente à Fonologia, os padrões produzidos funcionavam, em grande parte, como representação de marcas da oralidade. Como referi nas secções anteriores do relatório, no caso do texto de chegada a produzir em matéria de discurso não padrão, a escolha de uma outra variedade do Português que não o PE recaiu sobre o PA. O PA apresentava os fenómenos gramaticais que mais se aproximavam dos do AAE, para além do facto de existir, hipoteticamente, uma ligação destas duas variedades a línguas africanas.

Como já foi referido atrás, a existência de uma variedade não padrão no texto de partida e o recurso a uma variedade do Português com características análogas ou semelhantes para recriar um efeito equivalente, tanto quanto possível, no texto de chegada, podem incluir-se numa perspetiva estrangeirizante do processo de tradução, em oposição a uma solução mais domesticante, como, por exemplo, a normalização.

Nos Estudos de Tradução, o binómio domesticação-estrangeirização foi, historicamente, explorado por vários teóricos, partindo-se, inicialmente, das ideias exploradas por Schleiermacher (1816) de que, no ato da tradução, o tradutor pode:

(...) choose between a domesticating practice, an ethnocentric reduction of the foreign text to receiving cultural values, bringing the author back home, and a foreignizing practice, an ethnodeviant pressure on those values to register the linguistic and cultural differences of the foreign text, sending the reader abroad. (Venuti; 2008:15)

Tendo em conta estes dois métodos, com a escolha de uma abordagem estrangeirizante, a tentativa pode ser, por exemplo, de reconstituir, através do texto de chegada, o possível efeito que o uso de uma variedade linguística não padrão possa ter no leitor do texto original. Uma tradução estrangeirizante expressa as diferenças presentes num texto escrito noutra língua, desviando-se do sistema de normas linguístico-culturais da língua de chegada, para proporcionar, assim, uma experiência de leitura não normativa. Relativamente a essa experiência de leitura, Venuti (2008:19-20) refere que a estrangeirização “(...) does not offer unmediated access to the foreign – no translation can do that – but rather constructs a certain image of the foreign (...)”.

Considerando as ideias apresentadas acima, o recurso a uma variedade do Português como o PA para construir, ou reconstruir, o efeito das marcas linguísticas da obra original não ocorreu através da transposição total das marcas características do AAE. O mesmo se pode dizer em relação ao efeito conferido por outro tipo de marcas presentes no texto de partida, como, por exemplo, marcas características da oralidade. Essa decisão adveio do facto de que, caso se optasse por uma transposição total, nem todas as marcas poderiam ser sempre reproduzidas, sendo que, nos casos em que isso fosse possível, essa solução conferiria à tradução das sequências textuais manipuladas um efeito de estranheza, de agramaticalidade, em último caso, adulterando o propósito original de assinalar a diferença no discurso de determinadas personagens sem nunca o tornar ininteligível. Esse tipo de prática iria, igualmente, contra o propósito de uma estratégia como a compensação, que não implica a manipulação de todas as sequências nem de todos os marcadores linguísticos. A não transposição integral de marcas linguísticas é, também, consequência da primazia dada a aspetos estilísticos.

Por outro lado, não houve a preocupação de que, nas sequências em causa do texto de chegada, estivessem presentes sistematicamente marcas específicas do PA, razão pela qual outros elementos foram também usados na compensação. Não faria

sentido, pela perda de referências culturais e a incoerência que tal implicaria, usar sistematicamente esta variedade africana do Português, quando a história narrada na obra traduzida se passa nos EUA. Assim, o objetivo ao usar o PA como um ponto de referência para a tradução das sequências em que, no texto de partida, era usado o AAE foi sobretudo o de marcar o discurso como não padrão, o de manter no texto de chegada o reconhecimento, pelo leitor, da coexistência de diferentes variedades da língua, sendo este um elemento tão importante na obra traduzida.

A nível da estratégia de compensação e dos tipos de compensação, segui dois dos procedimentos documentados por Hervey e Higgings (1992), apresentados anteriormente. Os autores referem, em primeiro lugar, a possibilidade de usar outras formas linguísticas para recriar o mesmo efeito, ainda que, neste caso específico, se tenha optado por outras formas de natureza semelhante, sempre que possível. Em segundo lugar, é mencionado que o local onde a compensação da perda pode ocorrer pode ser diferente do de origem. Tendo em conta estes fatores, a eleição da estratégia de compensação é legitimada pelo facto de, no texto de partida, nem todas as sequências em discurso não padrão apresentarem, sistematicamente, traços do AEE, sendo que, na mesma interação verbal, verificam-se casos em que uma fala de uma personagem apresenta esses traços, ao passo que, noutra, já não se verificam marcadores linguísticos dessa variedade. Desta forma, a manipulação das sequências textuais não padrão pôde ocorrer de forma mais livre, a nível do local da compensação, até mesmo por as diferenças entre as línguas de partida e de chegada, e pela estratégia de compensação, enquanto solução tradutória holística, o exigirem.

Passo, agora, a apresentar a tabela elaborada com as correspondências estabelecidas entre AAE e PA, seguindo-se uma análise que terá como função justificar as decisões tomadas nesta matéria:

Tabela 3

	Tipo de verbo/Característica linguística	Tipo de frase	Fenômeno	Fenômeno correspondente	Observações	Notas			
Sintaxe	Principal	Declarativa	Forma invariável (ausência de concordância)	Ausência de concordância sujeito-verbo, nominal ou adjetival	N/A	N/A			
	Auxiliar: "be"	N/A	Elipse do sintagma verbal	N/A					
		N/A	Forma invariável (ausência de concordância)	Ausência de concordância sujeito-verbo, nominal ou adjetival					
		N/A	Função enfática	N/A					
		Declarativa	Forma nula	Omissão do verbo "ser" ou "estar"					
		Interrogativa	Forma nula	Omissão do verbo "ser" ou "estar"					
		Interrogativa	Ausência da inversão sujeito-auxiliar	N/A					
	Auxiliar: "have"	N/A	Forma invariável (ausência de concordância)	Ausência de concordância sujeito-verbo, nominal ou adjetival					
		N/A	Elipse do sintagma verbal	N/A					
		N/A	Função enfática	N/A					
		Declarativa	Forma nula	Omissão do verbo "haver"					
	Verbo auxiliar/Operador negativo: "ain't"	N/A	Forma nula	Omissão do verbo "haver"			Omissão do verbo "ser" ou "estar"	N/A	Existe, em <i>Sula</i> , a forma nula do verbo "will", em conjunto com o verbo "be" como verbo principal. Tem a função de explicar a diferença entre a omissão do verbo "will" e o facto de o verbo "be" poder ser um verbo de operação aspetual.
		Interrogativa	Ausência da inversão sujeito-auxiliar	N/A					
	Auxiliar (modal): "would"	Declarativa	Abreviatura "d"	N/A	N/A	N/A			
	Operação aspetual: "be"	N/A	Forma invariável	N/A					
		Operação aspetual: "BIN"	N/A	N/A					
	Operação aspetual: "da"	N/A	N/A	N/A					
		Concordância negativa	Declarativa	Concordância negativa			Omissão do operador negativo	Operador negativo 1 (verbo auxiliar) + operador negativo 2 (pronom indefinido)	
	Construções existenciais com "it" e "dey"	Declarativa	N/A	N/A			N/A	N/A	Não existe em <i>Sula</i> . Tem a função de explicar a diferença entre a omissão do verbo "will" e o facto de o verbo "be" poder ser um verbo de operação aspetual.
		Declarativa	N/A	N/A			N/A	N/A	Não existe em <i>Sula</i> . Foi incluído por poder ocorrer com "BIN"; "bin".
Morfologia, Morfossintaxe e Fonologia	Passado e sufixos "-ed" e "-en" em verbos regulares e irregulares	Declarativa	Supressão do morfema "-ed" e simplificação do cluster de consoantes final	Supressão de segmentos finais (infinitivo e plural)			Pode ocorrer no "simple past", "past participle", "present simple" e "present perfect"	N/A	
		N/A	Hipergeneralização da regra de formação do passado através da marca do passado "-ed"	Hipergeneralização do paradigma regular dos verbos			N/A	N/A	
		N/A	Leitura adjetival devido ao morfema "-en"	Construção passiva sintática			A forma do "past participle" é igual à forma do adjetivo	N/A	N/A
	Marcação do genitivo	Declarativa	Substituição dos pronomes pessoais pelos pronomes possessivos	Padrões de colocação de pronomes clíticos	N/A	N/A	Em <i>Sula</i> : o pronome pessoal "they" substitui o respetivo pronome possessivo "their".		
		N/A	Não obrigatoriedade do elemento morfossintático "s" em contextos de marcação do caso genitivo	N/A	N/A	N/A	N/A		
	Padrões fonológicos	N/A	N/A	Contração ou redução	N/A	N/A	N/A		
				Aglutinação					
				Supressão de segmentos finais (infinitivo e plural)					
				Metátese					
	Contrações e reduções	N/A	N/A	Contração ou redução	N/A	N/A	N/A		
Aglutinação									
Supressão de segmentos finais (infinitivo e plural)									
Metátese									

Na tabela acima, estão apresentadas dezassete (17) correspondências diretas – em termos do tipo de fenómeno linguístico – entre traços característicos do AAE e traços característicos do PA. A nível sintático e morfossintático, todas as características específicas do AAE e do PA foram apresentadas anteriormente. Não se estabeleceu uma correspondência entre todas as características das duas variedades, pelo facto de alguns fenómenos do AAE não ocorrerem em *Sula*, apesar da sua relevância na literatura da especialidade. Por conseguinte, nestes casos, não foi necessário encontrar fenómenos correspondentes em PA. Noutros casos, não foi, efetivamente, possível estabelecer uma correspondência entre as duas variedades linguísticas. Por fim, é de assinalar que, a nível fonológico, o vasto escopo dos padrões fonológicos do original não permitiu estabelecer associações diretas com fenómenos análogos no PA, tendo-se recorrido aos quatro tipos de fenómeno fonológico apresentados na tabela, e analisados previamente, para reproduzir padrões da mesma natureza.

As últimas duas secções deste relatório de projeto têm o propósito de demonstrar a forma como a estratégia de compensação foi aplicada, através da apresentação de exemplos para cada um dos fenómenos que serviram de base à tradução das sequências em que é usado discurso não padrão. Na secção “Fenómenos genéricos”, apresentarei dez (10) fenómenos, ao passo que, na secção “Fenómenos específicos”, abordarei cinco (5) fenómenos, destacando a importância do contexto em que se encontravam as personagens e da sua idade para a sistematicidade na atribuição do mesmo tipo de fenómeno à mesma personagem, caso tal se exigisse. Neste mesmo âmbito, mencionarei o uso do discurso padrão na oralidade e outras questões de uso linguístico associado a determinadas personagens. Em último lugar, apresentarei as conclusões finais a que cheguei, em relação ao processo de manipulação textual, à contabilização das alterações realizadas e dos casos em que não foi possível proceder a qualquer mudança nos tipos de sequência de texto “diálogo” e “citação”.

### **6.3.2 Fenómenos genéricos**

Nesta secção, “Fenómenos genéricos”, apresentarei dez (10) fenómenos usados na manipulação das sequências de texto em discurso não padrão. Todos os fenómenos desta secção têm um carácter genérico na medida em que não se associam, especificamente, a uma dada personagem, sendo, assim, usados transversalmente em

toda a obra. Há, contudo, seis (6) destes fenómenos que se podem encarar como a transposição de marcas usadas, tipicamente, na oralidade, e realizadas lexicalmente em cada uma das sequências manipuladas para este propósito. De modo a melhor apresentar cada fenómeno, procedi à seguinte divisão:

- Ausência de concordância sujeito-verbo
- Ausência de concordância nominal
- Padrões de colocação de pronomes clíticos
- Omissão do verbo “ser” ou “estar”
  
- Omissão da preposição “de”, em contextos em que deve ocorrer em PE padrão
- Omissão da preposição “em”, em contextos em que deve ocorrer em PE padrão
- Supressão do som inicial do verbo “estar”
- Transposição de marcas de oralidade no verbo “estar”
- Uso da forma “na” em vez de “não” (na tradução de “*ain't*”)
- Contração ou redução

Desta forma, as primeiras quatro (4) soluções de tradução estão associadas à correspondência entre fenómenos do AAE e do PA, ao passo que as últimas seis (6) correspondem a características linguísticas próprias da oralidade, ainda que cada um dos fenómenos retratados tenha as suas próprias especificidades. Passo, então, a apresentar exemplos que ilustram cada uma das soluções encontradas, pela mesma ordem, ou, simultaneamente, caso haja sobreposição de fenómenos:

- 187) a) “The pains started on Suicide Day and kept up till the following Sunday. Was borned on Sunday. All my boys is Sunday boys.” (pp. 15-16)
- b) “As *dor* começaram no Dia do Suicídio e continuaram até ao domingo seguinte. O bebé nasceu no domingo. Os *meu miúdo nasceu* todos ao domingo.” (p. 10)

O exemplo (187) é referente ao diálogo de duas personagens sobre o nascimento do filho de uma delas. Na primeira frase da sequência textual apresentada em (187b), “*As dor* começaram no Dia do Suicídio e continuaram até ao domingo seguinte”, a manipulação do texto relaciona-se com a ausência de concordância nominal, dado que o determinante concorda em género com o nome, mas não em número. Em seguida, na terceira frase do exemplo, “*Os meu miúdo nasceu* todos ao domingo.”, para além de ter recriado a mesma ausência de concordância nominal da primeira frase, optei, igualmente, por alterar a sequência de forma a que se verificasse uma ausência de concordância sujeito-verbo, conforme acontecia no texto de partida. Se se comparar a terceira frase da tradução com a frase correspondente do original, em (187a), “*All my boys is Sunday boys.*”, ocorre o mesmo tipo de fenómeno, dado que é usada a forma singular “*is*”, do verbo “*be*”, com um sujeito plural. Na segunda frase da sequência do original, “*Was borned on Sunday*”, “O bebé nasceu no domingo”, na tradução, não foi possível proceder a qualquer alteração, apesar do uso da forma “*borned*”, que assinala um uso não padrão da língua, por ser usada uma forma hipergeneralizada para formar o *past participle* e não a forma “*born*”, conforme aconteceria em SE. Porém, neste caso específico, a forma verbal conjugada, “nasceu”, serviu de base à ausência de concordância sujeito-verbo da terceira frase, através da sua replicação, num contexto de sujeito plural. Ao analisar-se as frases dos exemplos (187a) e (187b), apenas um dos fenómenos é replicado no mesmo local, o da ausência de concordância sujeito-verbo, tendo-se procedido à inserção de outro tipo de fenómenos, como o da ausência de concordância nominal, para conferir à sequência textual da tradução outro tipo de marca de variação linguística. Quanto à não sistematização dos padrões linguísticos produzidos pelo facto de o enunciado pertencer à mesma personagem, essa não se exigia por não se produzirem também, sistematicamente, os mesmos padrões no texto de partida.

O terceiro fenómeno usado na alteração do discurso não padrão na tradução relaciona-se com os padrões de colocação de pronomes clíticos:

188) a) “*Didn't I tell you?*” (p. 47)

b) “*Não disse-te?*” (p.34)

189) a) “*I disremember how long ago.*” (pp.115-116)

b) “*Já não lembro-me há quanto tempo.*” (p.85)

Nos dois exemplos, (188) e (189), apesar da presença dos elementos atratores de próclise “não”, em (188b), e “já” e “não”, em (189b), as sequências textuais foram manipuladas de modo a que o pronome clítico se apresentasse em posição pós-verbal. No caso de (188a), não existe nenhum aspeto próprio do AAE. Em (189a), o termo “*disremember*” é usado no Inglês sulista, informalmente, e tem o mesmo significado de “*forget*”, “esquecer”, em Português. Apesar das diferenças nos dois exemplos, a solução foi produzir, em ambos os casos, o mesmo padrão enclítico no texto de chegada, ainda que não existisse um fenómeno correspondente no texto de partida em nenhum dos casos. Em todas as situações em que introduzi, na tradução, padrões de colocação de pronomes clíticos contrários aos do PE, conforme ocorre, muitas das vezes, em PA, a manipulação textual ocorreu sempre em sequências em que não havia correspondência direta entre fenómenos.

A quarta solução relativa à correspondência entre fenómenos do AAE e do PA, em termos de fenómenos genéricos, é a omissão do verbo “ser” ou “estar”<sup>58</sup>:

190) a) “He just wild with me.” (p. 57)

b) “*Muito* bruto comigo.” (p. 41)

191) a) “White man running it—nothing good.” (p. 102)

b) “*Um* branco a tomar conta daquilo — não há nada de bom.” (p. 75)

Em (190a), ocorre a forma nula do verbo “*be*”, sendo que a forma “*is*” não é realizada lexicalmente na frase entre o pronome “*he*” e o advérbio “*just*”. Em (191a), verifica-se a omissão do determinante “*a*” no início da frase, que, a ocorrer, antepor-se-ia ao adjetivo “*white*”. Em ambos os casos, se não se tivesse procedido à manipulação do texto de forma a omitir o verbo “ser”, a sua forma conjugada, “é”, ocorreria no início de cada frase, ainda que com um papel diferente: em (190), teria como sujeito o pronome “*he*”, e, em (191), o sujeito seria impessoal. Conforme se procedeu em sequências análogas às dos dois exemplos aqui apresentados, a solução de omitir o verbo “ser” foi dos poucos casos em que foi possível transpor o mesmo tipo de fenómeno na mesma sequência,

---

<sup>58</sup> Embora esta solução se refira aos verbos “ser” e “estar”, pelo facto de, na tradução do verbo “*be*”, se empregar, habitualmente, um desses dois verbos em Português, todos os casos em que estabeleci esta correspondência se referem ao verbo “ser” e às suas formas.

pelo facto de, em nenhum dos casos, haver alteração do sentido da frase, conferindo-lhe, no entanto, um carácter diferenciador.

A maioria das seis (6) soluções de tradução correspondentes a características próprias da oralidade tem a ver com fenómenos linguísticos que ocorrem, habitualmente, no discurso oral informal, ou, a ocorrerem num texto literário, escrito, funcionam, normalmente, como elemento representativo da fala de uma personagem.

Começo, então, pela apresentação de exemplos que retratam casos de omissão das preposições “de” e “em” (para além de outros aspetos que possam conter):

192) a) “OK, but make sure it ain't on Suicide Day. I ain't 'bout to be listening to no cowbells whilst the weddin's going on.” (p. 16)

b) “ESTÁ BEM, mas certifica-te *só que na* calha no Dia do Suicídio. É que *na tou pa* ficar a ouvir badalos durante o casamento.” (p. 11)

193) a) “You need... I'm a tell you what you need.” (p. 92)

b) “Precisas... vou-te *dizer que* é que precisas.” (p. 67)

194) a) “Like I say, he was just cuttin' up as usual when Miss Sula Mae walks by on the other side of the road.” (p. 116)

b) “Como *tava a dizer, no momento qu'ele tava* a fazer as palhaçadas habituais, passa a Menina Sula Mae Peace do outro lado da estrada.” (p. 86)

Por motivos de regência verbal, em PE, a preposição “de” é selecionada por alguns verbos, como é o caso dos verbos “certificar-se” e “precisar”. Assim, nesta matéria, o processo de manipulação textual nos exemplos (192b) e (193b) efetuou-se através da omissão da preposição “de”, em contextos em que deve ocorrer em PE. Do mesmo modo, em (194b), a omissão da preposição “em”, no mesmo tipo de contexto, é uma das formas de assinalar a variação linguística. No caso específico de (194b), caso não tivesse sido omitida, a preposição “em” faria parte do adjunto adverbial de tempo iniciado por “no momento em que”. Comum aos três exemplos ((192) a (194)) é o facto de este tipo de omissão se poder verificar não só em PA (Manuel; 2015), mas também em PE, estando, porém, na variedade europeia do Português, mais associada à oralidade e a um uso informal.

A terceira característica que atribuo à representação de marcas características da oralidade refere-se à supressão do som inicial do verbo “estar”. Por se tratar de fenómenos muito próximos, apresentarei também, em seguida, a quarta característica, relativa à transposição de marcas de oralidade no verbo “estar”:

195) a) “You sure was a long time delivering that baby. How long was you in labor?”

(p. 15)

b) “*Tiveste* mesmo muito tempo *pa* dares à luz. Quanto tempo *tiveste* em trabalho de parto?” (p. 10)

196) a) “Like she smellin' you with her eyes and don't like your soap.” (p. 117)

b) “Como se *tivesse* a cheirar alguém com os olhos e não gostasse do sabão.” (p. 86)

Em (195b), procedi à supressão do som inicial (correspondente a “es-”) da forma “estiveste”, do verbo “estar”. Nas duas formas verbais manipuladas no exemplo, o verbo encontra-se conjugado na 2.<sup>a</sup> pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Com esta manipulação do verbo, a forma obtida, “tiveste”, continua a estar realizada na mesma pessoa, tempo e modo, apesar de ser, agora, idêntica à forma correspondente do verbo “ter”. Em (196b), realizei o mesmo tipo de alteração, sendo que, neste caso, a forma verbal obtida, “tivesse”, se encontra no pretérito imperfeito do conjuntivo, forma igual à do verbo “ter”, no mesmo tempo e modo. Em ambos os exemplos, nas formas manipuladas, apesar de, com a alteração, a forma obtida passar a corresponder, também, à forma de um verbo diferente, a pessoa, tempo e modo continuam a ser os mesmos. Por conseguinte, pode concluir-se que, em ambos os casos, continua a estar presente o verbo “estar”, embora numa forma que resulta de uma supressão no início da palavra (aférese). Após a supressão, a forma que resulta (“tiveste”, em (195), e “tivesse”, em (196)) é idêntica à forma de um verbo diferente, o verbo “ter”, facto que não impede, contudo, a compreensão da frase. Passo, agora, a apresentar casos em que houve a transposição de marcas de oralidade no verbo “estar”:

197) a) “I ain't 'bout to be listening to no cowbells whilst the weddin's going on.” (p. 16)

b) “É que *na tou pa* ficar a ouvir badalos durante o casamento.” (p. 11)

- 198) a) “What you think you doin', gal?” (p. 20)  
b) “O que é que pensas que *tás* a fazer, moça?” (p. 14)

- 199) a) “What was you doin' back in there?” (p. 21)  
b) “O que é que *tavas* a fazer lá atrás?” (p. 14)

Ao analisar-se os exemplos (197) a (199) em conjunto, verifica-se que, nos três casos, ocorre a supressão do som inicial (correspondente a “es-”) da forma conjugada do verbo “estar”: em (197b), “*tou*” corresponde à forma reduzida de “estou” (1.<sup>a</sup> pessoa do singular do presente do indicativo); em (198b), “*tás*” é a redução de “estás” (2.<sup>a</sup> pessoa do singular do presente do indicativo); em (199b), “*tavas*” é a forma mais curta de “estavas” (2.<sup>a</sup> pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo). Aqui, verifica-se o mesmo padrão que no fenómeno anterior, em relação à supressão da primeira sílaba, que, nestes três casos, tal como no fenómeno anterior, tem como propósito representar a oralidade e as suas reduções, no âmbito das conjugações verbais.

Em Inglês, o termo “*ain't*” pode ter a função sintática de verbo auxiliar ou de operador negativo. Independentemente disso, optei por traduzir o termo “*ain't*” pelo termo “na”<sup>59</sup>, por este corresponder à redução do advérbio de negação “não”, mantendo o valor negativo da frase:

- 200) a) “If you ain't got the right change he cussin' you.” (p. 116)  
b) “Quem *na* tiver o dinheiro certo é ofendido com palavrões.” (p. 86)

Conforme se atesta no exemplo (200b), o termo “*ain't*” é traduzido pela expressão “na”. Na maioria dos casos, procedi à manipulação da tradução nesse sentido, contudo, em algumas sequências, acabei por traduzir “*ain't*” por “não” ((201)), “nem” ((202)) ou “mais” ((203)), pelo facto de, em algumas situações, o contexto da sequência de texto em questão exigir o uso de um termo com um carácter mais enfático de negação (como em (201), ou em (202), em que o uso de “nem” permite de forma adequada a tradução de “*ain't even*”), ou de um termo com um papel de elemento intensificador (como em (203), em que o uso de “mais” permite a tradução de “*ain't never*” para “nunca mais”):

---

<sup>59</sup> Pelo facto de ter usado a forma “nã” na tradução de “*naw*”, para “*ain't*”, optei pelo uso de “na”, de forma a diferenciar os dois fenómenos.

201) a) “You think I don't know what your life is like just because I ain't living it?” (p. 143)

b) “Achas que só lá por não viver a tua vida não sei como ela é?” (p. 105)

202) a) “I bet you ain't even missed Tar Baby, have you?” (p.132)

b) “Aposto que ainda nem deste *p'la* falta do Tar Baby, pois não?” (p. 97)

203) a) “I ain't never coming down,” (p. 60)

b) “Eu nunca mais vou descer” (p. 44)

Apesar de ter usado formas diferentes na tradução de “*ain't*”, conforme referi, quase sempre usei a forma “na” como termo correspondente. Quando comparado com outros, este foi o único fenómeno que foi possível reproduzir de forma mais ou menos sistemática, tornando-o a marca linguística com mais elevado número de transposições no texto de chegada, no mesmo local de ocorrência no texto de partida. A nível de uso, a forma “*ain't*” é empregada não só por falantes de AAE, mas também, em contextos informais, por pessoas que usam, no seu dia a dia, as várias variedades nacionais do Inglês.

O sexto e último fenómeno genérico relativo à oralidade que pretendo apresentar nesta secção é o processo de contração. O uso da contração de uma determinada forma linguística com outra no texto de chegada teve como principal objetivo conferir às sequências manipuladas características específicas, quer fosse para procurar recriar alterações fonológicas semelhantes às produzidas em AAE, quer aspetos linguísticos que se associam, tipicamente, à oralidade como um todo. A manipulação do texto ocorreu caso a caso, tendo-se procedido à contração de determinadas palavras:

204) a) “Sho is hot, and I been runnin' around all day.” (p. 35)

b) “*Tá* mesmo calor, e tenho andado a correr *d'um* lado *po* outro o dia todo.” (p. 26)

205) a) “You don't know how old he was when he come here and neither do the teacher.” (p. 39)

b) “Mas não sabe *qu'idade* é que ele tinha quando veio *pr'aqui*, e a professora também não.” (p. 29)

206) a) “You settin' here with your healthy-ass self and ax me did I love you?”

(p. 68)

b) “*Tás* aqui sentada, com esse teu corpinho saudável, e perguntas-me *s'eu t'amava?*” (p. 51)

Como se pode constatar pelos exemplos, verificam-se procedimentos diferentes nalguns dos casos. O exemplo (204) apresenta a contração das formas “de+um” (“*d'um*”) e “para+o” (“*po*”). Em relação à contração da preposição “para” com o artigo “o”, foi usada a forma anteriormente apresentada na secção relativa às características específicas do PA. No caso de “*pr'aqui*” (“pra+aqui”), em (205), recorri à forma já contraída “pra”, reduzindo-a a “pr”, de modo a formar um único item lexical com o advérbio “aqui”. No caso da preposição “de” com o artigo indefinido “um”, procedi à supressão da vogal “e”, em “de”, marcando graficamente a supressão com o apóstrofo. Procedi do mesmo modo nos restantes casos. Em (205) e (206), efetuei o mesmo tipo de manipulação relativamente às formas “*qu'idade*” (“que+idade”) e “*s'eu t'amava*” (“se+eu” e “te+amava”). Aqui, suprimi a vogal “e” das conjunções “que” ((205)) e “se” ((206)), e do pronome pessoal “te” ((206)). Transversal é o facto de a vogal ter sido suprimida na primeira palavra, independentemente da sua categoria, e sempre que a segunda palavra começasse, igualmente, por uma vogal. Foi este o procedimento seguido nestes e noutros casos, ao longo das sequências em discurso não padrão.

A produção de novos padrões fonológicos teve como objetivo introduzir, no texto de chegada, padrões que resultassem de alterações semelhantes às que ocorriam no texto de partida, quer se relacionassem diretamente com o AAE, quer fossem apenas a representação de marcas de oralidade. Exemplo disso são formas como “*runnin*”, em (204), ou “*settin*”, em (206). Para além destas, não contando com formas verbais que podem surgir, habitualmente, contraídas, ao longo da obra, existiam inúmeros casos de redução de palavras de várias categorias, conforme se verifica nas expressões “*talkin' 'bout*” e “*just 'cause*”, em “I was talkin' 'bout something else” e “Just 'cause you got it good now you think it was always this good?” (Morrison; 2005:68).

No texto de partida, o mesmo item lexical poderia apresentar-se, numa sequência, numa forma reduzida, podendo não se encontrar reduzido noutra sequência. Pelo facto de não haver sistematicidade nas alterações fonológicas produzidas a este nível, a manipulação das sequências no texto de chegada não ocorreu em palavras

correspondentes, pela diferença entre línguas, podendo ter ocorrido ou não na mesma sequência, pela ausência de sistematicidade nas formas produzidas.

### 6.3.3 Fenómenos específicos

Na última secção do presente relatório de projeto, “Fenómenos específicos”, apresentarei cinco (5) fenómenos específicos que foram usados, durante o processo de tradução, para marcar a ocorrência de discurso não padrão no texto de chegada. Três (3) destes fenómenos enquadram-se na correspondência direta entre marcas do AAE e do PA, sendo que os restantes dois (2) são fenómenos que existem, efetivamente, em PA, mas em que não se estabelece uma correspondência com um fenómeno análogo no AAE. Seguem-se os fenómenos que apresentarei nesta secção:

- Ausência de concordância adjetival
- Metátese
- Supressão de segmentos finais
  
- Introdução do prefixo “des-” em formas que não o recebem
- Substituição das formas acusativas dos pronomes (“o(s)”, “a(s)”) por formas dativas (“lhe(s)”)

Para além dos cinco (5) fenómenos acima, apresentarei, paralelamente, aspetos linguístico-literários que se associam, no texto de partida, a determinadas personagens. Por conseguinte, apesar de ter a intenção de apresentar as soluções de tradução pela ordem acima, retomarei, igualmente, a análise personagem a personagem das secções “Formas de tratamento no original e na tradução” e “Discurso padrão”, para demonstrar a pertinência de fatores como o contexto ou a idade na interação verbal.

É importante ressaltar que a associação de fenómenos específicos a uma dada personagem teve a finalidade de conferir, ao discurso não padrão por ela utilizado, aspetos linguísticos particulares que se pudessem articular com os fatores de variação linguística referidos, marcando, por esse motivo, a diferença no seu discurso relativamente ao discurso de outras personagens, tal como acontece no texto de partida.

Especificamente no âmbito da variação linguística associada ao contexto e à idade, abordarei, também, a alternância entre discurso padrão e discurso não padrão por parte de algumas personagens, seguindo-se, em último lugar, a apresentação das conclusões finais.

Os dois primeiros fenómenos específicos são apresentados no exemplo (207) e encontram-se associados a uma personagem específica, Eva:

207) a) “It was such a carryin' on to get him born and to keep him alive. Just to keep his little heart beating and his little old lungs cleared and look like when he came back from that war he wanted to git back in. After all that carryin' on, just gettin' him out and keepin' him alive, he wanted to crawl back in my womb and well...” (p. 71)

b) “Foi um esforço tão grande *pa qu'ele* nascesse e *po* manter vivo. Só *pa* que o coraçãozinho dele continuasse a bater e *pa* que os pulmõezinhos dele *continuasse limpo*, e parecia que, quando regressou daquela guerra, ele *queira* voltar a entrar. Depois de tanto esforço *pa* que saísse e se mantivesse vivo, ele *queira* gatinhar de volta *pa* dentro do meu ventre e isso...” (p. 53)

208) a) “Who would know that better than you?” (p. 169)

b) “Quem saberá melhor do que tu?” (p.125)

209) a) “I want to know who you been talking to.” (p. 169)

b) “Quero saber com quem é *qu'andou* a falar.” (p. 125)

210) a) “Plum. Sweet Plum. He tells me things.” (p. 169)

b) “O Plum. O meu querido Plum. Ele conta-me coisas.” (p. 125)

Em (207b), na frase “Só *pa* que o coraçãozinho dele continuasse a bater e *pa* que os pulmõezinhos dele *continuasse limpo*, e parecia que, quando regressou daquela guerra, ele *queira* voltar a entrar.”, manipulei o texto no sentido de introduzir os fenómenos de ausência de concordância adjetival e metátese. A ausência de concordância adjetival estabeleceu-se entre as palavras “pulmõezinhos” e “limpo”, não fazendo a concordância em número entre o nome “pulmõezinhos”, no plural, e o adjetivo “limpo”, que ocorre no singular. A metátese ocorreu através da troca de posição entre o segmento vocálico e o segmento consonântico no verbo conjugado na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo, “queria”, resultando na forma gráfica “queira”, que corresponde, ao mesmo tempo, à forma conjugada na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular do presente do conjuntivo do mesmo verbo, “querer”. Embora, neste caso, o processo de metátese não seja evidente devido ao facto de a forma obtida existir gramaticalmente, correspondendo somente a um tempo e a um modo diferentes do mesmo verbo, tal não invalida a intenção de conferir uma marca de diferença ao discurso da personagem na medida em que tal forma não seria a empregada neste tipo de construção frásica em PE. Globalmente, estes dois fenómenos ficaram mais associados à personagem Eva, já que, no caso da ausência de concordância adjetival, o número total de ocorrências recaiu sobre as interações verbais desta personagem, e, no caso da metátese, é Eva que produz o maior número de ocorrências deste fenómeno. Porém, estes fenómenos foram introduzidos nas sequências de texto correspondentes ao discurso não padrão de Eva por esta personagem ser das personagens com um maior número de interações verbais ao longo da obra e por, por tal facto, se proporcionar a manipulação do texto em termos de diversidade de fenómenos inseridos e de quantidade de ocorrências.

Os exemplos (208) a (210) correspondem à parte final de um diálogo entre Eva e Nel, no capítulo 1965. Nesta sequência, verifica-se a alternância de códigos linguísticos relativamente às duas personagens no texto de partida, comparativamente ao início do diálogo. Por um lado, Nel usa, nas primeiras interações da conversa, o SE, como é exemplo a frase “You've got a pretty room, a real pretty room, Miss Peace.” (Morrison; 2005:168), “Tem um quarto jeitoso, um quarto muito jeitoso, Menina Peace.” (p. 124), no texto de chegada. Por outro, em resposta ao comentário de Nel, Eva formula a pergunta em AAE, “You eat something funny today?” (*Idem*), “Comeste alguma coisa

estranha hoje?”<sup>60</sup> (p. 124), na tradução. Desta forma, a fala de Nel em (209) assinala um momento de mudança de um discurso padrão para um discurso não padrão, como legitima a forma nula do verbo “*have*” do exemplo (“(...) *you Ø been* (...)”). Por sua vez, em (210), Eva estabelece a concordância sujeito-verbo entre o pronome “*he*” e a forma verbal “*tells*”, passando a usar o SE. Este excerto aponta para o “contexto”, e, em certa medida, para a “idade” como dois dos fatores de variação linguística, sendo que, neste caso específico, antes da alternância de discursos, há duas alusões a uma mudança nos enunciados das personagens através das frases “For the first time her eyes looked sane.” (Morrison; 2005:169), em relação a Eva, e “Nel forced herself to speak normally.” (*Idem*), relativamente a Nel. É, possivelmente, o tom e o assunto da conversa que fazem com que a variedade linguística usada mude, facto reportado pelo narrador.

A supressão de segmentos finais corresponderá ao último fenómeno relativo à correspondência direta entre fenómenos do AAE e do PA. Apresentá-lo-ei em conjunto com o fenómeno da introdução do prefixo “des-” em formas que não o recebem. Para ambos os fenómenos, recorrerei às falas da personagem “Chicken Little”, “Medricas”, na tradução, dado que abordarei esta questão à luz da variação linguística, com base num dos fatores de variação, a idade:

211) a) “Naw. Lemme go.” (p. 60)

b) “Nã. *Deslarga-me*.” (p. 44)

212) a) “I’m a tell my brovver.” (p. 60)

b) “Vou *contá* ao meu mano.” (p. 44)

213) a) “I’m a tell my brovver; I’m a tell my brovver.” (p. 60)

b) “Vou *contá* ao meu mano; vou *contá* ao meu mano.” (p. 44)

Em (211a), a expressão “*lemme go*”, contendo a forma contraída “*lemme*”, correspondente à expressão “*let me*”, foi representada, em termos de compensação, através do uso da forma “*deslarga-me*”, em (211b). “Deslargar” é uma forma popular para o verbo “largar”, ao qual se associa o prefixo “des-”, não havendo, contudo, uma

---

<sup>60</sup> Esta é uma das muitas sequências textuais em discurso não padrão em que não foi possível transpor ou introduzir, no texto de chegada, nenhuma das marcas do AAE do texto de partida. Abordarei esta questão aquando da apresentação dos resultados relativos à contabilização das alterações realizadas.

mudança de sentido, para um sentido negativo ou contrário, conforme acontece regularmente com os verbos quando se associa este prefixo. No meu entendimento, a forma “deslargar” pode associar-se à forma de expressão de uma criança, que, por vezes, pode usar formas não normativas pelo facto de o seu processo de aquisição linguística se encontrar numa fase inicial ou ainda não estável, o que explica, neste caso, o uso indevido do prefixo “des-”.

Do mesmo prisma do uso da linguagem na infância, o segundo fenómeno que pretendo apresentar é o processo de supressão de segmentos finais, relativamente à supressão da consoante “-r” de verbos no infinitivo. Em (212b), recorri a uma das características do PA ao suprimir o “-r” do infinitivo, obtendo-se, na tradução, a nova forma “*contá*”. Uma vez mais, considero que esta forma se pode associar a uma fala “infantilizada”, que, neste caso, é adequada tendo em conta a tenra idade da personagem. Em (213), pelo facto de Nel e de Sula estarem a imitar Medricas, procedi à transposição integral da fala dessa personagem, conforme acontece no original. Os três exemplos foram retirados do capítulo 1922. No capítulo 1939, na sequência “We need some medicine.” (Morrison; 2005:129), “Precisamos *tomá* alguma coisa.” (p. 95), na tradução, procedi da mesma forma em relação ao discurso dos “deweys”, que são personagens descritas pelo narrador como crianças que nunca cresceram. Se se tiver em conta toda a tradução, os dois fenómenos aqui apresentados foram sempre introduzidos em sequências de texto em que não havia, no texto de partida, nenhum fenómeno correspondente, mas que, da perspectiva da variação linguística, fazia sentido ocorrerem no texto de chegada.

O último fenómeno específico que pretendo apresentar é o da substituição das formas acusativas dos pronomes “o(s)” e “a(s)” por formas dativas, “lhe(s)”. Sem correspondência com um fenómeno análogo em AAE, este é um fenómeno que ocorre em PA. Associei este fenómeno à personagem Sula. Passo, então, a apresentar dois exemplos deste processo de manipulação das sequências do discurso não padrão de Sula no texto de chegada:

214) a) “Leave him 'lone, Nel.” (p. 59)

b) “*Deixa-lhe* estar, Nel.” (p. 43)

215) a) “No. I put her out.” (p. 99)

b) “Não. *Mandei-lhe* embora.” (p. 73)

Se se retomar a cronologia da secção “Opções de tradução para *Sula*”, no momento da enunciação da frase do exemplo (214), Sula encontra-se com 12 anos (capítulo 1922). A frase do exemplo (215) insere-se num momento posterior da obra (capítulo 1937), em que a personagem já tem 27 anos. Apesar da diferença de idade nestes dois momentos, o padrão linguístico produzido é o mesmo: em (214), há a substituição do pronome pessoal “o” (“deixa-o”) com a função de complemento direto pelo dativo “lhe” (“deixa-lhe”); em (215), ocorre o mesmo fenómeno (“mandei-lhe”), mas em relação ao pronome “a” (“mandei-a”), aqui, portanto, com outro referente. Neste caso, a questão da idade como fator de variação pode ser encarada de uma forma diferente dos fenómenos anteriores: manteve-se o mesmo padrão ao longo dos anos. A decisão de atribuir este fenómeno específico a uma determinada personagem é semelhante ao motivo pelo qual associei outros fenómenos a Eva, conforme referi e justifiquei nesse ponto do relatório. Porém, neste caso específico, esta foi realmente uma das formas que encontrei para marcar a variação no discurso de Sula de forma consistente ao longo da obra, até pelo facto de o tipo de fenómenos produzidos em AAE que se apresentavam no texto de partida serem produzidos de forma relativamente consistente nas sequências em discurso não padrão, ainda que não de forma sistemática em termos de personagens.

Na última parte de análise da presente secção, antes da apresentação dos dados quantitativos do processo de manipulação da tradução, pretendo abordar algumas sequências de texto adicionais, que se incluem no tipo de sequência “diálogo” ou “citação”, e que apresentam algumas particularidades a nível da variação.

Por motivos de fidelidade ao texto original, um dos aspetos que pretendi manter no processo de manipulação da tradução foi a distinção que existia entre discurso padrão e discurso não padrão na oralidade das personagens. Tendo já abordado anteriormente a interação verbal entre Eva e Nel, passo, agora, a tratar os diálogos de Nel e Helene, em interações que as envolvem apenas a elas, ou em interações delas com outras personagens. No capítulo 1920, existem quatro diálogos nos quais Helene

participa: Helene e revisor<sup>61</sup>, Helene e Mulher Negra ((216)), Helene e Rochelle ((217)), e Helene e Nel ((218) e (219)):

216) a) “Is there somewhere we can go to use the restroom?” (p. 23)

b) “Há algum sítio onde possamos ir e usar os sanitários?” (p. 16)

217) a) “We been three days on the train with no chance to wash or...” (p. 26)

b) “*Tivemos* três dias no comboio e não nos pudemos lavar nem...” (p. 19)

218) a) “No. That was your great-grandmother. This is your grandmother. My... mother.” (p. 25)

b) “Não. Essa era a tua bisavó. Esta é a tua avó. A minha... mãe.” (p. 18)

219) a) “But she looks so young.” (p. 25)

b) “Mas ela parece tão nova.” (p. 18)

Categorizo o exemplo (216) como uma sequência de texto em que é usado o discurso padrão devido ao contexto. Helene dirige-se a uma mulher negra para lhe fazer uma pergunta e, possivelmente por estar a interagir socialmente com uma pessoa desconhecida, adapta o seu discurso de acordo com o contexto, tal como acontece noutros momentos. Por sua vez, noutra interação do mesmo capítulo, a mesma personagem alterna entre códigos linguísticos, do SE para o AAE, como ilustra o exemplo (217), quando se dirige a Rochelle<sup>62</sup>. Ocorre o processo inverso, do AAE para

---

<sup>61</sup> Este diálogo foi abordado anteriormente (exemplo (180)) no âmbito das formas de tratamento e do registo. Nessa análise, foi também tratada a questão da variação linguística à luz de um dos fatores de variação, o contexto.

<sup>62</sup> Em frases como “*Vrai?*” e “*Comment t'appelle?*”, ou na expressão “*chere*” (Morrison; 2005:26), Rochelle expressa-se em Francês. Pelo facto de o uso da língua francesa caracterizar a personagem e por motivos de fidelidade ao texto de partida, optei por não traduzir estas marcas do seu discurso. Outro tipo de marcas como o termo “*purty*” (op.cit.: 47), expressão regional sinónima de “*pretty*”, foi traduzida pela

o SE, quando Helene fala para Nel, em (218). Assim, de acordo com o interlocutor, a variedade linguística empregada por Helene difere, sendo que, em relação ao diálogo com Nel, o fator responsável pela variação é a idade. Em (218), pode especular-se que o uso do discurso padrão usado para Helene se dirigir a Nel, que, neste ponto da obra, tem 10 anos de idade, possa dever-se à importância de esta adquirir a capacidade de comunicar em SE. Consequentemente, o comentário de Nel, em (219), não apresenta nenhum traço característico do AAE.

No que diz respeito à variação linguística resultante do contexto, identifiquei, ao longo do romance, outras sequências do texto de partida que se encontravam em SE e que, tendo em conta a personagem, representavam uma mudança na variedade habitualmente por ela utilizada, o AAE. Deste grupo de personagens, identifiquei duas sequências textuais em que Sula parece empregar, intencionalmente, o SE: 1) quando se dirige a quatro rapazes brancos, no seguimento de um momento de confronto em que corta o próprio dedo, no capítulo 1922 (Morrison; 2005:54-55); 2) quando, no capítulo 1937 (Morrison; 2005:103-104), argumenta, em tom de ironia, que os problemas raciais que um negro teria de enfrentar não seriam tão graves como Jude os queria fazer parecer. Jude responde-lhe, igualmente, em SE, podendo, também, identificar-se marcas da oralidade em ambas as sequências. Por último, atribuo o uso do SE como consequência do contexto ao diálogo que se estabelece no prólogo da obra entre o escravo e o senhor, em que ambas as personagens usam exclusivamente o discurso padrão (Morrison; 2005:5), e ao diálogo entre Chadrac e o enfermeiro, no capítulo 1919 (Morrison; 2005:9).

Nos casos em que parece ocorrer o processo de *code-switching* na alternância entre o uso de diferentes variedades do Inglês (AAE e SE, ou, vice-versa), por parte de algumas personagens, apesar de os motivos por mim apontados para essa alternância serem hipotéticos, isso não invalida o facto de existir, objetivamente, uma diferença linguística entre sequências textuais conforme o momento do texto, a qual tentei manter ao longo de toda a tradução da obra.

Passo, em seguida, à apresentação e comentário dos resultados relativos ao processo de manipulação textual dos tipos de sequência de texto “diálogo” e “citação”:

---

expressão “*benita*”, assinalando-se, no texto de chegada, a diferença em relação à palavra “bonita” através do itálico.

Tabela 4

Fenômeno	Número de ocorrências nas sequências de texto “diálogo” e “citação” (contabilização por frase)	Observações	Notas
Ausência de concordância sujeito-verbo	8	Qualquer verbo	Fenômenos com correspondência existente entre AAE e PA
Ausência de concordância nominal (determinante (pl) e nome (sg))	5	N/A	
Ausência de concordância adjetival (nome (pl) e adjetivo (sg))	2		
Omissão do verbo “ser” ou “estar”	8		
Omissão do verbo “haver”	0		
Omissão do verbo “ser”, “estar” ou “haver”	0		
Omissão do operador negativo	0		
Construção dupla negativa em posição pré-verbal	0		
Construções passivas sintáticas	0		
Hipergeneralização do paradigma regular dos verbos	0	2.ª e 3.ª conjugações: todos os tempos, modos e pessoas	
Padrões de colocação de pronomes clíticos	7	Posição contrária à do PE	
Supressão de segmentos finais: supressão “-r” (verbos no infinitivo)	4	Verbos e palavras de outras categorias	
Supressão de segmentos finais: supressão “-s” (plural)	0	N/A	
Supressão de segmentos finais: supressão de segmentos plurais	0		
Contração ou redução	95		
Aglutinação	0		
Metátese	6		
Discurso padrão	139		N/A
Introdução do prefixo “des-” em formas que não o recebem	2	N/A	Fenômenos existentes em PA, sem correspondência em AAE
Substituição das formas acusativas dos pronomes (“o(s)”, “a(s)”) por formas dativas (“lhe(s)”)	8		
Supressão do som inicial do verbo “estar”	13		
Transposição de marcas de oralidade no verbo “estar”	80		
Omissão de preposições em contextos em que devem ocorrer em PE padrão: “de”	7		
Omissão de preposições em contextos em que devem ocorrer em PE padrão: “em”	1		
Uso da forma “na” em vez de “não” (na tradução de “ain’t” <sup>63</sup> )	29		
Introdução de fenômenos sem correspondência direta (localização)	168	N/A	Outras informações
Sequências textuais não padrão mantidas em discurso padrão por questões literárias/linguísticas	207		
Sequências textuais em discurso padrão por contexto	48		
Sequências textuais em discurso padrão por idade	66		
Sequências textuais mantidas em Francês por questões literárias	7		

A análise da tabela acima permite chegar a várias conclusões em relação ao processo de manipulação da tradução. Se, por um lado, se encontram listados vinte e quatro (24) fenômenos linguísticos no total, por outro, apenas quinze (15) desses fenômenos foram usados na alteração dos tipos de sequência em questão. Dezassete

<sup>63</sup> Ainda que o uso da forma “ain’t” corresponda a um dos fenômenos do AAE, é também, como já foi referido atrás, uma forma usada informalmente em várias variedades nacionais do Inglês. Deste modo, visto que considero que a respetiva opção de tradução, “na”, é, igualmente, uma forma empregada informalmente em Português, na contabilização das alterações realizadas, incluí o termo “ain’t” num outro campo.

(17) desses fenómenos surgiam como fenómenos com correspondência direta entre AAE e PA, porém, desses, foram usados apenas oito (8). A impossibilidade de uso de um maior número de fenómenos com correspondência, por motivos linguístico-literários, fez surgir a necessidade de encontrar outro tipo de fenómenos linguísticos para suprir essa mesma carência, o que levou à utilização de uma estratégia tradutória de compensação, com o objetivo de obter, no texto de chegada, um efeito globalmente semelhante ao que é criado no texto de partida.

Conforme foi referido na apresentação dos fenómenos genéricos e específicos, em conjunto com a contração ou a redução, as sete (7) características adicionais que foram usadas tiveram a finalidade de conferir ao discurso das personagens marcas próprias da oralidade ou outro tipo de traços linguísticos que marcassem a diferença do seu discurso em relação ao discurso padrão.

O facto de fenómenos tipicamente associados ao AAE, como, por exemplo, o uso de construções negativas distintas das do SE, assim como construções frásicas com formas nulas ou invariáveis, e o fenómeno ocasional da hipergeneralização da regra de formação do passado, não poderem ser recriados, ou terem sido recriados em pequeno número através de fenómenos análogos, levou à introdução de outro tipo de características compensatórias que permitiram salvaguardar a necessidade de conferir, ao texto de chegada, marcas linguísticas não padrão.

O processo de compensação é, também, evidente pelo facto de, em duzentas e sete (207) frases em discurso não padrão, não ter sido possível realizar qualquer alteração. Desta forma, das duzentas e setenta e cinco (275) alterações introduzidas, cento e sessenta e oito (168) manipulações da tradução ocorreram em sequências sem correspondência direta, em termos de localização, no texto de partida. Tendo em conta que, nalgumas sequências, foram efetuadas várias alterações, é seguro dizer-se que, em cerca de três quartos (3/4) das sequências de texto manipuladas, os fenómenos linguísticos que marcaram o uso de uma variedade não padrão da língua não ocorreram na sequência de partida equivalente. Assim, pode concluir-se que a compensação da perda de várias marcas linguísticas do texto de partida ocorreu maioritariamente num diferente momento do texto de chegada, como é habitual quando se usa esta estratégia tradutória.

Um outro aspeto interessante que é possível retirar da análise da tabela (4) é o facto de cerca de três quartos (3/4) das sequências de texto em discurso padrão correspondentes à oralidade das personagens resultarem de dois fatores responsáveis pela variação linguística, o contexto e a idade. Assim, as personagens, devido à influência destes fatores, expressavam-se em SE e não em AAE. Em termos numéricos, a soma das sequências em discurso padrão por idade ou por contexto é de cento e catorze (114), sendo o total de todas as sequências de texto correspondentes a diálogos ou citações de cento e trinta e nove (139). Por conseguinte, cerca de três quartos (3/4) das sequências estavam em discurso padrão, no texto de partida, por motivos pragmáticos e de utilização deste fenómeno para a caracterização das personagens e/ou das situações. No texto de chegada, todas estas sequências foram mantidas em PE, sem que se tenha procedido à introdução de marcas específicas do PA ou de marcas de oralidade.

O objetivo primordial da proposta de tradução de que resulta este relatório de projeto foi sempre o de manter as referências literárias e culturais, bem como todos os aspetos que se relacionassem com o estilo de Morrison ou com as técnicas literárias por ela empregadas. Através de uma abordagem estrangeirizante à tradução, em geral, e, às sequências de texto representativas da oralidade, em particular, o intuito de usar, holisticamente, a estratégia da compensação, e de aplicá-la na tradução das sequências em que é usado discurso não padrão teve o propósito de preservar o “dialeto literário” criado pela autora, reconstruindo-o, ou recriando-o, com recurso a características não normativas do PE, ou outras, de outra variedade do Português, neste caso, o PA. Como foi já deixado claro atrás, ainda que o PA tenha servido de ponto de partida para algumas das manipulações feitas ao texto de chegada, a ideia nunca foi, naturalmente, a de que o leitor identificasse as personagens como falantes dessa variedade do Português, já que, dessa forma, se estaria a desvirtuar o valor cultural, linguístico e, em última análise, literário da obra, produzindo-se um efeito incoerente em termos linguísticos e culturais. A referida reconstrução teve como base a ideia, defendida, por exemplo, por Azevedo (2003), de que um dialeto literário vive do equilíbrio entre variedades padrão e não padrão. Ao marcar, sempre que necessário, e possível, o discurso como não padrão, o objetivo foi o de que o leitor reconhecesse a existência de diferentes variedades da língua ao longo do texto.

Acredito que, desta forma, foi possível preservar o caráter fragmentário dos vários “discursos” da obra, nos vários tipos de sequência identificados, bem como o diálogo que existia entre eles, característica fundamental do romance de Morrison e que, devido a todas as *nuances*, por si só, deu origem à reflexão desenvolvida sobre a prática de tradução de variedades não padrão na tradução literária de que resulta o presente relatório.

## **Conclusão**

O presente trabalho de projeto constitui um comentário à proposta de tradução que lhe serve de base. Desta forma, antes de passar às considerações finais, parece-me pertinente descrever as fases do trabalho desenvolvido até à conclusão deste projeto por terem sido, possivelmente, atípicas.

Tipicamente identificado como um trabalho desenvolvido em duas fases, designadamente, realização de uma tradução e posterior elaboração do respetivo relatório, a génese, elaboração e conclusão deste projeto prolongou-se, na realidade, por cinco fases: 1) tradução de todas as sequências textuais em discurso padrão; 2) processo de escrita das secções mais teóricas e outras relativas à tradução do discurso padrão; 3) tradução das sequências textuais em discurso não padrão; 4) manipulação das sequências textuais em discurso não padrão; 5) processo de escrita das secções referentes à manipulação das sequências textuais em discurso não padrão e posterior análise dos dados e conclusões dela tiradas.

No que diz respeito à fase da manipulação da tradução, tendo em conta que parte do relatório foi concebido e estruturado com esse processo em mente, ainda antes dessa fase, chegou-se à conclusão de que seria necessário incluir também aspetos linguísticos que se relacionassem com a oralidade, de modo a tentar recriar alguns padrões do AAE presentes na obra original. Essa recriação ocorreu através da introdução de outro tipo de características compensatórias, partindo de características análogas ou semelhantes do PA, e da oralidade, dado que não seria possível alterar, sistematicamente, todos os marcadores linguísticos do texto de partida, sendo a ideia reproduzir o mesmo efeito no texto de chegada, não manipulando, no entanto, todas as sequências textuais. Esta constituiu uma das diferenças entre o que se esperava fazer e o que foi efetivamente possível fazer. Em simultâneo, o número de fenómenos que foi possível recriar foi menor do que se almejava inicialmente, no entanto, fez-se uso de outros fenómenos, nomeadamente, fonológicos, que serviram o mesmo propósito.

A sustentação de parte do processo de tradução e das opções tradutórias tomadas em aspetos sociolinguísticos pareceu fazer sentido pelo facto de vivermos em sociedade e de estes fatores influenciarem a língua e a linguagem usadas, para além de estarem presentes, efetivamente, em algumas sequências textuais da obra original. O não optar pela habitual estratégia de “normalização” do discurso para a tradução de sequências textuais não padrão, adotando-se uma perspetiva estrangeirizante para a manipulação dessas sequências, embora esse processo se tenha revelado muito trabalhoso, foi uma

forma de demonstrar fidelidade relativamente ao texto de partida. Com efeito, a não normalização do discurso em AAE permitiu não omitir um importante aspeto da obra, ou seja, o uso dos diferentes discursos, e o jogo que existia entre eles, que é, a par de todos os motivos, metáforas, ou de qualquer outro recurso estilístico, uma das características que contribuem, equitativamente, para o valor literário da obra, facto que já havia sido reportado por Nissen (1999) e Gyetvai (2006).

Com efeito, o grande foco do presente trabalho foi a análise e a tradução dos diferentes “discursos”. Outras estratégias que não a normalização já parecem estar a ser aplicadas na tradução literária de variedades não padrão, designadamente, em algumas traduções recentes de obras de Toni Morrison. Essas traduções já apresentam alguns traços de variação linguística, através da compensação de determinados aspetos, sendo esta também a abordagem por mim adotada. Embora não possa afirmar, com certeza, a que se deve a frequente normalização do discurso não padrão, que pode também resultar de políticas editoriais, a crença hipotética de que a presença de marcas de variação na versão portuguesa dificultaria a leitura do texto de chegada pode ser refutada, dado que, para o leitor do texto de partida, já existiam marcas de discurso não padrão na língua original, não impedindo isso a sua leitura. Para além disso, no caso de *Sula*, creio que os desafios literários colocados pela obra transcendem o tipo de variedade linguística usada para representar o discurso não padrão, que acredito ser acessível para um falante nativo de Inglês, ou um não nativo, com conhecimentos dessa língua. Considero que a presença de marcas não normativas na tradução de *Sula*, e de outras obras de Morrison, para Português permite ao leitor ficar mais próximo do “mundo” criado pela autora, no qual pode entrar através do conhecimento da língua e da cultura de partida.

A nível pessoal, a realização deste projeto fez-me compreender de uma forma mais evidente a complexidade da tarefa de tradução e a quantidade de conhecimentos e competências que o tradutor tem de convocar para realizar o seu trabalho de uma forma adequada. Neste caso concreto, em que estavam envolvidas questões relacionadas com a variação linguística e o uso de diferentes variedades da língua, a realização deste trabalho fez-me desenvolver competências de pesquisa e reflexão sobre aspetos de natureza sociolinguística, para além de aspetos literários e de outros aspetos relacionados com o processo tradutório.

Para finalizar, espero que este trabalho ajude quem o vier a ler no futuro a encontrar algumas respostas em relação à tradução de discursos não padrão, sendo

importante ressaltar que as soluções tradutórias que proponho resultam do método de trabalho estabelecido e encontrado para solucionar os problemas com que me deparei no processo de tradução desta obra específica. Desta forma, não excluo outras abordagens, tentando que este trabalho seja apenas um pequeno contributo para a tradução literária no par de línguas Inglês-Português, ou de outros pares de línguas, já que pretende ser, também, representativo de uma abordagem estrangeirizante da tradução, oferecendo, somente, uma possível solução de tradução prática para a tradução de uma variedade linguística não padrão, o AAE. Ainda que, a nível linguístico, o número de soluções práticas que encontrei em relação à tradução de variedades não padrão para Português tenha sido diminuto, focando-se mais em aspetos teóricos da mais variada ordem, toda a informação apresentada na literatura consultada das várias áreas de especialidade me ajudou a chegar à proposta de tradução para *Sula* e a construir, e concluir, o presente trabalho de projeto.

## **Bibliografia**

- Azevedo, Milton M. (2003). *Vozes em Branco e Preto: A Representação da Fala Não-padrão*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Baker, M. (org.). (2001) *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Abingdon: Routledge.
- Baratz, Joan C. (1967). Language and Speech Deficits in Culturally Disadvantaged Children: Implications for the Speech Clinician. *Journal of Speech and Hearing Disorders*, 32: 203–214.
- Benor, Sarah Bunin (2010). Ethnolinguistic Repertoire: Shifting the Analytic Focus in Language and Ethnicity. *Journal of Sociolinguistics*, 14: 151–183.
- Berman, Antoine (1996). *A Sociocritique of Translation: Theatre and Alterity in Quebec, 1968-1988*. [Prefácio]. Toronto: University of Toronto Press.
- Bíblia sagrada: a boa nova: tradução interconfessional do hebraico, do aramaico e do grego em português corrente*. (1993). Lisboa: Difusora Bíblica.
- Bonfiglio, Thomas Paul (2002). *Race and the Rise of Standard American*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Brasch, Walter M. (1981). *Black English in the Mass Media*. Amherst: University of Massachusetts Press.
- Cavalheiro, Lili (2008). Linguistic Variation in Subtitling for Audiovisual Media in Portugal. *Linguistica Antverpiensia*, 7: 17-28.
- Chavagne, Jean-Pierre (2005). *La langue portugais d' Angola*. Tese de doutoramento, Université Lumière Lyon 2, Lyon, França.
- Cintra, Luís F. Lindley (1986). *Sobre «Formas de Tratamento» na Língua Portuguesa* (2.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Livros Horizonte.
- Cohn, Dorrit (1978). *Transparent Minds: Narrative Modes for Presenting Consciousness in Fiction*. Princeton: Princeton University Press.
- Concise Oxford American Dictionary* (2006). Oxford: Oxford University Press.
- Cristino, Luciana (2007). *Bilingüismo e Code-switching: um estudo de caso*. Tese de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.

- Cunha, Celso e Cintra, Luís F. Lindley (1986). *Nova gramática do português contemporâneo* (3.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Cunha, Luís Filipe (2013). Aspeto. In Raposo, Eduardo Paiva, Nascimento, Maria Fernanda, Mota, Maria Antónia, Segura, Luísa, Mendes, Amália (orgs.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian: 585-619.
- Debose, Charles E. (2015). The systematic marking of tense, modality, and aspect in African American Language. In Lanehart, S. (org.). *The Oxford Handbook of African American Language*. Oxford: Oxford University Press: 371-386.
- Dimitrova, Brigitta Englund (1997) Translation of Dialect in Fictional Prose - Vilhelm Moberg in Russian and English as a Case in Point. In Norm, Variation and Change in Language. *Proceedings of the Centenary Meeting of the Nyfilologiska Sällskapet Nedre Manilla 22-23 March 1996*. Estocolmo: Almqvist and Wiksell International: 49-65.
- Duarte, Inês (2000). *Língua Portuguesa: Instrumentos de Análise*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Duarte, Inês (2003). A família das construções inacusativas. In Mateus, Maria Helena, Brito, Ana Maria, Duarte, Inês, Faria, Isabel Hub, Frota, Sónia, Matos, Gabriela, Oliveira, Fátima, Vigário, Marina, Villalva, Alina (orgs.). *Gramática da língua portuguesa* (5.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Editorial Caminho: 507-548.
- Faria, Isabel Hub (2003). O uso da língua, interacção verbal e texto. In Mateus, Maria Helena, Brito, Ana Maria, Duarte, Inês, Faria, Isabel Hub, Frota, Sónia, Matos, Gabriela, Oliveira, Fátima, Vigário, Marina, Villalva, Alina (orgs.). *Gramática da língua portuguesa* (5.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Editorial Caminho: 55-122.
- Faulkner, William. (1964). *As I Lay Dying*. Nova Iorque: Random House (Obra original publicada em 1930).
- Flexner, S. B. (coord.). (1993). *Random House unabridged dictionary* (2.<sup>a</sup> ed.). Nova Iorque: Random House.
- Fox, Susan (2012). Cockney. In A. Bergs e L. Brinton. (org.). *English Historical Linguistics: An International Handbook*. Berlim: Mouton de Gruyter: 231–257.
- Genette, Gérard (1998). *Narrative Discourse Revisited*. (J. F. Lewin, Trad). Ithaca: Cornell University Press.

- Gonçalves, Perpétua (2013). O Português em África. In Raposo, Eduardo Paiva, Nascimento, Maria Fernanda, Mota, Maria Antónia, Segura, Luísa, Mendes, Amália (orgs.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian: 157-178.
- Green, Lisa (1998b). Remote past and states in African-American English. *American Speech*, 73: 115–138.
- Green, Lisa (2002). *African American English: a linguistic introduction*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Green, Lisa e Sistrunk, Walter (2015). Syntax and Semantics in African American English. In Lanehart, S. (org.). *The Oxford Handbook of African American Language*. Oxford: Oxford University Press: 355-370.
- Grosjean, François (2010). Bilingual Life and Reality. *Harvard University Press* [base de dados online].
- Grosjean, François, Li, Ping, Bialystok, Ellen (2013). The Psycholinguistics of Bilingualism. *Wiley-Blackwell* [base de dados online].
- Gutt, Ernst-August (1991). *Translation and Relevance: Cognition and Context*. Oxford: Blackwell.
- Gyetvai, Eva (2006). The Figure Sula Makes: The Narrative Technique of Defragmentation. *49th Parallel*, 17.
- Harvey, Keith (1995). A Descriptive Framework for Compensation. *The Translator*, 1 (1): 65-86.
- Harvey, Keith (2001). Compensation. In M. Baker. (org.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Abingdon: Routledge: 37-40.
- Heredia, Roberto R. (1997). Bilingual Memory and Hierarchical Models: A Case for Language Dominance. *Current Directions in Psychological Science*, 6 (2): 34–39.
- Hervey, Sándor e Higgins, Ian (1992). *Thinking Translation: A Course in Translation Method: French to English*. Abingdon: Routledge.
- Holm, John (2004). *An Introduction To Pidgins And Creoles*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Hymes, Dell (1974). *Foundations in Sociolinguistics: An Ethnographic Approach*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press.
- Ives, Summer (1971). A Theory of Literary Dialect. In Williamson, Juanita. e Burke, Virginia M. (orgs.). *A Various Language: Perspectives on American Dialects*.
- Johnson, James Weldon (2004). Lift Every Voice and Sing. In *James Weldon Johnson: Writings*. Nova Iorque: Library of America: 874–875.
- Kendall, Tyler e Wolfram, Walt (2009). Local and External Language Standards in African American English. *Journal of English Linguistics*, 37: 5–30.
- Labov, William (1972). *Language in the Inner City: Studies in the Black English Vernacular*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press.
- Lanehart, S. (org.) (2015). *The Oxford Handbook of African American Language*. Oxford: Oxford University Press.
- Laviosa-Braithwaite, Sarah (1998). Universals of Translation. In Baker, M. (org.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Abingdon: Routledge: 288-291.
- Longman Dictionary of American English* (2009). Essex: Pearson Education Limited.
- Machado, J. (coord.) (1981). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Amigos do Livro.
- Manuel, Félix (2015). *Aspetos do português falado em Benguela*. Tese de mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Marcuschi, Luiz Antônio (2001). *Da fala para a escrita: atividades de retextualização* (3.<sup>a</sup> ed.). São Paulo: Cortez.
- Marques, Irene (1983). Algumas considerações sobre a problemática linguística de Angola. *Actas do Congresso sobre a Situação actual da Língua Portuguesa no Mundo*, I. Lisboa: 205-223.
- Mateus, Maria Helena, Falé, Isabel, Freitas, Maria João (orgs.) (2005). *Fonética e fonologia do português*. Lisboa: Universidade Aberta
- Mateus, Maria Helena, Brito, Ana Maria, Duarte, Inês, Faria, Isabel Hub, Frota, Sónia, Matos, Gabriela, Oliveira, Fátima, Vigário, Marina, Villalva, Alina (orgs.) (2003). *Gramática da língua portuguesa* (5.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Editorial Caminho.

- Matos, Gabriela (2003). Aspectos sintáticos da negação. In Mateus, Maria Helena, Brito, Ana Maria, Duarte, Inês, Faria, Isabel Hub, Frota, Sónia, Matos, Gabriela, Oliveira, Fátima, Vigário, Marina, Villalva, Alina (orgs.). *Gramática da língua portuguesa* (5.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Editorial Caminho: 767-793.
- Mendoza-Denton, Norma (2011). Individuals and communities. In R. Wodak., B. Johnstone., P. Kerswill. (org.). *The SAGE Handbook of Sociolinguistics*. Londres: SAGE Publications Ltd: 181-189.
- Meuter, R. F. I. e Allport, A. (1999). Bilingual Language Switching in Naming: Asymmetrical Costs of Language Selection. *Journal of Memory and Language*, 40 (1): 25–40.
- Meyerhoff, Miriam (2006). *Introducing sociolinguistics*. Abingdon: Routledge.
- Mills, Monique T. e Washington, Julie A. (2015). Managing Two Varieties: Code-Switching in the Educational Context. In Lanehart, S. (org.). *The Oxford Handbook of African American Language*. Oxford: Oxford University Press: 566-581.
- Morrison, Toni (1991). *Beloved*. Nova Iorque: Signet. (Obra original publicada em 1987).
- Morrison, Toni (2005). *Sula*. Londres: Vintage (Obra original publicada em 1973).
- Morrison, Toni (2009). *A Dádiva*. (F. Rodrigues, Trad). Lisboa: Editorial Presença (Obra original publicada em 2008).
- Morrison, Toni (2009). *A Mercy*. Londres: Vintage (Obra original publicada em 2008).
- Morrison, Toni (2013). *Home*. Londres: Vintage (Obra original publicada em 2012).
- Morrison, Toni (2015). *A nossa casa é onde está o coração*. (M. Madureira, Trad). Lisboa: Editorial Presença (Obra original publicada em 2012).
- Morrison, Toni (2015). *God Help the Child*. Londres: Vintage.
- Morrison, Toni (2016). *Deus ajude a criança*. (M. Madureira, Trad). Lisboa: Editorial Presença (Obra original publicada em 2015).
- Morrison, Toni (2018). *Beloved*. (M. de Andrade, Trad.). Lisboa: Editorial Presença (Obra original publicada em 1987).

- Myers-Scotton, Carol (2002). *Contact Linguistics: Bilingual Encounters and Grammatical Outcomes*. Oxford: Oxford University Press.
- Newmark, Peter. (1991). *About translation*. Clevedon: Multilingual Matters.
- Nida, E. A. e Taber, Charles R. (1969). *The Theory and Practice of Translation*. Leiden: Brill.
- Nissen, Axel (1999). Form Matters: Toni Morrison's *Sula* and the Ethics of Narrative. In *Contemporary Literature*, 40 (2): 264-285.
- Penny, Ralph (2000). *Variation and Change in Spanish*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Ramos Pinto, Sara (2009). *Traduzir no vazio: a problemática da variação linguística nas traduções de Pygmalion, de G. B. Shaw e de My Fair Lady, de Alan Jay Lerner*. Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Ramos, Vera Lúcia (2008). *A sivilização-civilização de Huckleberry Finn: uma proposta de tradução*. Tese de mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Raposo, Eduardo Paiva (2013). Estrutura da frase. In Raposo, Eduardo Paiva, Nascimento, Maria Fernanda, Mota, Maria Antónia, Segura, Luísa, Mendes, Amália (orgs.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian: 303-398.
- Raposo, Eduardo Paiva, Nascimento, Maria Fernanda, Mota, Maria Antónia, Segura, Luísa, Mendes, Amália (orgs.) (2013). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Reis, Carlos e Lopes, Ana Cristina (1987). *Dicionário de narratologia*. Coimbra: Almedina.
- Rickford, John R. e McNair-Knox, Faye (1994). Addressee and Topic-Influenced Style Shift: A Quantitative Sociolinguistic Study. In Biber, D. e Finegan, E. (orgs.). *Perspectives on Register: Situating Register Variation within Sociolinguistics*. Oxford: Oxford University Press: 235–276.
- Rosa, Alexandra Assis (2012). Translating Place: Linguistic Variation in Translation. *A Journal of Literary Studies and Linguistics*, 2 (2): 75-97.
- Rosemary, Courtney (1998). *Longman dictionary of phrasal verbs*. Essex: Longman.

- Ross, Stephen M. (1979). "Voice" in Narrative Texts: The Example of *As I Lay Dying*. In *PMLA*, 94 (2): 300-310.
- Schleiermacher, F. (1816). *Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens*. Berlin: Walter de Gruyter.
- Segura, Luísa (2013). Variedades dialetais do português europeu. In Raposo, Eduardo Paiva, Nascimento, Maria Fernanda, Mota, Maria Antónia, Segura, Luísa, Mendes, Amália (orgs.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian: 85-142.
- Swan, Michael (1996). *Practical English Usage: International Student's Edition* (2.<sup>a</sup> ed.). Oxford: Oxford University Press.
- Swann, Joan, Deumert, Ana, Lillis, Theresa, Mesthrie, Rajend (2004). *A Dictionary of Sociolinguistics*. Tuscaloosa: University of Alabama Press.
- Tagliamonte, Sali A. (2012). *Variationist Sociolinguistics: change, observation, interpretation*. Sussex: Wiley-Blackwell.
- Toury, Gideon (1995). *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdão: John Benjamins.
- Twain, Mark (1991). *As aventuras de Huckleberry Finn* (2.<sup>a</sup> ed.). (M. Monteiro, Trad). Lisboa: Publicações Europa-América (Obra original publicada em 1885).
- Twain, Mark (1994). *The Adventures of Huckleberry Finn*. Londres: Penguin Books (Obra original publicada em 1885).
- Undolo, Márcio (2014). *Caracterização da norma do português em Angola*. Tese de doutoramento, Universidade de Évora, Évora, Portugal.
- Van Hofwegen, Janneke (2015). The Development of African American English through Childhood and Adolescence. In S. Lanehart. (org.). *The Oxford Handbook of African American Language*. Oxford: Oxford University Press: 454-474.
- Venuti, Lawrence (2008). *The Translator's Invisibility. A History of Translation* (2.<sup>a</sup> ed). Abingdon: Routledge.
- Williams, Tennessee (1956). *A Rosa Tatuada*. (M. Pina e. da Costa, Trad). Lisboa: Publicações Europa-América.

Wolfram, Walt (2015). The Sociolinguistic Construction of African American Language. In Lanehart, S. (org.). *The Oxford Handbook of African American Language*. Oxford: Oxford University Press: 338-352.

Xavier, Maria Francisca e Mateus, Maria Helena (orgs.) (1990). *Dicionário de termos linguísticos*. Lisboa: Edições Cosmos.

Zau, Domingos (2011). *A Língua Portuguesa em Angola: Um Contributo para o Estudo da sua Nacionalização*. Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal.

# Sitografia

*CliffsNotes*. Disponível em: < <https://www.cliffsnotes.com/> >.

*Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Disponível em: < <https://dicionario.priberam.org/> >.

*Infopédia: Dicionários Porto Editora*. Disponível em: < <https://www.infopedia.pt/> >.

*Longman Dictionary of Contemporary English*. Disponível em: < <https://www.ldoceonline.com/> >.

*Merriam-Webster Dictionary*. Disponível em: < <https://www.merriam-webster.com/> >.

*Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Disponível em: < <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues> >.

*Michaelis Moderno Dicionário Inglês & Português*. Disponível em: < <https://michaelis.uol.com.br/moderno-ingles/> >.

*The Free Dictionary*. Disponível em: < <https://www.thefreedictionary.com/> >.